

ARMÁRIO 03

O Futuro (228)

SÃO LUÍS - MA

1881  
PRAT: 402

Jun. 1901

# O FUTURO.

## OPÇÃO DE PROPAGANDA PROGRESSISTA.

Colher os frutos da arvore do saber—eis a pretensão da sciencia; pouco lhe importa que sua conquistas prejudiquem ou não as plantações da fé.  
HARTEL, Historia da creação dos seculos organizados.

Propriedade de M. BÉRNARDINI.

### ASSIGNATURAS

Trimestre	30000
Semestre	60000
Anno	120000

Maranhão, 16 de Junho de 1881.

### PUBLICA-SE

TODAS AS QUINTAS-FEIRAS.

Redacção á rua Formosa n. 30.

### O FUTURO.

MARANHÃO 16 DE JUNHO DE 1881.

I.

Estava em fogo a Europa. Um povo erguera-se do sono em que se deixara libertar os membros dos laços da escravidão. Reis, nobres e sacerdotes haviam-se colligido para lhe fazer uma guerra d'exterminio. E em meio d'esta luta d'um povo contra a realza, da humanidade contra o despotismo, Goethe deixava cahir dos lábios esta grande verdade.—Uma nova era começou para o genero humano. E começou. Sob a pressão esmagadora d'uma forma social tyrannica, debaixo da rapina vestida com as roupagens de monarchia e de religião, a humanidade gemera. Gemera como gêmeo o forçado, tendo no pé a grilheta da escravidão. Gemera, porque ella—a humanidade—o grande colosso que faz na terra impossivel, vira no seu seio estabelecer-se o seio infante. A familia humana, fraccionada pela força e pela impostura, tornara-se o theatro da injustiça. O grande corpo social estava dividido em dois grupos distinctos. Um—o nobre—que vivia do trabalho alheio. Um—que era explorado, o outro—que explorava. Um—que era o povo; o outro—que se compunha de nobres, sacerdotes e reis. E nobres, sacerdotes e reis esmagavam o povo.

E trez eram as armas d'este despotismo nefando—a espada, a excommunição e a coroa. Com a espada, forçava-se o homem á servidão; com a excommunição, embrutecia-se o moral humano; com a coroa, estabelecia-se na terra a ULTIMA BARRICADEIRA—o castigo. Eram trez armas gigantes, brandidas pelo braço dos pigmeus.

A humanidade, o povo, supportara por largo tempo o peso do monolitho da rapina. Supportara-o, mas arindo gradualmente forças para poder arrojá-lo dos hombros. Crescera debaixo da escravidão, como essas plantas que, em quanto vivem, vivem á sombra. A planta, quando toca o apoio de seu desenvolvimento, busca o sol. A humanidade buscaria a liberdade.

Buscou-a. Um dia sentio-se forte. Ergueu-se. A montanha que lhe vergava o dorso revalou. Encolado novo, sacudiu de sobre si a massa de granito. Quando a sacudiu, deu nascimento a um volcão—a revolução. O volcão lá devorava a montanha. O grande corpo dos homens que trabalhavam—o povo, lá por sua vez destruiu os parasitas. Começava o combate do direito contra a força, da verdade contra a impostura.

A luta foi sangrenta. Um estandarte vermelho tremou sobre a frente dos povos. A humanidade, que renascia, precisou d'um baptismo de sangue. Noventa e trez deo-lhe esse baptismo, d'envolta com a liberdade. Como a creça que, para viver, precisa romper o seio materno, só com o sangue se pôde dar ao genero humano a liberdade. Os brancos tinham que morrer para que o povo vivesse. Elles queriam matar a liberdade. A liberdade matou-os.

E quasi um seculo nos separa d'esta época da emancipação da humanidade. A obra principada por noventa e trez tem-se continuado através dos tempos. A luta sangrenta do despertar do povo succedeu a luta moral do homem que quer ser grande, contra as instituições que o querem fazer pequeno. O passado, a escravidão, a ruína, ainda disputam o passo ás gerações que s'elevam. O edificio que se desmorona ameaça com suas paredes derrocadas esmagar o progresso que o assalta.

Ha uma batalha campal entre a liberdade que nasce e a tyrannia que morre. Não mais é com o canhão, não mais é com o sceptro, não mais é com a thsira, não mais é com a guilhotina, que o combate se trava. Ao prelio material, substituiu-se a batalha d'ideias. A ideia é a arma que empunham os combatentes do progresso contra a impostura que procura manter-se. Não mais se quer o sangue do adversario. Não se o mata—instruio-se-o. Não se o decapita—moraliza-se-o. E se o sangue ainda por vezes molha a terra, se ainda a espada vibra seus hotes, é em nome do futuro que se luta. Não se quer esmagar. O povo já não pensa em guerrear o passado. Elle ambiciona construir o futuro.

Como o Híndio que, respeitoso, trilha os bancos do Hymalaya, cujo cumo as nuvens lhe encobrem, e que, a meio de sua ascensão temeraria, se volta para contemplar a planície de que parte, como para beber no magico panorama, que se desrola a seus pés, a coragem e o alento para continuar sua marcha ascensional, assim a esta marcha fatal—o progresso, a humanidade, que sobe, procura, na contemplação da distancia que a separa do passado a força de caminhar para o futuro. A estrada é íngreme, e os passos do genero humano, ainda são vacillantes. Elle precisa saber o que conquistou para se preparar para novas conquistas.

O presente é a ladeira arida que conduz ao porvir. N'ella se movem as gerações que querem ir além. E o presente é o oceano revolto em que as ideias se cruzam, em que os pensamentos se chocam. Cadinho de fusão enorme, tem em si confundidos, misterados, os germens de tudo quanto é grande, de tudo quanto é bom. Ha por cima d'esses germens a nevoa do problema ainda não resolvido. Mas os germens hão de crescer, e o que é hoje o problema moral e religioso, o que nós consideramos a questão da religião, o que appellidamos com os nomes de sciencia e de arte, livres de toda a nevoa que os encobre, desdobrar-se-hão como verdades demonstradas ante a luz radiante do futuro.

Appressar o desenvolvimento d'estes grandes germens, estudar estes enormes problemas, é actualmente o dever do homem que pensa.

Deixai que vos fallemos d'estas magnas questões.

### II

O PROBLEMA MORAL E RELIGIOSO.  
O desenvolvimento progressivo de um elemento religioso em meio da vida dos

povos é, ha seculos, um desses factos sociais que mais tem attraído a attenção do pensador. Estudar como esse culto pelo sobrenaturalismo germinou e se propagou ao seio do genero humano é uma empresa que sempre agradou ao philosopho. Estabelecer sobre a analyse conscienciosa dos factos psychologicos, a origem d'essa corrente d'ideias—a religião, é uma pretensão que agrada a todos os espiritos cultos.

Variaão as religiões que hoje possuem a terra. Desde o indo-europeo christão ao negro fetichista, existe uma cadeia incommensuravel de cultos. Em todos esses cultos ha uma feição commum—a paixão pelo sobrenaturalismo. Todos divagam no mundo das abstracções. O fetichista cre n'uma entidade sobrenatural occulta no fetichio. O christão, nas formas da materia fatalmente organizada, imagina uma força externa d'ella independente. Nenhum se contenta com o real. Todos vão em busca do immagnario. E n'esta indagação ingrata, atraz d'um mundo impossivel, o homem ha por vezes travado o dominio do delirio.

Nos ultimos degraus da especie humana, nas bordas selvagens em que impera o sensualismo, no homem que pela sua organização se aproxima do anthropoide, no ser para quem não existe definido o estado social, a religião não existe. N'esse periodo da nenhum desenvolvimento intellectual a necessidade de abstracções não se faz sentir. O cannibal não tem moral, ou, se as vezes a tem, é sporadicamente. No cerebro em que não rebatoa a consciencia, torna-se impossivel a religião.

O agrupamento d'individuos reunidos pela necessidade de viver em commum, dando nascimento á lei social, foi tambem que gerou a religião. A imposição da lei humana para conter as paixões e vícios dos membros do vasto corpo social, é que suggeriu nos espiritos a ideia de dominar os homens por meio de treanças em forças superiores ao mundo material. A barbarie, que caminha para a civilização, julgava indispensavel gerar o homem por meio d'illuções. Acresce a isto que a linguagem por suas formas varias personificava os phenomenos que se davam na natureza. Os mythos nascidos d'ella iam reinar sobre a humanidade.

Na progressão enorme do homem que busca o bem, na senda arida que conduz á civilização, esta disposição dos espiritos a aceitar a prepotencia do sobrenaturalismo para governar as acções humanas, tornou-se um facto demonstrado. A moral, para estabelecer-se, precisou d'esse auxiliar. A consciencia subiu á posição de um juiz severo sob os auspícios das abstracções religiosas. A religião foi uma necessidade.

Abandonando os povos que pouco se elevaram acima da barbarie, desprezando as raças que não progrediram, no plano immenso da historia duas civilizações se erguem, em que o mytho religioso tomou mais gigantes proporções. Queremos fallar das civilizações arya e semitica. N'ellas duas é que buscaremos o movimento religioso.

O mais longe que pode alcançar o

pensamento humano, no marimmense da historia, duas raças ou antes civilizações se apresentaram. Uma—a khamo-semitica; a outra—a indo-europea. Ambas tem em si a sede enorme do aperfeiçoamento humano. Uma—a khamo-semitica, com seu polytheismo severo que conduz ao atheismo, como seu espirito ardente de synthese, com a fixidade espantosa de suas linguas, de seus usos, de suas instituições, com a severidade autoritaria de seu estado social, caminha para o porvir n'uma marcha lenta, mas igual. A outra—a indo-europea, com seu polytheismo risonho com que enfeita a natureza, com sua philosophia especulativa, com o espirito profundo da analyse, com a riqueza de uma imaginação exuberante, com as formas extremamente moveis de sua linguagem, de seus costumes, de sua litteratura, de suas instituições, precipita-se através dos tempos n'uma marcha desordenada. Ambas buscam a perfeição, mas por caminhos diferentes.

E só no seio destas duas civilizações enormes que a ideia religiosa tocou seu apogeo. Aryanos e semitas abraçaram-se ás formas religiosas. Os primeiros basearam-se em um deus unico, o deus de todas as forças que agitam a terra. Descerem á analyse das forças materiaes. Atraz de cada corpo puzeram um deus. Os segundos, dominados pelo meio agreste em que viveram, fizeram uma synthese enorme. Personificaram o mal e o bem. Fizeram principio o dualismo. Mais tarde construíram o monotheismo. Chegaram á unidade cosmica pela religião, quando o indo-europeo só concebera a unidade universal pela philosophia.

Essas duas correntes d'ideias longo tempo se disputaram o mundo. Na Chaldéa, na Assyria, no Egypto, na Grecia, em Roma, travaram uma luta descomunal. A concepção oppunha-se á concepção, a forma religiosa semitica oppunha-se á arya. Monotheismo e polytheismo lutavam-se no scenario immenso da terra. O primeiro—com o vago de suas abstracções, com a immobibilidade de seus pensamentos; o outro—com a pretensão de tudo analysar, de tudo decompor do tudo explicar. D'um lado estava Jehovah, do outro—o Olympo.

O culto de um só deus, a aspiração ao conhecimento de um ser unico que reger os destinos do universo, é uma ideia grandiosa que seduz a mente humana. Referir a uma só causa, a um só principio, todos os effectos, todas as consequencias é uma synthese sublime. Mas este sublime pecca pela base. O semita não estrudara a natureza. Sua concepção abstracta estava em contradicção apparente com o mundo material.

A decomposição das forças naturaes personificadas pelo polytheismo, é um trabalho intellectual que demanda sua analyse minuciosa. Calcular diferentes causas, segundo diferentes effectos, é um trabalho logico. Pecca por sua base. Multiplicando as causas, não se a descolou no mundo physico. Nesse então, como em Homero, tratou de lutar os deuses.

Lembra, porem, d'estes dois systhe-

mas, que a natureza é uma coisa santa—a moral.



Semitas e arianos entretinham-se a sombra de seus altares. A religião desenvolvia-se caminhava para implantação da moral.

Um dia accharam-se froute a froute as duas civilizações. Foi quando Roma com suas garras se apoderou de quasi todo o mundo. De choque das duas ideias, do encontro das duas massas, gerou-se um cataclysmo de luz—O christianismo.

Semitas e arianos reuniram-se a pé da cruz. As ideias cruzaram-se, fundiram-se, amalgamaram-se. Uma nova civilização ia despojar, composta de dois elementos oppostos. Essa civilização aspirava a fazer de todos os povos uma familia, e tendia a abanquillar os odios de raca a raca, de povo a povo, de nação a nação. A humanidade dava um abraço fraternal e caminhava de mãos dadas para o porvir.

Foi uma grande epoca. A liberdade, a egualdade e a fraternidade de pontaram nos horizontes. A moral, na sua evolução constante contou mais uma conquista.

Como religião formada de forças oppostas, o Christianismo movendo-se através dos tempos ha confundido o homem ao seculo actual. Cheio de erros como todos os systemas religiosos, seja do sangue que tem derramado, maculado pelo impostores que o tem viriado, não ha realizado a obra que seus comegos prometteram. Transformou-se em instrumento de oppressão na mão dos tyrannos, e tolheu os progressos do entendimento humano. Como o lamismo—seu irmão na Asia, ha sido o adversario da sciencia e do bem social. Tem emagradido os povos com suas doutrinas, ha delapidado as gerações com as rapinas de seus ministros.

Como porem todo o mal tenha por contraposto um bem, a sombra do christianismo ha forido a moral. A consciencia humana elevou-se, e a vida social baseada no direito, embora imperfecto, caminha para um estado de felicidade. O sobrenaturalismo religioso já não se torna necessidade para a oppressão do corpo. O crime tem como unica castiga a consciencia. Ella é que o mata em nome da humanidade que se aperfeiçoa.

A existencia de toda e qualquer religião em nossos dias, quando ella se apresenta revestida d'ideias sobranaturalmente dogmaticas, é o que se pode chamar anachronismo. O homem que pensa repelle todas as theologias, e só aceita a religião que com seu culto enfeita o que ha de mais bello—o amor do bem. Despreza a forma. Só quer a substancia.

Como, porem, todas as intelligencias não estejam claras, como, porem, ainda seja necessaria a religião, dá-se a noção. Dê-se, porem, a religião que não força a crer em absurdos, que não deturpa a razão, que ensina a amar o proximo, que prega a sagrada divisa de noventa e tres.—Liberdade, Igualdade e Fraternidade. Dê-se essa religião que faz o homem bom, que o encaminha para o bem.

O Christianismo de todas as cultos, é o que mais se adapta a vida humana. Tiem-lhe os farrapos com que o vestiram do Catholicismo. Pospem-lhe o peso de sentir nos hombros um Papa. Deixem de transformar em meio de manter os parasitas á custa dos que trabalham. Harmonisem o seu Deus colérico com a natureza benigna. Haja menos sacerdotes, e mais homens. Estabeleça-se uma religião de progresso, que não tenha thirsas, excommuniões, fogueiras e Syllabus. Caminha a religião de mãos dadas com a sciencia. Haja um culto por esse infinito em meio de que o homem está mergulhado, e esse infinito que a razão não pode até hoje medir senão pela palavra Deus. Haja a religião, mas a religião que faz o homem bom.

E' no seio do futuro que essa religião aguarda o homem.

A humanidade, resolverá o grande problema.

No futuro está a perfectibilização da consciencia humana.

III O PROBLEMA SOCIAL E POLITICO.

O desabar do edificio monarchico-aristocratico que durante seculos se mantinha na Europa e nos paizes que o Europeu colonizou, em fins do seculo passado, ha completamente transformado a face social das nações. A transição das formas aristocraticas para a democracia, a conversão do direito da força em lei reguladora da vida social, o desenvolvimento rapido das artes e da sciencia, ha implantado em meio das gerações modernas uma nova ordem de coisas. Essa ordem é um estado transitorio que não realisa senão imperfectamente as aspirações humanas. Conjunção das ruínas que o passado deixou e a humanidade como um monumento social e politico. Ia não é o mal, mas ainda não é o bem.

A exploração do homem pelo homem foi, em todos os tempos, a lei reguladora do passado. As sociedades organisadas autoritariamente prestavam-se pela sua forma a essa exploração enorme. O corpo social tinha em si dois elementos: um—productor; o outro—consumidor. D'um lado estava o trabalho; do outro—o paupere. O trabalho era o povo que vivia na miseria. O parasitismo era o rei, o nobre e o sacerdote que passavam a vida na opulencia. E o parasitismo para impor-se á tinha uma lei—o direito da força. Era com a força que elle mantinha a sua rapina. Coroa de rei, throno de Papa, espada de nobre, crânio as ferramentas com que se roujava ao povo o producto de seu trabalho, as algemas com que se o conservava na escravidão.

A exploração do homem pelo homem, a humanidade opprimida, quando a revolução rebentou, indicava claramente qual pezo havia sido para o povo a vida social. O povo soffrera, e quando a tirania dos nobres e a rapina que o sustentava, teve um grito de raiva contra os tyrannos. Lançouse contra elles, e não se fôr a revolução, não se levar as vestígios da sua escravidão. O povo não se contentou com que os nobres se odiassem entre si, e a revolução transformaram a revolução em um combate sangrento.

O fervor por essa luta cessou. Decorrido o primeiro periodo da revolução, os olhos da humanidade voltaram-se para um outro ponto. A organização social que no passado dera lugar ao despotismo atrahiu a sua attenção. Todas as instituições sociais compareceram ante ella. Todas as theorias abstrahim um caminho novo no cerebro humano. A necessidade de uma reforma completa no direito commum de todos os povos fez-se vivamente sentir. Não só convinha matar o despotismo no presente, como eradicá-lo no futuro.

Organizar a sociedade sobre um plano inteiramente novo, harmonisar os interesses de todos os seus membros, impedir que as pretensões de cada individuo levassem a causa publica, estabelecer a liberdade politica na esphera do justo e do honesto, elevar á categoria de uma necessidade social a igualdade perante a lei, estreitar a familia humana pelas laços de uma fraternidade baseada n'uma instrução moralisadora, dar ao povo soberania, tal foi a espezca que uma revolução commettida ao seculo actual. E o seculo XIX, apesar da revolução da sciencia e da arte, ainda não desappareceu esta missão.

A organização social de nossos dias sente-se de todos os defeitos do passado. Nem a liberdade, nem a igualdade nem a fraternidade existem em meio dos povos modernos. Ha uma melhora sensivel nas instituições, mas essa melhora não compensa as lutas que o homem supplica para viver. Quer nas formas monarchicas constitucionaes, quer nas republicanas, os vícios sociais são os mesmos. Ainda não existe o direito de cada mes-

bro desenvolver a sua individualidade. O homem é ainda explorado pelo homem. O trabalho é ainda productivo para o parasitismo.

Não é isto dizer que o direito não existe absolutamente. Ha-o, mas insufficiente, vago, insupplivel ao melhoramento da vida dos povos. Constitucional—regula a soberania do povo, mas de uma maneira tão vã que torna possível a oligarchia. Civil—põe a propriedade ao abrigo da invasão, mas esquece garantir a mais santa das propriedades—a vida. Criminal—estabelece penas para os crimes, mas não procura senão vingança do criminoso, esquecendo corrigir-o. Este direito não pode dar ao homem a facilidade de se manter livremente. E os impostos direito de repressão. Não é reprimindo a humanidade que se o torna a trabalhar.

O facto reconhecido da soberania popular ha, entre as nações modernas, estabelecido a representação nacional. Mas esse governo do povo não existe. O censo eleitoral reconhecendo votante a cidadã segundo uma taxa fixa, aquilantando-lhe o voto pelo rendimento, resbala ao proletario, a maior parte da nação, o direito de se governar. Os ricos e o aventureiros são os unicos que imperam neste estado de coisas. Governam para si, e a grande parte do povo, esquecida vive esbaldada de seus direitos.

O direito de propriedade, como o comprehendem actualmente as leis, é o que se pode julgar de irrisorio. Protegendo a casa, as terras, a fabrica, os capitães do cidadão, não lhe protege o conteúdo a vida. O direito de viver sem-tudo não existe senão para o rico. Ao lado do palacio do capitalista, que passa seus dias nos jogos, expira o operario que morre de fome por não ter trabalho. Na vida social existem esses dois extremos oppostos—o mais das vezes, para os seres inuteis—para os que nada fazem, e o pauperismo—para os lutadores da vida social—para os que trabalham.

Esta antithese hedionda, que se mantém entre uma parte da humanidade, que é feliz, e a outra parte, que é infeliz, é uma das maiores noções do seio da sociedade hodierna, que ainda protege o parasita. O parasita, quer seja rei, sacerdote, fidalgo, industrial deshumano, ou capitalista avaro, é um flagello a que se não deve sacrificar a humanidade. Que o povo se reúna para expulsão de seu seio, que o povo se trabalhe justo, que forme cada homem util a si e á sociedade.

Os remedios até hoje encontrados para destruir a miseria social—cifram-se apenas n'uma—a esmola. Mas a esmola é palliativo. E' menos até que um palliativo—é um mal. Ella faz nascer o orgulho naquelle que dá, e rebentará a inveja no que recebe. Desmoralisa em pobres, augmenta-a. Em lugar de esmola dá trabalho ao homem. Nobilita-o em vez de o humilhar. Pensa que todos os filhos de mendigos degenerarem em ladrões e assassinos. Habitua-os a pedir, mais tarde vão exigir.

O sistema de penas contra os crimes resente-se de uma incoherencia enorme. A sociedade, ao criminoso, pune o crime que fez nascer. Accusa-o de uma falta que o impellido. Não o havendo moralizado, não lhe havendo dado instrução, não havendo posto barreiras ás suas más paixões, vai pedir ao homem contido que elle originou! Seria ridiculo se não fosse sumamente inhumano.

A organização da familia, pequeno grupo elementar da sociedade, existe no mesmo pé de imperfeição. A mulher, transformada n'uma machina de obediencia, n'um ser futil, n'uma eterna creanga, falta d'instrução, privada de direitos, sem ter os meios de prover á sua propria subsistencia pelo seu trabalho, incapaz de ser educadora, nada organiza-

ção seja viavel, nada prepara que seja bom. Impotente para o bem, liougençada para o mal, arrasta uma vida em que as facilidades intellectuaes e moraes se não desenvolvem. Tudo o que é nobre e bom é velado. A familia que ella formar ha é um monstro social.

Subretudo a condição precaria da mulher, que torna odiosa a sociedade actual. O homem deixou a mulher uma só obrigação, ao passo que a si todas deu. A mulher, raro pode trabalhar para viver. Tem forçosamente que viver do trabalho alheio. Forçada a ser parasita, quando a sua única—o casamento, falhar, ella cairá na prostituição. E é a sociedade que a força a prostituição.

O problema social e politico da vida dos povos ainda vive mergulhado nos vapores das theorias que se partilhamo mundo. A sociedade hodierna ha descurado resolver-o. Ella cerra os olhos ao estado de sua falta enorme. O homem ainda não é feliz, a sociedade não é moralisada.

Esperamos do futuro a extincção d'esses males.

IV A SCIENCIA E A ARTE.

A evolução da humanidade através dos tempos é uma liada para a qual não ha fimero possível. Participa da epopeia e da historia. Da epopeia tem a acção unica da humanidade se desenvolvendo, e o sublime das lutas do homem contra as forças que o circundam. Da historia recebe o encadeamento severo dos factos pelos quaes a humanidade caminha á conquista do bem estar social. É um poema fundido com uma chronica.

D'esta epopeia enorme o primeiro canto perde-se nas brumas dos tempos historicos. Ahí, na selecção lenta pela qual o homem se destaca da animalidade, ahí, nos primeiros sillex que a mão humana trabalhou, ahí, na acquisição gradual da linguagem, ahí, nas primeiras sociedades que o interesse individual se desenvolveu, ahí, nos primeiros vestígios do pensamento que nasceu no cerebro humano, ahí está o proemio do poema da evolução. A grande obra começa a desenhar-se, e a natureza—o poeta por excellencia, vibra as primeiras cordas da razão humana.

Depois nasce o crepusculo da historia. A humanidade crescendo vai deixando na terra o vestigio de seus passos. A sciencia e a arte nascem como mundos de luz. Semelhantes a uma avalanche enorme ellas vem rolando do passado até nós com o estrepito de uma marcha triumphal. São ellas que fazem a evolução, são ellas que a caracterizam.

Exhumar no passado o que a arte e a sciencia foram é um trabalho gigante, senão impossivel. Desnecessario é fazel-o. Quem não conhece estes dois infinitos? O genero humano ainda não é cego.

O que seja a arte, o que seja a sciencia não se desenha—vê-se. Basta lançar os olhos para o nosso seculo. São ellas que o dominam com sua estatura colossal. Não precisais do livro para conhecel-as. Olhai para o oceano?—vereis o vapor. Contemplai o céu?—achareis Laplace e Newton. Considerai a luz?—encontrai Daguerrre. Treméis do raio?—lembrai-vos do Franklin. Pensais no mundo organizado?—encontrareis Darwin. Philosophai?—achareis Hegel, Schopenhauer e Bushner. Pintais a natureza?—olhai para Courbet. Desenhais o homem?—estais face a face com Zola. Queris conhecer o infinito?—Beijai a mão de Hugo.

Por toda a parte em que o homem lança as vistas a sciencia e a arte ante elle surgem. Bellas como o que de mais bello se pode conceber, são as verdadeiras divindades de homem, porque são ellas que o fazem bom.

Apesar do todo o brilhantismo d'estes dois colossos que se erguem radiantes, ha coisa tudo nos seus perfis variadas sombras. Nem a sciencia conhece toda a



verdade, sem a arte estudou toda a natureza. Sobre ellas pozam tambem o despotismo. Foi elle que lhes deixou estas maculas na fronte. O progresso lava-as nodos.

O que falta á sciencia saber, o que a arte ainda não reproduziu, occulto nas dobras do futuro. Já o presente estuda essas questões. A solução vem proxima. Que venha em nome da humanidade.

V

O que acima se ve um esboço. Como desenhistas nós vamos a estrada que vamos percorrer.

Fundado para difundir as ideias modernas, nossa jornal tem um programma unico—trazer do que é bom, do que é util, do que nobilita o ser humano. Vós viestes a mim o que pensamos. Estudai na synthese o que seguimos na analyse. Na synthese encerramos as ideias que vamos explicar.

O seculo XIX é um seculo de luz que está construido o porfir. Nossa obra gigante queremos traçar sobre os seus fundamentos. Deixai que trabalhemos.

Consenti este trabalho nos pignons. O zoophilo fez outro hora muradas.

Tribuna Sagrada.

Tomamos hoje a liberdade de fallar do Exm. Sr. D. Antonio como tribuna sagrada. Seja nos licito dizer que a nossa independencia e liberdade poderão provar ao publico que não temos em vista si não comentar factos.

Qual é o papel de S. Exc. Rev. no pulpito? Eis uma pergunta que com rem não uma resposta immediata; mas uma analyse dos dotes intellectuaes de S. Exc.

Os illustres philologos francezes de Port-Royal definem a grammatica de uma maneira altamente logica e concisa—arte de fallar.

Convem saber si S. Exc. falla, no dicto da lingua, isto implica correccão na lingua, e nos principios de logica.

O Sr. D. Antonio falla? somos obrigado a dizer que não; o que passamos a provar com alguns topicos do seu discurso pronunciado na noite de 29 de maio.

«Eu foi, meus caros irmãos, nomeado para bispo desta diocese, não obstante a minha indignidade». Este trecho apanhamos a lapis;ahi como se vê, não ha observancia grammatical, deixando trasluzir um grande solecismo (Eu foi) vicio commum de pessoas que mal leem. Apanhamos ainda o seguinte trecho que por ser de uma metaphisica extraordinaria escapa-nos á apreciação, e por conseguinte vai sem commentario.

«Para que vá a vossa gloria, irmãos fieis, celebrar a vossa gloria.»

Ora reflectindo seriamente sobre os tantos primores é para exclamarmos.—O Sr. D. Antonio não falla!

Poderão orgão catholico dizer o contrario? Creemos que não; tanto assim que appellamos para o publico que milhares de vezes tem assistido ás predicas de S. Exc. E se acaso a folha clerical fôr contra o que acabamos de dizer peccar contra o Espirito Santo, peccar que—contradiz uma verdade conhecida por tal. Neste ponto servio-nos de arma a própria theologia.

O Sr. D. Antonio não falla, por outra, o que diz é sem neto, abundante de batologias e de outros vicios de construction; as regras de concordancia são por S. Exc. despresadas, ponto do adjectivo não concordar com o nome, nem o verbo com o sujeito.

Não fallamos despetado; a nossa imparcialidade está acima de todo e qualquer commentario.

Teriamos grande prazer se registrassemos nas columnas do nosso periodico um rasgo de eloquencia do Sr. D. An-

tonio. Porque faria-nos crer que a eloquencia sagrada não morrera em Bossuet, Bridaine etc.

Se S. Exc. não dispõe dos recursos da sua lingua, poderá interpretar as leis ecclesiasticas, ser um sacerdote que prolongue os curtos dias da igreja catholica, ser finalmente o representante do poder espirital?

Não? S. Exc. semelhante ao Moyzes do mytho hebraico, não falla e precisa de um novo Arão.

Visto isto, podemos continuar o nosso estudo, apreciar as bellezas do estylo de S. Exc. saber si elle pertence ao genero simples, temperado, ou sublimo; si ha concisão na phrase, laconismo no pensamento? Podemos saber si S. Exc. falla como o sublime Homero, ou a oratoria como o illustre Poudhon?

Infelizmente o silencio é a unica resposta porque já dissemos—S. Exc. não falla!

O Sr. D. Antonio censura muito Port-Royal porque exige um impossivel! Sem um impossivel, exclama o nosso prelado.

Seremos condescendente. O Sr. D. Antonio pode fallar da maneira que lhe convier.

Por hoje nos occuparemos de um ponto do mesmo discurso pronunciado na noite de 29 de maio.

Disse S. Exc. «Meus irmãos, si a religião de Maria Santissima não é uma invenção dos nossos dias, porque não havemos de acreditar?»

Eis uma das maiores heresias, condemnada pela igreja.

Um bispo dizer que Maria Mãe do Christo é uma invenção dos antigos! Um bispo disse que a religião de Maria não é uma invenção de nossos dias!

Onde está a celebre congregação do Indez?

Ora, Exm. Sr., deixo aos racionalistas e materialistas o offuscar lecto, que aia e lauro. Deixo que Dugos Volney, Strauss, Woiston, protem exuberantemente o mytho de Maria. Mas não concordamos que do alto da tribuna sagrada parlião estes principios.

O Christo, hoje não admittimos, não como uma entidade mythica, e asseira seria pensar o contrario. Achamos a moral dos evangelhos bella, e admiramos as sublimidades da Iliada. Quanto ao auctor dos evangelhos ser Christo, e o da Iliada—Homero, isto pouco nos incommoda, porque Christo e Homero, a nosso ver, são dous collectivos, dous nomes que abrangem duas epochas distinctas na historia dos povos. Homero symbolisa o conjunto de uma escola poetica da Jonia que floresceu ha muitos seculos; é esta a opinião do illustre critico allemão Wolf.

Estudando a maneira de encarar os factos da grande critica citada, somos logicamente obrigado a dizer que o termo collectivo Christo, assigna um periodo em que as traducções arianas se consorciarão com as semiticas. Christo e Homero forão os maiores mythos.

Celso, Juliano a quem a igreja concedeu o glorioso titulo de—Apostata, Luciano e muitos outros philosophos, os antigos, os novos, os philosophos que contestarão a existencia real do Christo.

Em nossos dias, segundo a theoria das causas efficientes, isto é, das causas materiaes, physico—químicas, rejeitamos o sobre natural como verdadeiro obstaculo aos progressos das sciencias empiricas.

Admittir o sobre natural na sciencia é tornal-a sujeita aos caprichos da theologia. Tudo o que não existe na natureza, diz Scherer, por cousa alguma deve ser tida; este principio por entre o passado e o presente um grande abysmo.

Não me parece incrível o apparecimento de um mytho como o do Christo, n'um periodo em que a historia da humanidade parece marchar a passos seguros, como na epocha dos imperadores romanos. Vamos provar a nossa asserção.

A historia dos Machabeos é um contacto de sobrenaturalidades. E saiba o leitor que estes forão os ultimos tempos antes do apparecimento de Christo. N'um combati, Deos com o desejo de proteger o grande Machabeo, enviou da manção celeste uns cavalleiros, armados de couraças, e cavalgando sobre bos ginetes! Ora está!

Se o Rv. padre Fonseca nos poderá dizer como estes mancebos atravessarão a espaço ethereo a cavallo.

Quando não mandou o illustre observador a espaço ethereo em uma viagem, para ao certo saber da temperatura dos espaços planetarios!

Antes de terminarmos, observamos ao Sr. D. Antonio que os seus devotos não são christãos! são verdadeiros fetichistas, como o são os negros do occidente da Africa? Faça ver S. Exc. em suas praticas em que consiste este modo grosseiro de adoração, do contrario firmos creer que S. Exc. tambem é fetichista.

MISCELLANEA.

Com este titulo abrimos hoje uma secção, em que lançaremos pequenos escriptos, que, á primeira vista sendo simples pilherias, são contudo gracejos, que dão lugar a serias considerações. É inutil dizer que nesta, como nas outras secções, serão completamente excluidas todas e quaesquer alluzões a individualidades.

N'uma sala de baile, um sympathico e illustre maranhense deu um aparte interessante, quando trouxeram para o salão uma discussão religiosa a celebrada em theologia dogmatica.

Nunca tratou á base destas questoes religiosas a theologia, porque ella tem sempre accepta uma vida de rebo, que se chama Fé.

Quando em nosso seculo todas as sciencias vêm a barra da discussão, exigindo em demonstração de seus principios a severidade das mathematicas, uma que se pretende sciencia—a theologia dogmatica, occulta-se nas nevas d'um oceano d'improbabilidades.

A sua unica prova é—a fé, e a fé, como todos sabem, é a carencia absoluta de provas.

O boletim da Civilisação de 2 do corrente diz que a rapaziada de hoje quer transformar a igreja em theatro.

—O que vem a ser a igreja senão um theatro?

—O que é o sacerdote senão um actor?

—O que é o sermão senão uma scena dramatica ou comica?

—O que é a missa senão uma comedia?

Ora, Srs. redactores da Civilisação, não nos forcem a explicar a analogia completa, existente entre a igreja e o theatro.

Para provar o contrario basta dizer que os apóstolos que na igreja, ha no theatro tambem. Existe uma unica differença—é que no theatro explora-se a arte e na igreja explora-se a religião!

Isto ninguem pode contestar—é a realidade pura.

Poros a igreja de Santo Antonio e lá tivemos o desprazer de ouvir uma orhestra, em que a musica era horrivelmente sacrificada. Havia uma verdadeira negação da harmonia.

Quando na casa de Deus é preciso todo o acatamento, como consentir que uma musica discordante force os assis-

tentes a sair da placidez requisitada para a augusta harmonia? O catholicismo foi sempre amigo das artes (desde a Reforma para cá), e um amigo dellas não deve consentir sacrificio de uma das mais bellas—a musica.

A Civilisação acaba de fornecer a historia da humanidade uma pagina de luz. Depois de vastas indagações, depois de varios estudos historicos, depois de um trabalho igual aos de Thierry ou de Herculano, descobriu que entre todos os padres de Santo Antonio, Alexandre VI foi o que mais tem sido alvo de improprios e accusações atrozes da parte dos Desembaralhados do Occidente do Atlantico.

Oh! grandes homens, onde não ireis com vosso grandioso systema de perquisas? Quem não pasmará de vos ver illuminar os horizontes da historia!

Continuai na vossa empreza de aclarar os horizontes humanos. Reclama o vosso genio a obscura historia da beocia. Descei lá com Pedro Baptista, e talvez que um dia vossoos trabalhos archeologicos façam saber a humanidade que nessa terra antiga a viola era tocada tão bem como se o fosse por qualquer organista de Santo Antonio.

Um sacerdote disse, em certo dia, a um nosso collega que a religião do crucificado é cheia de tecidos tão delicados, que não são para os nossos olhos.

—Quaesquer que sejam os tecidos de que fallou o religioso em questão é necessario confessar que não entram na classe daquelles que conhecemos. Que as religiãos são teias onde a razão se embaraça como a mosca na da aranha—é facto incontestavel.—Porem que baja utilidade para o homem em emaranhar-se nesses tecidos—eis o que negamos.

Numa audiencia passada: Juiz—Qual é a sua profissão? Testemunha—Filho natural desta cidade... Magnifico!

—Apezar de todo o trabalho intellectual de nosso seculo, apezar das luzes da sciencia, ainda hoje a instrucção não baixou ao povo. A linguagem vive descuidada, e a significação das palavras, por quasi todos desconhecida, dá lugar a estes equivoques, que alguem acharia engraçados, mas que nós consideramos bem tristes, pois são a prova do nosso atraso intellectual.

N'uma botica um sujeito perguntou a outro—Quem mora em baixo daquelle sobrado?—D'um lado um marceneiro e do outro um imaginario.

—Que diabo vem a ser imaginario?

—Ora imaginario... é um typo que imagina um bonço, o qual depois de quatro benzidellas, n'uma igreja é vendido com o nome de qualquer Santo (da folhinha bem entendido), cujo retrato vê na physiognomia do mesmo.

—A religião é para quasi todos do idolatria ou antes um fetichismo. E' assim que o commercio de imagens, reliquias e medallas vive entre nós com o maior descaro. Ha muy poucos que conhecem a moral evangelica. Ha porrem muitos que beirão os pés das imagens. Será isto religião?

Porque razão o Dr. Mourão deixa cahir de seus evangelicos labios a palavra TORTURA, todas as vezes que ora no pulpito?

—A missão do pregador evangelico é fazer chegar ao coração dos fieis o verbo divino por meio da persuasão. Para que despertar o terror nas almas fallando-lhes em torturas? Para que recordar o bello tempo da...?

Ah! Não era assim que christo se



acercava de Magdalena e da Samaritana!...

Qual é o melhor emprego que pode haver? perguntaram a um typo gaúcho, ao que respondeu que o de fornecedor de lenha para o inferno.

Vade retro! Tal lugar apesar de ser rendoso, como julgamos, não nos serviria, porque só a vista magnífica e aterradora do inferno nos faria correr, e de mais a mais as caldeiras de Pedro d'Arbuz, queremos dizer de Pedro Botelho, metteriam horror ao primeiro de nós, que fosse lá, fazendo lembrar a Santa Inquisição—o inferno por excellencia.

H. de Buondelmonte.

Meia hora de conversação com o leitor.

SUMARIO:—Ter ou não ter espirito—Agradar ao leitor—Uma situação tentadora—A Civilização em camisa—Triste despertar—Explicação ao leitor—O P. Fonseca conhecido no inferno—Despedida.

Fazer nascer a gargalhada é um privilegio do trual. Qualquer clown o consegue em theatro de feira. Fazer nascer o sorriso fino, delicado, insinuante, eis o que só é possível aquelle que possui uma das cousas mais fugazes, mais brilhantes, mais difficeis—o espirito.

Com a feroz apparencia de um ultimatum, com a furia belicosa de uma declaração de guerra, com o perfil altivo de um cartel de desato, a nós, que queremos fazer nascer sorrisos, á nós, que abominamos a gargalhada chôcha, a pilheria indigesta, o qui pro-quo indecente, a chalaça grosseira, apresentamos-lhe esta questão—ter ou não ter espirito.

Ter espirito! Mas como tel-o leitor? Nós, que tomamos a liberdade de conversar contigo sem saber se és homem ou mulher, se és velho ou moço, se és progressista ou carola, se és beocio ou illustrado, se és bonito ou feio, o que te iremos dizer para te agradar, para divertir-te, para delectar-te? Que espirito podera ser. tão multiplo, tão variado, que consiga arrancar-te aos torpores da digestão, ás agitações da vida social, aos começos de uma somnolencia pertinaz, para te fazer sorrir singelamente connosco?

Porque, poshamos a cousa em pratos limpos, o que é ter espirito? Em que se cifra essa entidade que queremos te fazer sorrir? Nós aspiramos a agradar-te, nós necessitamos do teu dinheiro para nossa empresa, nós queremos a tua assignatura para nosso jornal, nós ambicionamos que tu nos julgues literato de primeira força, rapaz moderno, nós, nós pretendemos cahir nas tuas graças, identificarmos-nos com a tua pessoa, ser-te util como te são o guarda chuva, o porte-monnaie, o cigarreira, e finalmente tudo aquillo que tu julgas indispensavel.

Apresenta-se porem aqui uma difficuldade—harnozillar o espirito com o desejo de te agradar. Tu, provavelmente, leitor, és como são comumente os homens: tens uma molestia, uma enxaqueca, uma mazella que se chama amor proprio. Para te agradar temos que mentir-te descaradamente. Se fores feio, forcoso é que te chamemos um Adonis. Se fores beocio, necessario se torna que te chamemos illustrado. Se fores bispo (posição, que não favorece, muito o desenvolvimento intellectual) havemos de te chamar Excellencia. Se fores redactor de gazeta, temos de consolar-te ao nivel glorioso de um polemista insigne como o Rev. Mourão. Se fores philosopho, ver-nos-

hemos obrigado a comparar o teu perfil de calangro com a athletica estatura do padre Fonseca. Se tomares rapé, oferecer-te-hemos a caixa do Rev. conego Castro. Se fores admirador dos istros te aconselharemos a posição admirativa do Rev. Mira-sol. Se... Se... fores um pedaço d'asno, mandarte-hemos á confissão duas vezes por semana. Se... não nos leres, dar-te-hemos o gosto de passar algumas horas de insomnia.

Já vês leitor que agradar-te e te espirito, é, com todos os diabos! um impossivel. Se tal intenção tivessesmo, davamos-te a faculdade de dispor d'uma albarda em nosso favor, com tanto que tu não fizesse falta, porque, é forcoso dizer, não nos dáes a satisfação de nos fazer sorrir.

E' claro por tanto que não teremos espirito, nem conseguiremos agradar-te. Temos porem uma consolação. E' que tu leitor tens menos espirito do que nós. Queres uma prova?—Tens a paciencia de ler-nos.

Illo altas as horas da noite. Dormiamos placidamente na nossa rede. Tinhamos vindo d'uma dessas sessões da Maçonaria, em que se profere discursos, que começam por liberdade e terminam por fraternidade.

Haviamos estado assentado a uma mesa em que buscamos o conforto para mais implacavel dos tyranos—o estomago. Tinhamos voltado a casa forte, agil, robusto, mas com o desejo enorme de nos mergulhar nessa erudite prosaica, que responde ao none de somno.

E dormiamos pezadamente. Um somno de chumbo nos cerrara as palpebras.

Um torpor nos invadira o cerebro. Eramos uma massa inerte, jazendo no fundo da rede, prene de uma materialidade, que só tem como rival as condições da biblia hebraica.

A pouco sentimos um empanto agitar-nos no nosso doce abrigo. Abrimos os olhos. Tinhamos antes nós uma mulher em camisa! Mirabile dictu!

E ficamos pasmo, mais que pasmo—assombrado, mais, que assombrado—pudico. Porque, convem dizer-te, leitor, nós somos celibatario, nós damos sosinho, nós temos medo, mesmo muito medo, de uma mulher em camisa, e a mulher estava alli, erguendo-se ante nós como uma provocação lançada pelo inferno, como um ataque ás nossas virtudes severas, como uma tentação vomitada pelo abysmo.

E arregalamos os olhos. Nosso quarto frouxamente allumiado por uma lamparina de azeite de carrapao, nosso quarto sepulto n'uma meia claridade, transformava-se no scenario de uma tentação igual á do Genesis. Havia alli uma Eva,—e usas Eva em camiza!

E olhamos para ella, a principio timidamente. Depois enchemo-nos de coragem, sufocamos o tremor, que se apoderara de nós, dissemos aos nossos nervos que socorrassem, chamamos em nosso auxilio a razão, e, vencedores nesta luta enorme, ouzamos com os olhos percorrer o valto da adulescencia junto de nós apparece.

E era bella. Tinha um perfil grego, fino, marmoreo, como o de uma estatura de Phidias. As dobras da camiza, desenhavam-lhe os contornos suavemente sinuosos, mal occultando perfeições indescriptiveis.

Um cabelo preto como fulgen caia-lhe em ondas sobre o collo ofegante igual ao da Sulamita. Havia alli a plastica provocadora com que Satan angaria habitantes para o Inferno.

A nova Eva olhava para nós sorrindo. Animamo-nos a fallar-lhe. Perguntamos-lhe—quem era.

—Quem sou? respondeu ella com a voz melodica como as notas do organo de Sê, quem eu sou? Pois tu não me conheces? Tu, que pertences á pleiade desses que me abominam? Tu, que tens lançado olhares profanos, injuriosos nos meus sacros encantos! Pois não sabes que sou a Civilização?

—Demos um pulo na rede. A situação era forte de mais! A'quellas horas uma mulher em nosso quarto, e essa mulher sendo a CIVILIZAÇÃO! A commoção era demasiado grande; desmaiámos como se fossemos uma irmã do coração de Jesus.

Quando despertamos, estavamos no collo da Civilização. Ella nos acalentava, com os braços, nos acariciava e nos dizia com um modo de ralar pedras—Dá cá uma b'foca, queridinho? Não pudemos resistir. Nós julgavamos a CIVILIZAÇÃO uma velha rubugenta, com o perfil magro do padre FONSECA, nós a julgavamos billosa como uma arenga do Dr. Mourão, nós a consideravamos soporifera como uma pratica de D. Antonio, nós a julgavamos com as ventas escancaradas pelas pitadas tomadas na caixa do conego Castro, nós a julgavamos fanhoza como uma ladainha rezada pelo padre Maia, nós a julgavamos emfim uma carcaça, e em vez da carcaça tinhamos junto de nós uma hetaira! Ganhavamos na troca, mas nosso alma corria perigo.

E demos a beijoca, sim, nós a demos; aproximamos a cabeça dos labios da CIVILIZAÇÃO. Eis que acordamos. Sentimos uma cousa em cima de nosso nariz. Eram duas baratas que se tinham lembrado de escrever idyllios sobre as nossas respeitaveis ventas. Foram ellas que nós tomamos pelo beijo da CIVILIZAÇÃO!

Estava perdida a illuzão!

Nem a CIVILIZAÇÃO era um hetaira, nem nós eramos o seu queridinho!

Já vai longa leitor, a conversa, que contigo travamos. Pedimos-te meia hora, e a meia hora esgotou-se sem nada te dizermos de util, sem cousa alguma te deixarmos aqui escripta, digna de captivar-te a attenção. Parece que a nossa pretensão foi a de fazer-te dormir o somno do justo, e, senão nos enganamos, tu já resomas, amiguinho.

Pois bem, engole o soporifero. Tem a paciencia de digerir as cousas inossas que te dissemos, e prepara-te para nos aturar a prosa sempre que leres O Futuro, porque nós voltaremos á carga, nós não te deixaremos, nós te seguiremos a pista como um cão de pastor, nós não te largaremos emquanto tu não ficares bem moído, massado, aborrecido. Seremos o teu Cabrion; nenhum momento te deixaremos de folga; e quando colerico, iracundo, furioso, zangado, nos perguntares com modo provocador, alterado, arrogante—Onde está o espirito de Vc? nós te responderemos que em parte alguma, a não ser no inferno, lugar em que tencionamos fazer uma excursão acompanhados do Rev. Fonseca, que, de bom grado, de boa vontade, com consentimento pleno se presta a acompanhar-nos, para que elle tanto falla nas suas lições de philosophia.

E como tu não queiras acompanhar-nos ao INFERNO, como tu és bom crente, como tu usas um rosario no pescoço, como tu tens em casa duas ou tres bonecos mettidos n'um oratorio, como tu dizes mal da vida alheia e vais todos os domingos á missa, como tu escutas reverente as peças de eloquencia que dos labios cabem do Sr. D. Antonio, como tu és um typo ingenuo que engole péta de qualquer comediante religioso, nós te deixamos em paz a dormir o teu somno, triste de não nos achares com espirito, e nós ficando

mais triste ainda de não nos acharmos nenhum.

Com isto accetta o nosso aperto de nós, que se te fizer perigar a alma, nós te damos um remedio,—lavar-te em agua benta.

Atta, reve.

CHRONICA THEATRAL.

Na quinta-feira, em beneficio do distincto artista dramatico Sr. Eduardo Alvares, foi mais um, vez á scena o drama o Dr. Mulato de Anicet Bourgeois, traducção do actor Pedro Augusto que antes deixamos o trama como estava escripto, e nunca e lembrasse de o traduzir.

Não vamos fazer uma apreciação-tese drama por já se ter algum incumbido disso: vamos somente tractar do seu desempenho.

O Sr. Eduardo vai bem no papel de Dr. Mulato, faltando-lhe apenas um pouco de voz para as scenas mais fortes.

A Sra. D. Rosita vai assim... asshn. Notamos muita frieza no seu trabalho e por isso a aconselhamos que, quando vá para scena tome uma chicara de café bem quente.

A Sra. D. Ludgeraria... a Sra. D. Elisa... o implacavel Sr. Dario... e o Sr. Coedeiro (papa-figos)... passemos por elles...

A Sra. D. Josepha está insupportavel. Onde é que essa Sra. achou que—Um homem rico poderia sahir da camp? Onde essa Sra. aprendeu a fallar semprepar os R. R? Quer um conselho? Tome umas licções com o Sr. Dario e depois apresente-se.

O Sr. Passos, sim Sr., gostamos do Sr. Passos. Bom typo, boa expressão... em fim, tudo bom. Nossos parabens ao Sr. Passos.

O Sr. Pedro Augusto... o Sr. Pedro Augusto... é em fim um Sr. Pedro Augusto que, quando se quer tractar delle, falta sempre tinta no bico da penna.

Quando a orchestra não podia estar melhor, confiada como foi ao magstro L. Raiol. Executou peças de muito effeito, merecendo por isso a ovação do publico.

Mil réis.

EXPEDIENTE.

Aos nossos assignantes que por descuido dos distribuidores do nosso jornal, deixarem de receber-o, é favor mandar reclamar-o no nosso escriptorio á rua Formosa n. 3o.

Approveitamos a occasião para agradecer aos distinctos cavalheiros que se dignaram angariar assignaturas para O Futuro, protestando-lhes reconhecimento e gratidão eterna.

A redacção agradece ao artista dramatico Sr. Eduardo Alvares o convite que dirigiu a mesma para assistir ao spectaculo em seu beneficio ao Theatro S. Luiz na quinta-feira 9 do corrente mez.

Maranhão—Typ. da PAZOTERA. Editor—Fernando do Cruz Hubig.



# O FUTURO.

## ORÇÃO DE PROPAGANDA PROGRESSISTA.

Propriedade de M. DIMENCOUAT.

Colher os factos da revolução do abstracismo a proleção da sciencia pouco lhe importa que suas conquistas propagandem ou não as plantações da fé. Haverá Historia da revolução dos seres organizados.

### ASSIGNATURAS

Trimestre ..... 3000  
Semestre ..... 6000  
Anno ..... 12000

Maranhão, 23 de Junho de 1884.

### PUBLICA-SE

TODAS AS QUINTAS-FEIRAS.

Redacção á rua Formosa n. 30.

### O FUTURO.

MARANHÃO 23 DE JUNHO DE 1884.

#### A agonia do Christianismo Latino.

A agonia de uma religião é um facto social de analogia enorme com o facto biologico da extincção de um organismo. Assim como a materia organica se desocazia, s'espaçela, a corrente d'ideias religiosas se divide, se partilha, s'esvai. Ambos os organismos viveram. Ambos tocaram o apogeo de sua grandeza. A era da decadencia para elles começa. Vão morrer. Um — riscase do mundo material. O outro — some-se em meio da humanidade.

E é um espectáculo triste ver agonisar uma religião. Ver divididas, separadas, extintas, as crenças que reinaram sobre o genero humano, é uma scena commovedora. E' o drama da consciencia que se reforma. E' a tragedia do pensamento que sacode de sobre um mundo velho. Ha uma grandeza que se agonia e que se dissolve. Todos tem no seio um sentimento de compaixão para com a corrente d'ideias que se desvaneca. Ha uma lagrima para a religião que morre.

Os deuses vão-se, disseram outr' hora os ultimos romanos, ante o Christianismo que surgia. E foram-se. Samiramse no barathro que Roma cavou a seus pés. Foram victimas de uma ideia nova que lhes batia ás portas. Haviãam, com sua influencia muda, sustido o colosso romano. O tempo de sua grandeza passara. Tinham desempenhado a sua missão na face da terra. Morriãam com a civilisação que lhes dera nascimento. Haviãam consummado a obra do despotismo. Tinham feito uma nação enorme. E quando a obra tocou o auge da enormidade, a loba de Romulo trocou o plano da historia pelo da archeologia.

Toda a religião não é senão um systema d'ideias que na evolução social se coaduna com o espirito dos povos. E' um drama adaptado a um scenario. Muda o scenario — transforma-se o drama. E a mudança do scenario é inevitavel. E — porque a humanidade se aperfeiçoa. E — porque o genero humano progride.

Na marcha progressiva do entendimento humano di-se o pheomeno constante da substituição d'ideias velhas recebidas por ideias novas adquiridas. A humanidade no seu concepto apresenta analogia completa com o facto individual do desenvolvimento do homem. Como ao homem, já no gero de todos os seus orgãos, de todos as suas facultades, não satisfazem os brinços da infancia, assim ao pensamento esclarecido não bastam as ideias que outr' hora recebeu. Quer alguma cousa de mais, alguma verdade que sarja nos horizontes humanos. Para ser grande o homem precisa scadir a poeira do passado.

As religiões são as faxas em que se encerrou o pensamento. A criança precizou d'ellas para andar firmes. A repressão foi necessaria no primeiro periodo da vida. Mais tarde o infante sacudiu as faxas, para as substituir por diferentes roupagens. Começara a crescer o pensamento. Não mais era precisa a repressão. O espirito humano lançara-se á conquista do mundo. Para se livrar, tinha que tirar as prias que lhe impediam a marcha.

No plano immenso da historia desenhase esse facto constante do repudio das ideias passadas pelas novas que surgem. Ha a luta perpetua da ruina com um edificio novo, indefinivel, que se ergue. E' um tempo constante da intelligencia humana.

O facto da morte do polytheismo romano, ante o Christianismo que surgia, tem hoje como consequencia a morte do Christianismo latino ante a sciencia que se levanta. Ha o esphacelamento gradual do systema religioso que agonisa. O polytheismo morreu, porque não mais se coadunava com os progressos do homem. O Christianismo latino, felleza que não mais se coadunava com os progressos da humanidade. Tiveram suas glorias, seus triumphos, os dois grandes systemas. O tempo de sua vida passou. Um — morreu, outro — já agonisa.

A agonia do Christianismo latino ou Catholicismo, é o principio de uma nova era para os povos. Estudemos esta agonia.

### II

Nenhum systema religioso s'implanta no seio dos povos sem como necessidade social de reforma nas crenças. Assim foi que o Christianismo nasceu em meio dos povos sujeitos do despotismo imperial de Roma ante o mundo velho agonizava debaixo a pressão do militarismo. Roma, de conquistara o mundo, perdera pouco a pouco a liberdade. Com esta perda coadunava ella comoçara a retirar a fé nos seus deuses.

Foi n'estas condições que o Evangelho abriu seu caminho ao mundo. A epopeia christã, tendo na sua grandeza um logar para as aspirações do homem, fallava-lhe á razão e á consciencia. Arvorava um estandarte de liberdade. Foi com este estandarte que o Christianismo matou a religião pagã.

Obtida a victoria, estabeleceu a religião christã, uma nova corrente de ideias se apossou do mundo. Estando os paizes a que chegara o dominio de Roma, o Christianismo se desenvolveu. Desenvolveu-se, e n'esse desenvolvimento imitou a organização militar a que succedera. A organização militar substituiu um imperio espiritual — o do Papado.

O Christianismo tornou-se portanto essencialmente latino. Tomou o nome de Catholicismo, mostrando assim uma pretensão identica á da Roma militar. Quer congruar todos os povos entre si. Nada conseguiu sendo onde Roma

dominara. Foi impotente contra as grandes religiões da Asia.

A invasão dos barbaros, que destruíram o imperio romano, veio perturbar um novo elemento á organização social da humanidade. O Christianismo latino tom esse elemento tocou o auge da sua grandeza. Foi reinando sobre os barbaros; que elle concebeu a ideia gigante de uma theocracia colossal. A Igreja precisara da barbarie para fazer dogmas. Ella necessitava da ignorancia para estabelecer o Predominio do Papado.

O que o Papado foi, a historia claramente, instituiu a principio sustentadora das liberdades humanas, mais tarde transformou-se no verdugo que com os barbaros fez a idade media. Chamou a si todos os elementos de vitalidade das nações, e fez arrastar a humanidade exangue na estrada do despotismo. Sapou a Europa como um polygo gigante. A thiarra absorveu o trabalho e os suores do homem.

As mesmas causas que haviam prejudicado a formação do catholicismo tendiam a dissolvê-lo. Elle não realisava as suas promessas. A liberdade que nunca, pesava sobre o homem. Começa então a dissolução historica do Christianismo. O elemento semitico separa-se do Evangelho á voz de Mahometh. O elemento hellenico sacode o jugo da Roma papal. Finalmente os povos septentrionaes no XVI seculo fazem a Reforma. O grande corpo atravessara seculos, mas ao atravessal-os, fora cahindo em ruina.

Em nossos dias o christianismo latino só impera nas raças que viveram outr' hora longo tempo sob o jugo de Roma antiga. Só os povos mais meridionaes acceitam ainda as formas de crenças catholicas. Acceitam, porém, por habito. Já não ha o fervor religioso que manteve o Papado na idade media. Já não existe essa crença feroz que forçava os povos a fazer as cruzadas, e que levava a pibe a dar palmas todas as vezes que a Igreja mandava queimar hoitens nas suas fogueiras. Tudo mar hoitens na revolução varrioso passou. O vento da revolução varriou todas essas crenças. Ninguém hoje é catholico por convicção, nem mesmo o proprio Papado.

O Christianismo Latino, depois de torcar o cimo das grandezas, morre hoje lentamente em meio das pressões que o progresso da sciencia moderna contra elle se coaduna. D'um lado está a sciencia que ataca os dogmas e que lhe respalda a theologia. Do outro lado existe o direito social que pretende expulsa a Igreja como uma corporação que vive do suor das classes produtoras. Mais alem vê-se a concepção realista zombaria nas ideias de sentimento que o Catholicismo decahir contra o Christianismo.

E, como se diz-se! é no seio da produção dos homens de merito

que abraçam as crenças do catholicismo hão trabalhado inscientemente para a queda do systema que defendiam. Longe de ganhar mais alguns dias para a Igreja, hão-lhe apressado a morte. Discutindo as ideias religiosas tem cavado o tumulo do Catholicismo. Quando uma religião discute, é por desceu a fraqueza. Montalembert a Lacordaire fizeram tanto mal ao Catholicismo como Voltaire e Rousseau.

A impossibilidade de harmonisar a sociedade moderna com o Christianismo latino é a causa do esphacelamento d'este ultimo. Uma religião que se faz a sustentadora do direito divino, de uma theologia barbara, de dogmas repugnantes ao bom senso, de uma corporação de homens que vive sem trabalhar, não pode fundir-se com estas grandes cousas que se chamam soberania do povo, philosophia naturalista, e direito. Não pode existir, por que declarando guerra a tudo que é grande, declara guerra ao genero humano.

A agonia do catholicismo é, no nosso seculo, uma verdade evidente. O christianismo sepulta consigo os dezoito seculos que viveu. E' porém uma morte lenta, gradual, tristemente sombria. Ha no colosso que cabe a luta ainda pela vida, mas o seu organismo enfraquecido não mais lhe dá probabilidade de vencer o mal enorme que o mina.

A sociedade bodierna não mais precisa dos meios de repressão de que a Igreja se servio. Ella atirou as faixas da infancia. O homem progride. A sciencia eleva-se. A humanidade não mais precisa do Christianismo latino.

Como porém toda a agonia seja Augusta, não haja odio, não rebente a raiva contra a religião que morre. Curvemo-nos ante o colosso que succumbe. Elle foi grande. Se morre é porque a humanidade é maior.

Um adeus a religião que agonisa.

### Hermetica Theosophica.

### I

Em todas as religiões é dogma fundamental a crença n'um ser supremo de quem principalmente dependam os destinos das creaturas intelligentes, e particularmente — os dos fics para quem ellas hajam sido estabelecidas.

Nas religiões monotheisticas é o Ente Supremo geralmente reputado o creador do Céu e da Terra. Para tanto, é necessario que se o conceba increado, como o tempo, — infinito, como a immensidade universal que possa servir-lhe de sede, e reunindo á sempiternidade, — á infinidade e á omnipotencia — todos os indispensaveis attributos da perfeição.

Na natureza, onde alias a produção e a destruição se succedem periodicamente, tem-se sempre observado uma guerra constante entre os diferentes seres animados. Cada qual pugna, não só pela sua conservação, mas porem pelo seu bem-estar, de maneira que,



na natureza, parece que não ha outro direito que não seja o individual *direito de viver*—regulado pela medida da força e da estirpe de cada qual. Havendo ainda diferentes generos de animas, sujeitos pela differença da sua natureza—a diferentes condições de existencia, como carnivoros,—ruminantes,—granivoros e roedores, parece tambem que a guerra é uma necessidade natural—no primeiro genero, para atacar;—nos outros, para se defender. Achando-se o homem tambem no mesmo reino,—colocado entre forças superiores e inferiores, e forçado portanto a lutar tambem pela sua conservação, não podia receber faculdades para usar, sem que d'ellas tambem podesse abusar. Participando dos instinctos de todos os outros generos de animas, mas dotado particularmente de intelligencia, facilmente achou na associação da sua especie, não só o meio effizaz de resistir aos mais fortes e atacar os mais fracos, mas tambem o meio infallivel de fugir aos mais ferozes, e de sujeitar ao seu dominio os mais domesticaveis. Por este meio chegou a não ter mais que recear ataques dos animas estranhos; mas cessando de usar, começou então a abusar—das suas faculdades, empregando contra a sua propria especie as forças que já se lhe tornavam desnecessarias contra os irracionais. Cada homem começou a tratar de converter a associação em seu proveito exclusivo; levado pelo seu egoismo a que rer viver do trabalho ou da agencia—de todos aquelles a quem excedesse em força, porque então só reconhecia o direito que se mede pela força. Acoutece porem que o vencedor de um dia era vencido no outro, e que tambem algumas vezes *Simbad* se aproveitava do somno do *Felho do mar*, que queria passar a vida cavalgando aos seus hombros, para lhe esmagalhar o cráneo pela queda precipitada de uma enorme calhão. Nem havia de ser uma só vez que *Ulysses* fizesse o olho do *Cyclope*, mas do que o gigante aborrecido, e suprime-o, se vê n'elle um obstaculo á sua propria conservação e bem-estar.

Sendo pois o egoismo natural em todos os homens, e nenhum d'elles achando meio de se constituir em oppressor e tyranno invulneravel, ninguém podia tão pouco, nem usufruir em socego do fructo da sua rapina, nem viver sem receio pela sua tranquillidade. De tantas lutas interminaveis não podia resultar o desejo de mutuas concessões, e estas não se podiam cifrar senão na creação de um direito, o *direito de propriedade*, e na instituição de um governo que fizesse respeitar este direito.

E' pois muito natural que todas as religiões apresentem, nas suas leis, o mesmo pretexto: a *justiça*;—o mesmo fim social: *procurar o bem, e evitar o mal*;—a mesma razão final: as *penas a reccar, e as recompensas a esperar*,—segundo a pratica do vicio, ou da virtude.

N'estes principios são todas ellas conformes, não podendo divergir senão nas definições do bem,—do mal,—das penas, e das recompensas, bem como nos meios a empregar, para que cada qual possa atingir o fim proposital da sua instituição. Em todas ellas se vê que a consideração das penas e das recompensas deve ser o movel de todas as acções humanas. Na lei mosaica as penas e recompensas promettidas eram meramente temporarias; mas pelo decurso dos tempos reconheceu-se que tão limitadas penas e recompensas não eram sufficientes. Alem d'isto subse, pela declaração do proprio Christo, que Moisés foi um dos ladrões e salteadores, que o precederam na missão, pois que *todos os que vieram antes d'elle foram ladrões e salteadores*, que não entraram no curral das ovelhas pela verdadeira porta, mas sim galgan-

do os cercados. Hoje em todas as religiões se acha igualmente estabelecida, como dogma; e creença na immortalidade da alma; e é forços o confessar que nenhuma promessa de penas e recompensas poderiam ser mais efficazes para forçar espiritos rudes, interesseiros, e egoistas,—á pratica da justiça, do que aquellas que elles imaginem decidir a sua sorte futura na eternidade.

Qualquer que seja porem a divergencia dos meios, e a maneira de antochar os fins, tal é a idea estabelecida, em principio fundamental, em todas as religiões. Nada deve importar qual seja a palavra que a exprima, porque *Deus, deo, deo, deo, god, deo, e outras* similhantes,—significam precisamente a mesma coisa.

Não haq aqui mais do que um principio, geralmente admittido em todas as religiões; mas se este principio é verdadeiro, nenhuma religião pode ser falsa na essencia, porque se a verdade está no principio, e este principio fundamental é commun a todas ellas, não pode a verdade ser exclusiva de nenhuma.

Dá-se pois nas diferentes religiões monotheisticas a mesma analogia que se nota nas diferentes linguas: todas estas religiões não são mais que diferentes formas de adorar o mesmo *criador*, como todas as linguas são diferentes meios de exprimir as mesmas *ideias e pensamentos*.

O principio que em certa religião for verdadeiro,—não pode em qualquer outra ser falso, porque a existencia da virtude não depende, nem da posição, nem da localidade. A existencia da virtude prova-se pelos *effeitos*, e não é, nem a sua posição, nem a sua localisacão ou personificação,—que a possam tornar contestavel. Se portanto o principio da existencia de um Deus creador é verdadeiro, todas as religiões que o admittem são igualmente verdadeiras por essencia, não se podendo dar razoavelmente controversa

hi em discutir sobre a forma de como se as discussões não tornarem a religião mais comprehensivel, e mais util á humanidade?...

Estou bem persuadido de que estas tambem eram as idéas do mais benemerito dos papas,—do tão illustrado como modesto Clemente XIV,—do tão consciencioso como virtuoso Granganelli, quando pretendia estabelecer na egreja romana—uma reforma que harmonisasse todas as religiões.—E quanto sangue uma tal reforma não teria poupado á humanidade, evitando que a egreja com elle se manchasse!—Bem se reconhece que elle se reputava todas como meras formas,—appropriadas aos povos, como as leis aos climas, mas que nada faziam perder da idea unica e real que todas ellas revestem. E a historia ecclesiastica não apresenta este papa como anti-papa;—apresenta-o como legitimo principe da egreja romana,—tambem como successor de S. Pedro; e se o moderno dogma da infallibilidade papal se estender realmente a quantos principes da egreja se não sentado no solio pontificio, o papa Clemente XIV ou Ganganelli não pode, em virtude d'este mesmo dogma, ser menos infallivel do que qualquer dos seus antecessores, ou successores.

Havendo pois egualdade de principios em todo o monotheismo, e sendo tambem identicas as aspirações de todas as religiões, segue-se que em nenhuma d'ellas se pode dar verdade ou falsidade senão na conveniencia ou inconveniencia da doutrina particular de cada uma com o principio em que se julgar estabelecida. E isto é o que vem principalmente examinar, porque a verdade de uma religião não pode ser julgada senão pelos beneficios que tiver derramado na humanidade.

(Continua)

### Aluda os disturbios da Quinta-feira santa!

Parce que a *Civilisação* loyolana achou nos disturbios da quinta-feira santa, no templo de Santo Antonio,—um exemplo intornavel, capaz de lhe fornecer materia para a *folha* em quanto ella existir.

Se os Revs. redactores d'essa *folha* ainda não comprehendem que esta questião se torna aborrecida, é sem duvida porque ainda não aviram a sua elucidacão, pelos seus adversarios,—nos seus verbalescos principaes.

Tambem similhante elucidacão não é das coisas mais fadas. Subs-se que S. Exc. Revm. foi quem provocara os disturbios; mas ainda se ignora qual fora a verdadeira causa que para isso tivera. Os Revs. redactores da *folha* episcopal não tem senão um argumento que preste á defesa da causa do Sr. Bispo; e a inconveniencia de logar onde se decaem os disturbios, sobretudo a da occasião de uma solemnidade que por todos devesse ser reallada.

Nenhuma pessoa de bom senso deixará de convir a favor d'este julicio argumentado; mas indistincto para os defensores do Sr. Revm., elle milita ainda mais contra o Sr. Bispo do que contra os christãos que se achavam no templo.

Um bispo é reputado um director espiritual cuja existencia, allas muito onerosa para a diocese não se justifica se não pela necessidade das suas funcções pastorales. Se todo rebanho cohecesse-se tão perfeitamente a ramo que nunca se extraviasse, não ha necessidade haveria de um pastor, cujos serviços se vão tornando cada vez mais vaxatorios, á força de despezas. O baculo, na mão de um bispo deve ser um indicador do caminho a seguir pelo rebanho, e não uma agulhada com que se pretenda fazer pôlar, como por irracionais, —o carro d' religião na diocese.

E não é natural que o povo sapiente,

que se vê que em este mesmo argumento pode aproveitar a S. Exc. Revm., que devia o expoito do respeito ao SS. Sacramento, e que, pelo seu condemnavel desrespeito fez olvidar ao povo o lugar em que se achava.

Todos os jezus d'aqui foram condemnados na causa em que incorrer o Sr. Bispo,—pela inconveniencia do seu procedimento na casa do Senhor e a presenca do Christo invisivel da sua egreja. O povo é que então se mostrou respeitoso para com o S. Sacramento, apontando aegros o lugar, em quanto do foi retido e encerrado o Sacramento, e apagadas as luzes do altar. Não então não tinha havido mais que o ardo heretico que é sempre natural nos grandes rebanhos, onde nunca deixa de haver movimento em quanto não se sobrecerca a quem capte toda a attenção.

De quantos jornaes aqui se publicam, o *Paiz* foi o unico que, erigindo-se em Mentor, cessou ainda mais ao povo da que ao Sr. Bispo; mas não deixou de censurar em energia a S. Exc. Revm. Mas bem ha parece que o redactor do *Orgão Especial do Commercio*, o que teve em vista, foi aproveitar-se da occasião para ver se reallava a sua presenca impopular, mostrando pelo facto condemnavel dos disturbios—uma accusação que deveria provar que se o seu jornal merecia tambem o conceito de *orgão civilisado*. Mas os Revs. redactores da *folha episcopal*, extasiados nas reflexões que este jornal *insuspeito* fez a favor do Sr. Bispo, e apressados a transcreverem, omitiram todas aquellas que elle tambem fizera em desabono do Sr. Exc. Revm.!

Similhante procedimento li mostra sufficientemente que a *lealdade*, cuja falta tanto expõem constantemente aos seus adversarios, tambem não é vir-

mente respeitado pelos Revs. redactores da *folha* jesuitica. Já que transcreviam uma parte do artigo porque interessava a causa que intentavam defender, cumpria que o transcrevessem todo, para que em toda a parte se podesse conhecer a totalidade—a opinião do jornalista. Os Revs. redactores, omitindo d'esse artigo—a parte desfavoravel ao Sr. Bispo, e tratando mesmo de dissimular a existencia d'essa parte no artigo transcripto, o que mostraram foi que não se acharam com forças para dissentir face a face—com o *Orgão Especial do Commercio*, por lhes faltarem argumentos para contestar as razões expellidos na censura que elle fez a S. Exc. Revm.

E tal é o systema dos Revs. redactores da infame *Civilisação*; por transcreverem, mesmo dos seus adversarios, tudo quanto lhes é favoravel, omitindo tudo quanto não podem impugnar! Tal procedimento pode ser desculpavel em quem defende os interesses de uma corporação ou partido; mas torna-se grandemente condemnavel em quem protesta defender a verdade, e para quem é tambem um dever o defender a dignidade—da religião.

Mas nunca a deslealdade da *folha* jesuitica transpareceu tanto como na transcripto que fez do telegramma, enviado de Pernambuco para a Corte,—sobre os disturbios em Santo Antonio—na quinta-feira santa. Nesse telegramma pintou-se o caso de uma insuadita horrivel, dizendo-se que o povo se entregara aos mais desordenados e sacrilegios excessos. Disse-se que elle despedaçara o Santo Sepulcro,—quebrara os castiões e os vasos, e que todos os ornatos do altar andaram a rolar por debaixo dos pés. E como similhante telegramma produziu lá fora uma indignação que seria muito justa, se os factos fossem verdadeiros, entendemos os Revs. redactores da *Civilisação* loyolana que era bom que elle passasse logo mesmo, e trataram de o transcrever sem mais

destrucção, sem fazerem o minimo reparo sobre a reconhecida falsidade da informação! E tamanha falsidade é tão evidente, que a surpresa que o telegramma aqui causou, mesmo ás beatas do *Coração de Jesus*, não foi menor que a indignação que tinha produzido d'aqui fora! Tais factos não constavam de nenhum jornal d'aqui,—e nem mesmo da *folha episcopal*; e os Revs. redactores d'essa *folha*, esquecendo-se da boa fé que deve caracterisar o jornalista esgrado, e particularmente o sacerdote, nem pelo menos a certificar que era do seu dever desmentir tão odioso boato, visto que elle não constava da exposição que elles mesmos tinham feito dos disturbios! O que similhante conducta prova é que Sr. Revm., o que querem é lançar obliidade sobre os seus adversarios, seja lá porque meio forte—que o que desejavam era que as coisas antes houvessem passado segundo o exposto no telegramma; mas em todo isto não se lembraram que, para fazer acreditar tão revoltante calunnia, era necessario que a idea do sacrilegio houvesse occorrido mais cedo.

Os Revs. redactores, por mais que pretendam dissimular, conhecem perfectamente que a opinião publica lhes está toda adversa, si com excepção d'esses pobres d'espirito que constituem a *irmandade do Coração de Jesus* e a *sociedade auxiliadora*. A opinião publica, no presente caso, não varia senão nas conjecturas da causa que levou S. Exc. Revm. a provocar grosseiramente o povo n'uma occasião tão solenne.—E querem os Revs. redactores saber qual de similhantes conjecturas parece a mais bem fundada? Attendam pois a que tambem se diz que S. Exc. Revm. o Sr. Bispo, desesprando de dominar o rebanho catholico romanamente—por meio do papitto e da sua abençoada *machina typographica*, resolverem impôr



a sua autoridade episcopal por meio da força; que findo em que a policia, não disp...  
 ter... acharia longe da te...  
 ple... os seus capangas,  
 adissem no seu recato na  
 convento; e que, finalmente,  
 as das Srs. maiores favores e  
 com tropa,—antes de ter lugar  
 se, contrariaria mal desagrada  
 do S. Exc. Rvmd., porque lhe  
 todo o seu plago a perder.  
 é a conjectura que tambem se faz  
 sobre as intenções do Sr. Bispo, e  
 que não expõe senão com a devida  
 reserva. Creiam, porém, os levd. refa-  
 ctoria da falia episcopal que têm dito  
 ingenuamente, e têm feito quanto  
 podem,—para tornar esta conjectura a  
 mais provavel de todas. Na primeira ex-  
 posição que fizeram do desamento ao sr.  
 Bispo, lamentaram que no templo não  
 se achasse nem pelo menos um soldado  
 de policia; mas, tão depressa se lhes re-  
 cordou o apito, entenderam que a exis-  
 tencia da policia era lá indispensavel  
 para arradar de si a suspeita de se terem  
 servido do apito para chamarem os ca-  
 pangas a seus postos.

Tambem ninguém por aqui ignora  
 que foram os maiores favores e cum-  
 quem, escutando s. exc. revm. até no  
 paço episcopal, preservaram o sr. Bispo  
 de ser corporalmente maltratado:—? e  
 qual tem sido a recompensa do serviço  
 então prestado por estes dignos milita-  
 res?—Uma ingratião monstruosa, re-  
 velada pelo orgão do episcopado, e de  
 uma manifestação tão descomodida, que  
 é necessario que s. exc. revm. tenha mo-  
 tivos muito fortes, para não ter já  
 protestado contra ella. S. exc. revm. devia-  
 lhes esta attenção; e se o resentimento  
 que tinha do sr. côdeito A. J. Tavares o  
 indispensa tambem contra seu pai, pe-  
 dia a dignidade do bispo que s. exc. revm.  
 não tivesse accedido o serviço do maior,  
 porque assim desoria a seu orgão livre-  
 do se manifestar tambem contra elle,  
 e não a s. exc. revm. se possesse expo-  
 r a ingratidão.

Marmozado, 29 de junho de 1881.

Belmonte.

O Chacal e o Pastor.

(Fábula indiana traduzida da versão de Ms. L. Jacquot.)

Introduziu-se um Chacal  
 Alta noite no quintal  
 D'um Pastor. Era um cercado,  
 De galinhas povoado,  
 Onde o ladro de galos  
 Quantas aves arrouba;  
 E, fadoneste ardi,  
 Foi levando-as p'ra coxilha.

Muito alegre da malgacia,  
 Foi buscar a derradeira  
 Qu'inda por lá lhe ficava;  
 Mas, n'isso, tambem pensava  
 Que era do seu dever  
 Aos deuses graças render  
 Pela feliz aventura  
 De achar tamanha fartura.

Pois, antes que se fosse,  
 As galas em estação,  
 E, de facinho p'ro ar,  
 Ergue a voz como um alvar,  
 Sem pensar que se accusava  
 A Pastora que velava,  
 E que, tal voz tendo ouvido,  
 Acordou logo o marido.

«Não é, lhe disse, o Chacal,  
 Que aqui, lá no quintal,  
 Onde estão hospedeiradas  
 Nossas galinhas serradas?  
 Ergue-se logo o Pastor,  
 Põe-se a pé, e com arde  
 Espunha um juncos assaz  
 Para poder quebrar osso.

Chaga-se mal deegar  
 Ao bruto qu'estava a crar,  
 Ao tempo em qu'este latia,  
 No excessu da alegria,  
 O voto, por devoção,  
 D'ir em peregrinação  
 Até ao Ganges sagrado,  
 P'ra ser lá purificado.

Sobre os rios, d'uma assentada,  
 Lhe dá tão forte passada,  
 Que li mesmo o derreço;  
 E de tal modo arrouba  
 O devoto personagem,  
 Que lh'incursou a ving m,  
 Pouco o ternu á oração  
 Lá na eterna mansão.

Nos deuses ninguém se fie,  
 Nem nas preces se confie  
 A mais bella invocação  
 Nunca terá o contido  
 De evitar uma passada  
 Por boa não assentada,  
 Sobre pólo ou sobre patino,  
 —C'um grosso juncos indiano.

Maciote

23 de junho de 1881.

O Futuro.

O Anjo do progresso a fluctuar na aurota  
desenha do porvir o sonho triumphal.

PEDRINHO CRACAR.

Irrompe do futuro aurota esplendida,  
 e mata do passado a densa treva;  
 a treva é sempre o mal, e a luz do espirito  
 é a luz que vem de Deus e a Deus se entrega.

Vem, juizo, — auctor por sobre as paginas  
 d'um livro venerando—o livro—historia,  
 sobre o livro—thesouro de reliquias—  
 sobre o marinho do tempo e da memoria.

Ah, a par de feitos merit rios—  
 tá, tambem verás crimes e maldade,  
 has de ver a extoção de pobres victimas,  
 atadas ao vil poste—a iniquidade.

Has de ver como morre o grande Sócrates,  
 esse martyr sublime da verdade;  
 e como preso na cruz spira no Galgoda  
 o Christo,—esse Deus da liberdade.

Surge, pois do futuro, ó luz benéfica,  
 illumina este seculo de trabalho;  
 e que venham os jorros da sciencia  
 fecundar o de luz—celeste orvalho.

Seja a nobreza—do trabalho o merito;  
 e a realza—o coraço do bem;  
 não valha o homem por valer a patria  
 onde, ao acaso—o nascimento tem.

Assim veremos n'uma só familia  
 a humanidade se estreite tambem;  
 sois veremos d'uma raça os odi s  
 se dissiparem pelo tempo alem...

Sim, que não pode nestes dias auroas  
 a humanidade se odiar, juncos;  
 ninguém pedirá a ingratião dos posteros  
 que se revoltam contra avós e paes.

Assim, rumoiro do presente, eu sinto-me  
 esperando n'um porvir brilhante;  
 Apoz o seculo de reas prodigios,  
 só pode um seculo disporar gigante.

23 de junho de 1881.

Volney.

MISCELLANEA.

Continuamos hoje com a nossa miscellanea excluindo sempre as allusões á individualidades.

Indo um dos distribuidores do nosso jornal entregar um numero que com muito prazer offerecemos ao sr. D. Antonio Alvarenga, foi por elle devolvido sem dar uma escusa razoavel.

—Que s. exc. revm. é extremamente deliado e tratavel—eis um facto incontavel. O sr. D. Antonio é conhecido de todos pela sua cortezia (costa má); foi favor devolver-nos o jornal. Com isso pretendes mostrar á redacção d'O Futuro a magna consideração que lhe dispensou.

O sr. conego Miranda assassinou no dia 13 do corrente na igreja de Santo Antonio os philosophos antigos e modernos, dizendo o seguinte:

Fr. Antonio (de Padua ou de Lisboa, não se sabe a naturalidade) foi um homem virtuoso como elle (appellamos para as pessoas que o ouviram) porisso o seu nome já nollivo da historia estampado que nunca se apagará (isto é o nome). Os philosophos podiam ser illustrados como não foram virtuosos (como elle) não tem nome nesse livro.

—Chama-se a isto um panegyrico brilhante. Oh! Volney! oh! Strans! oh! Voltaire, Hercufano onde vós estáo? Apareçam para a fallar de vocês.

Nossos cumprimentos sr. Miranda. O sr. é mesmo um...um...um Sr. Miranda.

O conego Mourão (Dr.), disse em sermão do dia 12 em Santo Antonio, guardava as suas cinzas e que Lisboa tinha os seus ossos.

Oh! Jupiter Capitolino.

Como pode dar-se uma cousa semelhante?

—Ah! Já sabemos—Fr. Antonio Lisbonense ou Paduano era formado de ossos e cinzas e morreu em duas partes antes de subir ao ceu (segundo o padre Miranda e o Flos. sanctorum).

Parabens ao Dr. Mourão.

Um nosso collega considera o homem velho como semelhante a um caco.

—Esta comparação é real porque a Biblia diz que Deus fez o homem de barro. Por exemplo: um pote quando fica desgasado vai dar afinal n'um... caco. Estará o homem no mesmo caso? conforme o grande livro, parece que sim, e então devemos-nos preparar para um fim igual ao do pote. Não é muito lisongreiro, mas, caco por caco, antes ser um caco religioso do que um caco de oleiro, sobre tudo sendo Deus segundo o Genesis o inventor da Olaria.

O sr. conego Mourão recitou ha pouco tempo na igreja de Santo Antonio um sermão que foi uma verdadeira scena comica, causando riso aos espectadores dessa noite. Não acontece a mesmo ao padre Fonseca. Este dá-se mais a dramatico.

—Quando se chama a igreja theatro, acham máo.

No domingo representou-se no theatro S. Luiz os Agentes das trevas. O publico satisfeito por ver o Jesuita calçado aos pés do povo, rebentou em applausos enormes.

—Esperemos os Jesuitas do Gil e Antonio Pedro.

O padre Mira-sol está educando os ouvintes da igreja da Conceição com magnificos sermões—Outro dia tratando do signal da cruz disse: O signal da cruz é uma cousa imensa, até as crianças recém-nascidas apre-dem a fazel-o no REGATO de sua mãe—(não nos responsabilizamos pela palavra).

—Oh! que bella phantasia! Que descoberta para a anatomia! Regato na mulher!

Ora esta! Ainda dáse uma cousa com o mesmo orador.

Quando pregava no pulpito não podia encerrar de o deuto auditorio por ser astrologo; resolveu então pregar n'uma cadeira de braco; mas assim mesmo ainda não está direito, e aconselhamos-lhe então que pregue de cocoras!

Deu scri-berri na companhia e orchestra que actualmente funcionavam no theatro S. Luiz.

—Agora sim. Havemos de ter no palco Antonio Pedro, Gil, etc., e na orchestra, Raiol, Zeferino etc.

A Civilização não deitou boletim tratando do espectáculo de domingo. Admira, pois lá estava o seu revisor Euclides Faria.

O sr. dr. Mourão disse em seu sermão do mez de Maria que os apóstolos são delegados de Christo.

—Como pode ser isto? Como podem os apóstolos ser delegados, quando os padres são ministros?

Ah! E' isto! Quando Christo subio ao ceo (segundo a Biolla), organisou um corpo de policia nomeou os apóstolos delegados, e naturalmente S. Pe-

CHARADAS.

Resolvemos dar aos nossos assignantes as seguintes, recebendo um mimo o que primeiro mandar ao nosso escriptorio a decifração:

1

Na espingarda e no espaço é padre vigario 2—1

2

Estou em fonte que não é molhada por ser padre e philosopho 1—2

3

Este pronome com mais um S n'um rio da Escocia é um typo muito conhecido 1—2

4

Assim faz quemé covarde com a primeira do alphabeto por ser de couro 2—1

5

Na musica achava graça ser organista 1—2

—Olhem o mimo.

Ha presentemente na nossa capital uma mania sem igual—é a dos professores, ou antes typos que querem ensinar o que não sabem, apezar da Civilização dizer que é a dos jornalistas. Ser jornalista não prejudica a pessoa alguma, e ser máo professor é uma cousa terrivel. Ha sujeitos que mal sabem o portuguez de escola, e no entanto annunciam que ensinam portuguez, francez etc.

Para esta mania chamamos a attenção da Civilização e dos paes interessados pela educação de seus filhos.





Um dia destes o padre Mira-sol celebrou o casamento de dois typos na igreja da Conceição. O noivo trajava calças brancas, coiffe amarello e tala japona do tempo de D. Fuas Rouquiao, com uma quartola semelhança ás do Tioco.

A molecagem fez-lhes as honras do estylo.

Informam-nos que o artista dramático João Gil proferio um brilhante sermão sobre a traição de *Jafar*, arrancando applausos aos ouvintes.—E' facto para nós altamente original o contentir-se que um actor suba á tribuna sagrada, mas é voz publica que o Gil fez um sermão.

A' ultima hora. O nosso reporter enganou-se: o sympathico Gil (actor) assistio simplesmente ao sermão de Gil (padre).

—O engano é desculpavel, porque ambos os Gils estavam na igreja.

Se tal coisa succedesse era um scrilglio: Até logo.

H. de Buondelmonte.

### Mela hora de conversação com o leitor.

SUMARIO.—Estorilidade absoluta.—O que nos falta.—Obrigação nossa.—Agentes das trevas.—A arte dramatica.—Tristeza.—Joaquim Telles Pereira da Costa.—Como se fica imbecil.

Ha oito dias que não te fallamos, leitor; oito longos dias que passamos estudando o que te haviamos de dizer, sem achar uma ideia, sem bispar um facto interessante, digno de captivar-te o espirito. Temos estado em uma maré de agua morna, n'um phase de esbarraticimento tal que nada de bom nos podia sair.

Nossa situação não deve passar-te, amigo. Tu já nos conheces, tu já sabes que o nosso forte não é o espirito, que a nossa essencia não é a graça, que a nossa veia não é o humor; já nos restaste em pensamento o condão de agradar-te. O que podemos portanto fazer?

E depois, sejamos franco. Nós não temos a graça espirituosa de Aluizio Azevedo, essa graça picante que nos fere como um alfinete fazendo-nos cecgas no epiderme sem nos prejudicar ao organismo; nós não possuímos a chalaca pezada, tresalando a obscenidade, de que tem o privilegio Euclydes Faria; nós não sabemos esconder-nos atraz de um anonymo para em grupos injuriosos, saltar no gazete de transejante, como o padre Fonseca; nós não gozamos da propriedade de um lexico de palavras incisivas e penetrantes, como o que tem o Sr. D. Antonio; nós, enfim, nada temos de boa, nada que faça rir, nem sorrir, nem chorar. Somos um zero como escriptor jozoso. Se algumas vezes nos atrevemos a rir, é da nossa pessoa e da tua cara, leitor.

Mas temos uma obrigação—escrever para tu leres. Forçoso é que o façamos, necessario se torna que te mossemos. Por isso continuamos a conversar contigo. Não te zangues com o caete. Tu es d'aquelles que vão aos templos ouvir sermões.

Nenhum caete te deve assustar.

No domingo 19 do corrente fomos ao espectáculo. Assistimos a parte da representação do drama *Agentes das trevas*.

Estava o theatro completamente cheio. Houve um enthusiasmo enorme pelo drama. A thesa d'essa peça toda anti-jesuitica seduzio os espectadores. Houve uma manifestação ruidosa do quanto se tem ultimamente exacerbado os animos contra as ideias clericas. Apesar de os artistas representarem mal, foram vi-

torizados por palmas. Não se applaudia a arte. Applaudiu-se a situação.

Quanto a nós, estivemos em meio d'essa agitação triste, bem triste (sem ser imbecil). O espectáculo da arte dramatica que em nosso seculo nada tem feito substituiu-se na nossa mente ao drama commum que ante nós se desenrolava. Vimos o theatro actual como é, isto quer dizer—como uma arena d'espectaculo, em que tudo existe menos a arte.

E contudo hoive um tempo em que a arte foi um sacerdocio, e um sacerdocio agusto. E então não se esmerava para agradar ao publico—tratava-se de moralisar. Os bastidores serviam de scenarios á predica constante da moral. Alli, na tragedia, pintavão-se os vicios, os crimes, e o nada dos reis. Alli, no drama, retratavão-se os sentimentos, as paixões, e os combates da vida social. Alli, na comedia, desenhavão-se as extravagancias, os ridiculos, e os costumes do homem. Hoje nada disso ha Sophocles, Shakspeare e Moliere não têm actualmento successores.

E' triste o espectáculo da arte dramatica em nossos dias. Após as peças mythicas de Goethe, após os dramas ta-citurnos de Byron, após a grandiosa das concepções theatraes de Hugo, nós havemos cahido no melodrama chécho de D'Ennery, na comedia falsa de Scribe, no vauville fareista de Meilhac, na *fierte da Biche au Bois*. Nada se faz de grande. Nenhum passo a arte deu.

E por isso foi com tristeza que vimos os *Agentes das trevas*. Esse drama, cheio de lugares communs, mal tecido, sem ideia nova, sem estylo, sem concepções dignas da thesa que lhe serve de base, repleto de declamações vagas sem razão de ser, causou-nos tedio profundo. Esse tedio nem mesmo pôde absolutamente desaparecer ante a manifestação de vida que o publico deu. O calor dessa sede pelas instituições novas, dessa raiva contra os manejos clericas, desse furor contra os hypocritas, patenteado pelos espectadores, não nos fez esquecer d'isso. E por isso, não se applaudiu o drama.

Ficamos triste. Iamos dizer imbecil, e como a imbecilidade seja uma grande coisa, permitte, leitor, que acabemos esta conversação, contando-te a historia de um imbecil.

Joaquim Telles Pereira da Costa é um rapaz de vinte e cinco annos que usa calças de bocca larga e frequenta os bailes da *high-life*. É rapaz bonito; moreno, de escurata mo: usa saissas, e tem a cabeça sempre coberta com um infernal chapéo de pello. Gosta de trajar bem, e passa metade da vida a mirar-se ao espelho. Frequenta as sociedades de senhoras, a quem tem sempre que contar historietas escandalosas. Lê os mais modernos romances; conhece Dumas filho; estuda Houssaye, comenta com prazer Flaubert e Zola. Entende seu pouco de transcritismo; é partidario da theoria simmiana. Tem acompanhado as questões sociaes, philosophicas, e politicas, do nosso seculo. Tem-se o vispo, entre a fumaça de um charuto e um copo de cerveja, saltar gritos a favor da liberdade. É um apostolo das ideias modernas, rapaz bem fallante, de modos insipientes, em luta sempre constante contra aquillo que elle chama *carraçismo*. Não pode tolerar uma sotaina; ri-se das commendas e dos pergaminhos; olha com compaixão, atravez do vidro azul de seu pince-nez, para as devotas do coração de Jesus. É finalmente um typo exceptional—um conjunto de futildades e de coisas serias, uma alma de qualquer revestida da *toilette* de um elegante da regencia.

Pois bem, apesar de tudo isto, Joaquim é o que se pode chamar um *imbecil*. Actualmente vive triste, como triste, passeia triste, dorme triste, so-

nha triste, ronca triste, digere triste, desperta triste, e... em tudo é triste. Consequencia logica—Joaquim é um imbecil.

Mas como, com a bréca veio esta imbecilidade ao pobre do Joaquim? Elle, que é um rapaz moderno, elle, que sabe que a luta é uma condição normal da existencia humana, elle, que lê as obras de Similles, que tem compulsado os livros de sciencias naturaes, que aborrece tudo o que é pulha, que ri-se das lamurias de *Capoteiro de Abreu*, que despreza a rethorica, que não sabe assentar-se n'uma mesa de chá, que só procura cousas solidas, como foi elle ficar triste ou, por outra *imbecil*? Ah! leitor é uma triste historia que temos de contar-te! Prepara-te para ouvir a historia. (Desculpa o tratamento, mas um escriptor tem o privilegio de ser pae de todo o mundo).

O commendador José Antonio da Silva Ramalho é um d'esses burguezes enriquecidos, a quem se desculpa as maneiras grosseiras, e o formidavel abdomen, em attenção aos bellos jantares e o piparas celas, que offerece á sociedade maranhense. Todos vão a caza delle; todos o cortejam; todos lhe sorriem; todos lhe bebem a cerveja; todos lhe comem as costelletas de porco. E' finalmente um bolas festejado.

Acresce á isto que Antonio tem mais um encanto em casa. Possui uma linda filha que responde ao nome de *Caçapuzadas*—rapariga esbelta, de rosto moreno, olhos profotivelludados, formas provocadoras, toilettes garridamente exquixitas, e, por cima de tudo isto, uma estouvancia saltitante, um modo traquinas e o perfume indefinivel dos dezoito annos.

*Caçapuzadas* fez annos em dias da semana passada. Antonio, como pae extremozado, quis lhe dar um baile. Contractou-se a orchestra; encomendaram-se doces; a mamã foi para a cozinha cuidar nos pães e nos peixes. Era *caçapuzadas* a mais constante das com-bondejas de flores, de moleques com jarras, fitas, etc.

A's 8 horas da noite estava tudo prompto para o baile. O gaz, a toda a força, illuminava a sala. Os convidados começaram a entrar. Principiou o barulho interminavel dos carros. Ondas de uma multidão variegada precipitaram-se nas salas do commendador. No meio dessa gente estava Joaquim Telles Pereira da Costa, com sua cazaca preta, suas calças de bocca de sino, seu collete preso por um só botão, sua camisa branca de collarinho virado e de botões de perolas, suas luvas gris-perle, seu cabelo d'pastinha, suas botinas de polimento, sua gravatinha estreita, seu implacavel *pince-nez*, seu perfume *Rei de copas* e a sua *claque* em baixo do braço.

Joaquim fez na sala uma entrada triumphante. Todas as moças olhavam para elle com um modo risonhamente alegre; o commendador saudou-o com um meio sorriso protector, e, couza digna de espanto! até D. Canegundes amarrotou as rendas da manga de seu vestido de seda para dar um aperto de mão no illustre recémchegado.

Joaquim estava radiante. Elle, que tem um grãozinho de amor proprio, encheu-se de vento, e começou a olhar com modos sobranceiros para aquelles que o cercavam. Um aperto de mão de D. Canegundes! Era bastante para D. Canegundes a cabeça de Joaquim! E Joaquim que tinha a mira na burra e na filha do commendador! Era de mais para uma alma d'Espartano!

Joaquim convidou Canegundes para uma quadrilha. Precisava dizer-lhe o que lhe ia n'alma. Almejava fazer-lhe uma declaração; uma dessas declarações habéis, espirituosas, solemnemente romanticas. Era preciso dar uma bat-talha e Joaquim sentia-se com a bravu-

ra de um Ney e a tactica de um Napoleão.

Canegundes acertou, e lá foram os dois dansar. Joaquim começou a desenrolar as espiraes do seu phrasacão amoroso. Canegundes escutava silenciosamente amarrotando seu lenço de cambraia. Nosso heroe via em perspectiva a burra do commendador. Todo elle nadava em esperanças. Canegundes nada dizia, mas o *dandy* apaixonado interpretava favoravelmente o seu silencio.

A quadrilha findou. Joaquim fez passear o seu par na amplidão das salas. Continuava no seu maneo, espargindo as flores da sua rethorica, quando, subito, um cavalheiro fardado de official de marinha se aproxima de Canegundes e lhe diz: *Sinhá, a seguinte quadrilha é nossa; você sabe que isto é um privilegio dos sovros*.

Joaquim ficou como se apanhasse uma pedrada na cabeça. Foi assentar o seu par; e, julgando encontrar na cerveja uma consolacão para seus males, tomou um formidavel *gasto*.

Fez asneiras mil nas salas; deu-se em espectáculo a todo mundo; e, como tentões a cerveja triste, travou-se de razões com um amigo a quem convidou para ir brigar na rua. Foram os dois; e Joaquim recolheu-se a casa, ás 4 horas da madrugada, com o fito todo rto e enlameado, com o olho pizado, com as costellas amolgadas pelo chapéo de sol do amigo, com fortes nauseas no estomago, e com uma illusão de menos no coração.

E se hoje encontrases Joaquim com modo triste, surombatico, com as orelhas calidas, á maneira de cachorro, não sabe tem o estomago estragado pela cerveja, o coração *blaf* pela derrota; que soffreu, e as costellas doídas pelo amigavel contacto do chapéo de sol de um amigo.

Joaquim Telles da Costa é actualmente um ser triste e choramingas. E' mais que triste—é um *manic*; elle devia rir, dar gargalhadas, debaixo das taponas moraes e physicas, que sobre elle choviam!

Oh! Triste imbecilidade de Joaquim!

### EXPEDIENTE.

Recebemos:

Do illustre Sr. Dr Brandão um exemplar da sua *Folhinha positivista*.

Cumprimentamos o agradecemos o sympathico author.

—Os jornaes *Paiz*, *Pacotilha*, *Diario do Maranhão*, *Pensador* e *Telegrapho*. Agradecemos.

Não recebemos a *Civilização* de sabado, não sabemos se foi descaido do distribuidor. Por isso prevenimos a illustrada redacção e enviamos-lhe-nos o nosso jornal.

Acha-se aberto todos os dias das 10 horas da manhã ás 2 da tarde o nosso escriptorio a disposição dos nossos assignantes e collegas da imprensa.

Maranhão—Typ. da *PAZ*.  
Editor—Fernando da Cruz Rabin.



# O FUTURO.

ORGÃO DE PROPAGANDA PROGRESSISTA.

Colher o fruto da arvore da sabedoria a pretensão da sciencia; posso lhe reportar que suas conquistas prejudicam ou não as phantasia da fé.  
HARCA, Historia da creação dos seres organados.

Propriedade de M. BÉRENGER.

**ASSIGNATURAS**

Trimestre..... 38000  
Semestre..... 65000  
Anno..... 128000

**Maranhão, 30 de Junho de 1881.**

**PUBLICA-SE**

TODAS AS QUINTAS-FEIRAS.  
Redacção a rua Formosa n. 30.

**O FUTURO.**

MARANHÃO 30 DE JUNHO DE 1881.

**A religião que nasce.**

No theatro immanente da revolução, n'este prosencio que se chama o seculo XIX, ha um phenomeno que escapa ás vistas do observador vulgar. Este phenomeno é a organização subterranea de um novo mundo que prestes está a surgir. Em meio da crise que se apodera dos espiritos, das instituições, da sociedade, em meio da transformação revolucionaria, elabora-se alguma coisa de grande que tem de fatalmente reformar a vida dos povos.

Para o pensador, para o homem que desce com a razão á analyse dos factos, a constituição lenta d'este novo organismo é uma verdade provada. Embora o commum dos homens lhe brade aos ouvidos—que o seculo actual é um seculo de ruínas, que a revolução não faz de estavel; que a revolução principio de organização social existe definido; que a anarchia se apossou dos espiritos; que a humanidade caminha para um barathro de theorias que a sciencia é uma chimera, e o bem social—uma utopia, elle sorri da asserção audaz. O que escapou ás vistas do myope intellectual não lhe foge dos olhos perspicazes. Elle vê o seculo como deve velo—uma cratera de luz em que se gera o porvir.

Os elementos que a revolução dispersou em meio dos povos christãos, as ideias audaciosas que espalhou pela terra, estão hoje submettendo-se a um trabalho lento de associação silenciosa. Ha n'esses materiaes dispersos, n'essas ideias soltas, a tendencia enorme para se fundirem, para se condensarem, para se amalgamarem. Tudo se aproxima. As moléculas do pensamento humano por uma gravitação fatal aggregam-se para formar um novo corpo.

E não se julgue que o antagonismo das ideias, que a opposição das opiniões, que a heterogeneidade das theorias que se disputam o mundo, sejam um embaraço á construcção do novo edificio que se ergue. Essa luta entre os principios oppostos, esse combate entre forças contrarias, é uma necessidade para a edificação da grande obra. É preciso que as ideias procurem a aspersa com que vieram á tona do cerebro humano. É necessario que se adaptem todas á evolução progressiva da humanidade que se aperfeiçoa. Devem reciprocamente corrigir-se para que d'ellas resulte o equilibrio da civilização.

E porem silente esse trabalho de construcção subterranea. Nenhum ruido apresenta a transformação que se está passando no cerebro da humanidade. Ha nas camadas do pensamento o phenomeno gradual do crescimento das plantas. Assim como o vegetal cresce, sem que a vida lhe possa immediatamente medir o crescimento, assim o futuro se elabora, sem que a razão

primeira analyse lhe determine o desenvolvimento.

A humanidade no seculo XIX, os povos, as nações, a quem a revolução deu a liberdade, trabalham surdamente para estabelecer alguma coisa de bom que seja a negação das trevas do passado, e do crepusculo do presente. Chamado a desenvolver-se, o genero humano tende a construir sobre as ruínas das instituições que esmagaram os povos um edificio que realisa as aspirações sociais das nações modernas. Entre as instituições que opprimiram o homem, houve uma—o Christianismo Latino. E sobre a ruína d'esse amphitheatro do despotismo, sobre o solum d'esse quasi cadaver, que a pyramide vai s'elevando de uma religião nova. Essa religião é um repodio ao passado, um gorgear de passarinhos, que sauda o sol do porvir.

O cobosso já surge lentamente d'entre as nevoas que o circundam. Já o espirito voa a saudar-lhe a vinda.

Vejamos que religião será essa.

O nascimento de uma religião coincide fatalmente com o facto psychologico de uma transformação na mentalidade. É necessario que a ruína se haja apoderado das creanças, das tradições, dos dogmas, que reinarão sobre a humanidade, para que um novo systema s'imponha, substituindo com uma nova phase d'ideias o corpo que se esphaceou. A religião que vem occupar o lugar daquella que morre não é uma tentativa dos homens, não é um trabalho consciente da mente humana. É uma cousa fatal que se desenvolve, uma necessidade social que se patenteia.

O apparecimento outr' hora do Christianismo—o nascimento do Evangelho, corrobora esta verdade, demonstra a exactidão d'este principio. Estudese o estado dos espiritos quando a epopéa christã rebentou, analyse-se as instituições e os costumes do mundo velho que se desmoronava, contemple-se a transformação enorme que se dava nas ideias dos povos, e ver-se-ha que o apparecimento do Evangelho não foi uma cousa fortuita, um acontecimento casual, sem raizes na evolução da humanidade. Ver-se-ha que foi uma necessidade reclamada pela nova fase que tomava o pensamento humano. Não era o Christianismo que organizava de uma maneira nova a sociedade; era a sociedade que, pelo fatalismo da sua organização, construiu uma religião nova.

No seculo actual, como em todas as epochas de crise, dá-se o phenomeno do nascimento de novas necessidades sociais. A razão humana progredindo torna precisa uma nova forma d'ideias que se adapte ao o seu desenvolvimento progressivo. Sem saber ao certo porque, o homem na actualidade sente um vacuo nas instituições que cercam. Esse vacuo onde se apresenta mais profundo é no que diz respeito ás ideias religiosas.

O Christianismo que ainda hoje aparentemente se mantém é a origem d'esse vacuo que se dá no pensamento religioso. Ha dezoito seculos que se apoderou do mundo, e n'este longo caminho aravez dos tempos ha a si assemilhado ideias que não mais satisfazem ao homem. Monotheista a principio, de uma moral severa nos seus começos, adaptavel á humanidade que o construiu, ha degenerado sob a influencia do mito social n'um polytheismo grosseiro, n'um sensualismo egoistico, n'uma instituição impossivel de combinar-se com as ideias modernas. Não é que no seu seio não existam grandes verdades sempre adaptaveis á mente humana. Ha-as, mas obscurecidas, empanadas, desfiguradas por uma alluvia de ideias secundarias que o tem desmaturado. Como todas as religiões, ha substituído a seus principios iniciais alguma coisa de vão, que não tem razão de ser entre povos civilizados.

O estado da humanidade no nosso seculo comprova esta verdade evidente. E nas ultimas camadas do povo que ainda existe algum fervor pelas creanças christãs. Mas, analyse-se esse fervor, estudem-se essas creanças, e ver-se-ha que, semelhantes ao lodio, não têm sal na composição. A plebe é christã por habito. Seduzida pelas pompas do culto, materializada pelas tradições immoveis, entrega-se ao mais grosseiro fetichismo. O culto pelas imagens, as orações a uma pleiade innumeravel de santos problematicos, a adoração da mulher personificada no mytho romantico de Maria, eis toda a bagagem do homem ignorante de nosso dias. Elle não conhece Deus por que não pode comprehendê-lo através dos dogmas da Trindade, da Encarnação, e da Redempção, com que vestem o ogigoto. Elle não sabe que a religião é uma necessidade moral que s'impe aos costumes. Julga ter cumprido seus deveres religiosos indo acompanhar procissões, assistir a missas, confessar-se uma vez por anno. A moral, que devia ser o objecto de seu constante estudo, escapa-lhe nebulosamente ao entendimento. Elle não vê senão o fetichismo—não comprehende o que ha de grande atraz; do emblema.

Se das classes ínfimas subirmos ao primario plano da sociedade, encontramos um contraste enorme. Já não é o fetichio que se ergue, mas um scepticismo immenso que de tudo se apoderou. Quer para o sabio, quer para o burguez, quer para os restos de uma aristocracia que morre, a religião christã não é outra coisa senão um acameco, que se impossibilita o povo de entender. É um freio salutar, dizem elle. Não mais creem no systema, mas gastam-no publicamente, para evitar que o povo ria do nada que tem adorado.

Estas duas faces oppostas mostram a que ponto chegou o Christianismo entre as nações modernas. Fácil é de ver que já não existe senão em estatua. A alma fugiu do grande corpo.

Mas o principio que animou o cobosso, hoje cadaver, não desistiu dos

horizontes humanos. Uma nova religião nasce da moral que foi desdenhada, das grandes verdades que se desfiguraram. É uma religião cujo templo é o universo, e cujo estandarte é a Liberdade. É um culto, e um culto grande.

Um altar para a religião que nasce. Um altar?—Não, o altar é a terra. O pensamento que se eleva precisa do espaço infinito. Em vez do altar fazei a officina.

O trabalho é a oração que desponta.

**III**

Liberdade, Igualdade e Fraternidade—é uma divisa da humanidade que se aperfeiçoa. Não é porém uma simples legenda. É uma religião que nasce, é um culto que rebenta.

Sim, é uma religião que nasce. Uma religião que se apoia n'alguns dos principios que deram outr' hora a vida ao Christianismo. Um culto santo que precisa de estabelecer-se, uma philosophia que a necessidade social gerou. O vacuo religioso que existe ha de desaparecer. Ideias novas germinam na mente humana.

Bastante tempo os templos, as theologias, as imaginas, se impuseram á ignorancia do homem. A adoração do incomprehensivel, ao culto ignavo dos absurdos, succedeu uma religião pratica que ha de moralisar o genero humano. Essa religião não tem templos—basta-lhe o Universo; essa religião não possui orações—contenta-se com trabalhar para o engrandecimento do homem; essa religião não tem ceo, não tem inferno—em lugar do intangivel ella colloca a consciencia que prima a virtude e que castiga o vicio; essa religião não tem missas, nem procissões, nem imagens, nem penitencias, nem jejuns, nem macerações—contenta-se com melhorar a condição humana; essa religião não força o homem a adorar forças que não comprehende—ella exige um culto apenas pela grandeza do infinito em elle se acha envolvido, e pede-lhe uma adoração consciente pela humanidade de que faz parte; essa religião é a religião do bem—ella não tem nem fogueiras, nem Syllabus, nem Papa.

Esabeis qual é o sacerdotio da nova seita? É a escola. É na escola que o novo systema se desenvolve. Ah! nas paginas do livro, ah! nos primeiros rudimentos da sciencia, bebe o espirito da creança a scintilla do novo culto. A treva da ignorancia foge ante a luz da razão. E a razão é o summo pontifice do Evangelho moderno.

O que na escola é germen, na vida social transforma-se em embryo. Sujeta á educação de uma vida positiva, a geração actual rompe com as heimas theologicas e metaphisicas que obscureceram no passado a intelligencia humana. Já as disputas de palavras, a questão d'ideias vans, fogem do meio social.

A admiração ante a natureza, o culto severo do facto, impõem-se ao pensador. Não mais é licito entregar-se a especulações ociosas de nenhum resultado social. É preciso que os espiritos



marchem todos para a conquista da verdade, esmagando o erro que tem torturado as gerações.

A *mesa-religião* que desponta tem sapatos, mas não como esses homens cuja virtude se cifra em obter uma bemaventurança ideal—na solidão egoísta de uma vida ascética. Os santos para o culto que nasce são os homens que tem influido para o progressivo melhoramento da humanidade. São homens como Kant, como Watt, como Buchner, como Darwin, como Victor Hugo, como <sup>308</sup> Vol. São homens que têm arrojado grandes verdades ao meio social, ao antes que não appressado o desabrochar de uma nova era de luz.

As penas eternas, o eterno espantoso ideal com que se obscurecia a felicidade do homem, não mais são precisas para guiar a humanidade no novo culto. Existe a lei, desponta o direito, rebenta a forma social, que da na terra a cada um premio do que faz de bom e o castigo do que operou de máo. A immortalidade do homem está mais segura do que nunca. As gerações idas vivem no presente pelo legado que deixaram á posteridade. Os mortos, na phrase de Shopenhauer, vivem em nós. Elles immortalisaram-se pelas suas obras.

A religião que hoje se levanta não é um repúdio ao Christianismo que out'ora via a luz na Judeia. Não é senão o desenvolvimento d'essa fraternidade pregada pelos apóstolos christãos; d'essa philantropia que dizia aos homens—Ami-vos uns aos outros. É o corollario da moral do Evangelho, é a consequencia fatal d'esse embryo de progresso.

Os gritos celericos dos sectários do passado, a raiva que os anima contra a nova ideia religiosa, o furor que os possui contra as conquistas do homem, são impotentes para obstar ao estabelecimento do novo culto. Elle cresce em meio da luta, e cada passo que dá no seculo faz avultar no ceo da humanidade a santa deusa que tomou.

A religião que nasce tem uma formula sagrada que se resume nestas santas palavras—Viver para os outros e não de viver para si.

Inclina-vos ante esta moral, que toras grande o homem.

Osculai o infinito do bem que desponta.

## Hermeneutica theosophica.

(Continuação do n. 2.)

11

Para que se possa entrar na analyse e fazer a devida appreciação dos dogmas de qualquer das religiões estabelecidas, cumpre primeiramente considerar a que genero de ouvintes pregava o seu fundador, e para que sorte de espiritos escreviam os seus particulares theologos.

Deve-se distinguir a posição do pregador e do scriptor philosopho. Os theologos não pregam senão aos espiritos rudes, e incultos,—de quem possam encaminhar e dirigir as paixões; os philosophos não fallam senão aos espiritos intelligentes, para n'elles implantar os germens do raciocinio. Os theologos não escrevem senão para que os espiritos assaz crentes, ou assaz velhaes, possam impoer suas doutrinas aos espiritos simples e rudes, cujas paixões naturalmente resistem a toda o estabelecimento de ordem; os philosophos só podem escrever para os espiritos esclarecidos, em quem o sentimento da justiça domine toda a paixão.

Vera o espirito culto, d'intelleccto desenvolvido, a verdade é o unico norte, onde se deve dirigir: o rumo; a razão,—o unico final; a intelligencia,—a unica bussola; o discernimento,—a unica rota; a convicção,—o unico precepto; e o conhecimento,—a unica autori-

dade. A um tal espirito, nada mais é necessario que apresentar-lhe a verdade fundamentada em principios que elle, pelas suas proprias lutes, possa reconhecer por incontestaveis.

Não acontece porem a mesma coisa com o espirito inculto, sobretudo se for totalmente rude. Para elle o unico norte é o unico final,—o fogo das paixões; a unica bussola,—o seu desejo; a unica rota,—a conveniencia; o unico precepto,—quem melhor o souber lisongear; e a unica autoridade,—a da sua satisfação egoistica.

Taes são os espiritos incultos, em que a rudez se acha inveterada, sobre tudo depois de uma longa serie de gerações de que tenham recebido costumes e hábitos tradicionais. Para lhes combater as propensões, é impotente a razão,—são necessarios prodigios; e só por meio de prodigios se os pode moralmente transformar. Depois de impressões dos pelos prodigios (verdadeiros, ou habilmente simulados), preferem o maravilhoso ao natural,—o mysterio á clareza, e é então que podem abraçar o fanatismo, tomando a superstição pela religião. Em simillhantes disposições, não basta que se lhes diga: *esta é a verdade*, porque elles não de negar-se a admittila; é escusado insistir, dizendo-lhes: *eis aqui a prova!* pois elles não de recusar attendêr-lhe, sobretudo se a verdade tambem se oppoer ás suas disposições e inclinações naturaes. Socrates não poderia, sem cair no ridiculo, dizer a discipulos da ordem de Platão,—de Xenophonte e de Antisthenes: *Bemaventurados os pobres de espirito*, porque elles o abandonariam, sem que todo o seu serio se impedisse de saltarem estrondosas gargalhadas. Tambem o Christo julgou superior recomendar aos seus o precepto: *Nosce te ipsum*, porque o mais esclarecido dentre elles o que poderia responder, observando-lhe, era: *Mãe, Senhor, e coube-me bem!*—*Sou o pescador Simão—Bar-Jonã, a quem tu chamas Pedro!*

Os philosophos podem fallar á intelligencia, e a intelligencia pôde pôr em jogo todas as molas do raciocinio; os theologos não podem fallar senão ao sentimento, e é portanto muito natural que se sirvam muito mais de bolas do que de molas. São boladas que lhes podem servir para captar a attenção, e assim encaminharem as paixões segundo as conveniencias da doutrina que pertendem implantar, ou que, pelo seu proprio interesse, defendem.

Bem se vê por tanto que, para os espiritos cultos, e livres pensadores, bastariam, em cada religião, os tres dogmas fundamentais: *existencia de Deus—immortalidade da alma, e penas e recompensas eternas*. Para os outros, eram tambem necessarios milagres que provassem que a missão do legislador era verdadeiramente divina, e que só assim se poderia reputar sagrado o caracter dos seus ministros.

Seria superfluo enumerar aqui todos os recursos de que, em quasi todas as religiões, tem haçado mão os theologos para provar a divindade da missão do seu particular legislador, porque em taes religiões todos esses recursos se acham conhecidos, achando-se os principios estabelecidos como dogmas. Basta que se saiba que os theologos não se têm absteido de se socorrer á nenhuma d'aquelles em que parece que o seu principe legislador os deixou livres. Só Mahomet, posto que grande impostor, teve a lembrança de evitar simillhantes abusos, parecendo dizer ás seus sectários: *Alto lá! eu nem sou filho unigenito de Deus, nem tenho por pretexto algum sobrenatural com espiritos celestes! Sou uma humana que foi concebida, nasceu e tem vivido como os outros homens, de quem tão sómente me distinguo por haver sido escolhido por Deus para principe dos profetas!* *Salva-se que não lero mais longe as minhas aspirações!*

Mas, admitida que seja a divindade da missão, todos os dogmas que a ella se referem—não podem ser mais que dogmas secundarios, que nada acrescentam aos dogmas fundamentais, pelo que se possa melhor provar a verdade ou a falsidade—da religião. Se, por exemplo, a moral de Jesus-Christo é de uma sublimidade verdadeiramente divina (e é forçoso confessar que assim parece), que maior esplendor lhe podem acrescentar os dogmas fundamentados sobre a sua natureza humana? Admitta-se que elle seja o filho unigenito de Deus, e que fosse concebido, por virtude do Espirito-Santo, nas purissimas entranhas de uma Virgem—que esplendor pode dar á sua moral,—que excellencia pode acrescentar á sua doutrina,—qualquer discussão sobre o estado em que ficou a sua Santissima Mãe depois da maternidade? Accusa a gloria de ser Mãe do Salvador do mundo pode ser empanada pela perda, aliás muito natural,—da virgindade? Se a rosa se torna mais apreciavel depois de desabrochada, porque só então exhalava a fragrança que não podia exhalar em botão, como é que a *Rosa de Jericho* poderia ficar depreciada se houvera desabrochado como todas as outras com que tão poeticamente se a compara? Um Deus digno-se encarnar no seio de uma mulher; esta mulher magnifica ao Senhor pela gloria que exclusivamente lhe concede de ser a Mãe do Salvador do mundo; e quando não ha deslouro n'esta mulher em ser mãe, dando á luz um filho como costumam todas as outras mulheres, pode haver algum em que no seu corpo ficasse o tão natural vestigio da maternidade? A virgem estava predestinada; pois bem; e o que ha de mais natural do que dizer: *A virgem conceberá e dará á luz um filho*,—isto quando ella ainda não tinha mudado de estado?

Na verdade, se o pudor continha a affectar os espiritos que o tiveram cá na terra, muito grande deve ser o rumor que deve ter assomado ás faces da *Rosa de Jericho*, entre os outros espiritos celestes, vendo que o seu pistillo tem servido de exemplo para simillhantes discussões, e em concilio geral! O que posso asseverar é que o Christo nunca autorizou taes discussões, pois em nenhum dos quatro *Evangelhos* se acha que elle reunisse concilio dos seus discipulos para lhes fallar em tal cousa, nem tão pouco se acha nos *Actos dos Apostolos* que elles se reunissem em concilio para declarar que simillhante creença fazia parte da doutrina do Divino Mestre. O que se pode notar nos *Evangelhos* é que o proprio Christo, nomeando-se, varias vezes,—*filho de Deus*, e muito mais vezes ainda—*filho do homem*, nem uma só vez pensou em nomear-se *filho da virgem*. Seja mesmo permitido observar que em nenhuma das tres vezes em que, nos *Evangelhos*, elle lhe dirige directamente a palavra,—lhe dá o tratamento de *Mãe*; e n'uma outra vez, em que os discipulos lhe annunciam a chegada de sua mãe e de seus irmãos, elle parece repellir taes tratamentos, dizendo-lhes que onde quer que elles estiverem reunidos perante elle, ahí estarão sua mãe e seus irmãos.

Este dogma, portanto, com todos os outros dogmas secundarios, de nenhuma importancia pode ser para corroborar a verdade ou a falsidade de uma religião, com quanto possam ser crencas muito respeitaveis se as deixarem subsistir na sua sublimidade. Quando uma moral é sublime, não ha attributos lisongeiros que pareçam exagerados para o seu autor; mas deixese completamente a appreciação ao livre julgamento d'aquelles que forem assaz dignos de respeitar a sua moral, ou assaz susceptiveis de se entusiasmar por ella, sem que se pretenda impoer a

creença com a teima de quem pretenda fazer passar um absurdo por um augustissimo mysterio. Não se leve a arrogancia no ponto de forçar e violentar as consciencias que alias não podem ser livres nas suas convicções, e que, quando devam ser responsaveis por ellas, só a Deus pode pertencer o direito de as chamar a contas.

(Continúa)

## A Civilização desmentindo o seu programma.

A *Civilização*, em um numero que não podemos precisar, tratando do respeito devido á autoridade constituída, exprobou a seus adversarios o não guardar as conveniencias nos ataques dirigidos ao *orgão catholico*. É justo, disse o *orgão catholico*, analysar os actos da auctoridade, censurar os mesmos, mas sem nunca descer a ataques pessoais, a aggressões desabridas, a alluzões injuriasas.

Não garantimos serem textualmente estas as palavras da *Civilização*, mas quanto ao sentido, podemos asseverar que não foi outro. O *orgão catholico* precisava então de simular respeito pelos poderes publicos, porque tinha em mente delles servir-se para sua causa particular; contava com o apoio da auctoridade para estabelecer aqui uma theocracia illigittima, e trabalhava para adquirir as sympathias dos orgãos da lei.

No ultimo numero da *Civilização* pôde-se facilmente ver quão ardilosa era a tactica clerical. Nesse numero o *orgão catholico* muda de rumo. O respeito pela auctoridade varreu-se do espirito dos redactores da *batina*. A magistratura, desde o Supremo Tribunal da Relação até ao juiz de direito Mello Rocha; a administração desde o chefe de policia, de embaixador Lacerda, até ao ex-co-procurador de provincia, dr. Cincinato Paulo da Silva; são victimas de uma aggressão brutal que ao das raias do programma que o *Journal catholico* para si mesmo traçou.

Não temos cur vista de defender a ninguém, nem tão pouco lavar accusações, neste nosso periodico; estamos acima de todo e qualquer odio de facção, de qualquer paixão do partido. Nosso journalito é uma arma de guerra, é um instrumento pacifico de propaganda. Temos porem um dever: analysar todos os factos que possam ser de consequencia immediata para o bem publico. Um clero, que pelo seu *journal* desrespeita abertamente a auctoridade; um clero que avança hypothese injuriasas sobre cidadãos que estão incumbidos da administração dos negocios publicos; um clero que agride, sem motivo razoavel, depois de haver condemnado toda á aggressão; um clero destes esolim,—torna-se digno de que se lhe diga francamente: Tu não tens causa, tu não tens ideias, tu não tens missão alguma que te recomende. Tu aspiras a dirigir as consciencias, a doutrina do povo, a diffundir a religião, e tu não sabes o que queres, o que dezas, o que pretendes. Uma só cousa rebenta do teu procedimento,—é que tu só cultas de interesses pessoais; é que tu não és digno de redigir um *journal* em cujo frontispicio se lê a palavra—*Civilização!*

Nós, nas linhas que se arala de ler, não temos em vista outra cousa senão desviar o *Journal catholico* da fãbo caminho por onde se extravia. A causa catholica é a causa de um cadaver, mas, por isso mesmo, é precisa muita dignidade para defender um morto. Que a *Civilização* comprehendá que não é ao clero que convem desbaratar a imprensa. Que a *Civilização* volte ao programma que traçou.

Se digno nada custa Ser, representantes da causa catholica.



**Com licença.... Um reparo.**

Sem que pretenda contestar ao digno juriconsulto o sr. dr. Agésilio Pereira da Silva—a sua reconhecida pericia, seja-me permitido observar a s. s., em vista da sua manifesta presumpção em conhecimentos philologicos, que não se mostra tão perito na da lingua em que escreve, como realmente se manifesta em materia de jurisprudencia.

Nas razões, por s. s. apresentadas ao egregio Tribunal da Relação—em defesa do sr. conego Osorio Athayde Cruz, commette s. s. erros philologicos, que se tornam realmente muito mais pelo excesso de presumpção com que os manifesta.

Poder-se-ia relevar a s. s. que attribuisse ao seu cliente—habilitações que lhe faltam; se pelo menos se o pudesse mostrar, pela sua redacção,—a sua idoneidade para julgar de habilitações alheias,—em materia de linguagem.

O sr. conego Osorio Athayde da Cruz escreveu com muita leviandade o seu artigo (se o artigo é verdadeiramente seu) — intitulado *Informações falsas*. Elle nenhuma idéa tinha do alcance do sentido d'esta expressão, em que a significação da ultima palavra não é menos propria que a da primeira.

O sr. major Cunha, como mais interessado, foi quiz primeiro a comprehendeu perfeitamente. Estava naturalmente muito longe de suppor que o articulista ignorasse o valor dos termos de que se servira; e, ignorando tambem, então,—quem era o articulista, não podia tão pouco saber que o sr. conego lhe podia dar explicações satisfactorias. —; E que explicações lhe poderia dar o responsavel do artigo? Não me parece que pudesse dar uma, que não fosse n'este sentido: *sr. major, pelo a s. s. que me desculpe a minha leviandade, porque realmente ignorava o valor dos termos de que me servi, não era minha intenção offender a s. s., mas tão somente ajudar ao triumpho da causa dos nossos collegas.*

Bem vê pois o illustre advogado que não é justa a recriminação que, em nome do seu cliente, faz ao sr. major Cunha, e que não se torna menos irrisoria a maneira porque pretende humilhar o queixoso, do que ridicula a consideração que manifesta pelos deficientes conhecimentos do offensor.

Mas com quanto o illustre advogado não seja tão perito em philologia como se mostra em jurisprudencia, nem por isso deixo de o considerar capaz de se convencer dos erros que commetteu. Nesta supposição, tomo a liberdade de chamar a sua attenção para o que escreveu nos paragraphos 7, e 8, da primeira columna da pagina 2.<sup>a</sup> da folha intitulada *Civilisação*. No primeiro, d'estes dois paragraphos, diz: *tres commettendo falsidade, ou falsificado* (palavras synonymas no nosso Cod. cr.) etc.

Ora, attenda s. s. que *commetter falsidade é produzir* uma idéa falsa sobre factos ou acontecimento—*imprevisito*; e *falsificar é desfigurar* um factos já existente ou documento. Alem d'isto em nenhuma lingua culta se nota que dignos mestres ensinem haver synonymia entre *participio* e *substantivo* derivado do mesmo verbo. *Synonymia* não pode ter lugar senão entre palavras que se acham nas mesmas condições grammaticas; e só grandes mestres em linguagem de aldea podem ensinar o contrario.

Mas o illustre advogado, julgando poder haver synonymia entre um *substantivo* e um *participio*, mostra-se surprehendido; se não maravilhado,—de a achar entre um *adjectivo* verbal e um *participio*,—que vem entre si muito maior affinidade. E isto o que elle manifesta no segundo dos paragraphos alludidos, attribuindo ao meretricissimo juiz a quo uma synonymia, que não se

pode inferir de dois casos diferentes que se achem igualmente sujeitos a ser julgados em virtude da mesma lei.

Desculpe o illustrado advogado a liberdade que tomo de lhe notar estes erros, nem julgo que isto lhe possa prejudicar o conceito n'aquillo em que é verdadeiramente grande. Cada qual nem sempre pode ser grande fora da esphera da sua especialidade; e aquelle cuja especialidade for profundar philologicamente as linguas,—está no dever de mostrar a differença que pode dar-se entre o critico julicioso e o criticador inconsciente.

Maranhão, 27 de junho de 1881.  
Maciot.

**Jesuitismo desusado.**

Os reds. redactores da folha jesuitica não se dignaram emitir directamente opinião sobre o jornal *O Futuro*; mas sempre a deixaram transparecer indirectamente, permitindo que nas suas columnas, se professe sob o titulo de *publicações a pedido*!

Não advertiram porem que quem *pede publicações*, sejam estas de que genero forem, manifesta, com os seus desejos,—as suas convicções, d'envolta com a sua fraqueza.

Todas as tretas dos incautos campeões do catholicismo romano estão já tão conhecidas, que não é necessario advinhal-as.

Acham então que *O Futuro* é um cacete, e pretendem dissimular o seu achado, inculcando a noticia como um ditum da rapaziada? Seria talvez conveniente entreter tal idéa em quem tivesse a intenção de armar campanhas de varapau, porque então bem veria que o varapau sobre o *cacete* se despedaçaria como vidro; mas aos pacificos e sobretudo a prudentes redactores da *rd. Civilisação*, podese fallar a linguagem da verdade, sem que isto comprometta a tranquillidade do partido que *O Futuro* defende. *O Futuro* não é cacete, nem arma offensiva de genero algum; *é uma arma*—uma arma defensiva,—um modesto escudo, de que se servem fracos, mas incansaveis,—lidadores, para proteger, quanto poderem, a civilisação progressista, a fim de que não seja contaminada, nem paralyzada,—pela pestifera *civilisação* clerical.

Sejam os rds. redactores da folha episcopal—prudentes e circumspectos, que nenhum *cacete* terão a receiar d'*O Futuro*, quer elle atinja o presente, quer não.

Maranhão, 29 de junho de 1881.  
Belmonte.

**O ladrão e o Rajah.**

(Fábula indiana, traduzida da versão de Ma. L. LACROIX.)

Um ladrão, tornado celebre  
Por mais de cem espertezas,  
Ia, apanhado, pagar  
Na loja—suas proezas.

O Rajah de Travencor,  
Perante quem foi levado,  
Lhe disse, de bom humor:  
«Dan-to a vida de bom grado,  
Se me mostrares um ladrão  
Mais habil que tu—le não.»

«—Pois então retrae-me já!  
Responde o usara em ardi.»  
Pois não é só um que ha,  
Mas sim dez, mas—cem, mas—mil,

Que eu vos já, a moes talante,  
Indicare-vos n'um instante.»

«—Mostra primeiro que é essa  
A verdade que dizesse,  
Disse o soberano, e depreca;  
E eu vezi se merecesse  
Que cumpria a minha promessa.»

Logo o Ladrão lhe apontou  
Seus ministros, sem excepção;  
Leda mais lhe mostrou  
O que, n'administração,  
Se chamam governadores,  
Eos d'impositos—cobedores.

«—Tem razão, disse o Rajah  
Sem um instante hesitar.  
Depressa, soltem'no, oh!  
Tod'essa gente, em rondar,  
Mais habil se tem mostrado  
Que elle, pois apañar  
Nem vai só se tem deixado.

Crê que a virtude é uma capa  
Para os homens que, á socapa  
Os seus vícios enobrecendo,  
Aos outros vão iludindo;  
E que o mais virtuoso  
É o que faz mais ardiloso.

Maciot.

N.B. Não creio que a em realidade,  
Que esta fábula apresenta,  
—Se dá na sociedade  
Que toda a gente frequenta.

Tambem não creio que s'estenda  
A todo o funcionario,  
Tudo quanto que comprehenda  
Todo quanto usa rosario.

Eu creio porem que alcança  
(D'esta feita não me engano)  
Tudo o que é da pagelanza  
Do sacerdote romano.

(Do traductor.)

Maranhão, 29 de junho de 1881.

**A barriga de Augusto o gordo.**

Um dos nossos collegas de redacção  
Vae escrever uma musica sobre motivos  
D'este immenso herde da nossa popula-  
ção.

Recolhe-se assignaturas afim de mandarmos [photograph]a com o retrato do mesmo Augusto.

Quem quiser conhecê-lo tome uma assignatura que brevemente será publicada a ditamurica.

**MISCELLANEA.**

O fim. Sr. Afonso A. Mendes, foi quem decidiram as charadas do numero passado. O mimo que lhe demos, foi uma grammatica de *ASSUMERE*, em vista deste Sr. ser um moço estudioso. A decifração é—Faria, Fonseca, mira-sol, Correa, Euclides.

O padre Mira-sol não se importou do nosso conselho. Se não pregae de cocoras neste domingo, iremos ter com sua Exc. Rev., porque não podemos espichar-mos afim de comprehender o que diz.

—Pregue de cocoras ou de barriga para cima que ainda achamos melhor.

Diz a *Civilisação* que no theatro S. Luiz, quem applaudiu os *Agentes das trevas* foi apenas um grupinho que se achava no camarote junto ao do Exm. Sr. presidente da provincia.

—Negamos nós tambem estavamos lá, vimos e ouvimos tudo que se passou.

—Olha oh! *Civilisação*, tu sabes quem lá estava tambem? O Faria, o Euclides e pode contar-te o que se passou; se elle negar que de quasi todos os camarotes e de toda a platéa se ouvia bravos e palmas, nós ficaremos zangado com elle porque falta a verdade.

Mas, qual... o Euclides é um homem muito serio, rapaz de bem em quem depositamos muita confiança, e com certeza elle ha de dizer a verdade.

O que achas querida *Civilisação*?

—Sim, eu ponho as minhas duvidas.  
—Pois quer, pochas, quer não pochas, o facto que tu contas aos teus leitores não é exacto. Tem paciencia.

Um estudante discutido com outro, tanto discutio, que lá veio o pobre *Fervao* para o meio.

—O que achas de bom n'O Futuro?  
—Não presta, não tem nada que preste.

—Ora deixa de historia.  
—Qual historia e depois insultando a igreja! Nem q... tal... minis...

—Ora deixa disto—*O Futuro* é um jornal de idéas livres, e eu sou um apolo-gista do que se chama—*pensamento livre*.

—Sabe d'ahi com o teu pensamento livre.

—Ora diz-me cá uma coisa—levando o caso para o serio... Que tal achastes o *expediente*, tu não podes negar que está bem escripto, heim?

—Sim, o expediente não está máo...  
—E o que dizem os nossos leitores, destes typos que se querem metter em discussão de idéas sem saber couza alguma?

O que merece um sujeito destes?  
Só uma pedrada... ou senão mandal-o educar lá na *Civilisação*.

Quando tencionarão os Exms. desembargadores da Relação do Maranhão condemnar outra vez o infeliç papa Alexandre VI?

—Desejamos ver o fim deste processo tfo fallado pela *Civilisação*.

N'uma das festas do mez de Maria em Santo Antonio, presentearam a uma mulher que acabava de se *confessar* (as 3 horas da madrugada a um dos padres do seminario), com um formidavel *tapa-olho*, ou antes um *quebratesta*, porque cahio immediatamente, o que deu cauza a quebrar a testa. Não se importando do lugar em que se achava deu mil diabos a pessoa que lhe havia presenteado aquellas horas.  
Esta mulher é uma irmã do *corção*!

Esta mulher é devota e é devota que chama pelo Satan dentro d'um templo! — Não seria melhor estar em sua casa dormindo de que ter de ir igreja para receber depois de uma confissão, uma prova de consideração... de madrugada?

CHARADAS.

Receberá um mimo chic, a pessoa que mandar-nos a decifração. Damos preferência ás Soras.

Com A sou atheo assim faço como ourires por ser padre do latinorio 2-2

Estou em caspa e em astro por ser padre do rapé 1-1

Com mais um B no cão foi degollado 1-1

No gato em lento tem juizo por ser homem 1-1-2

Não sou preta por ser discurso sem A pronunciado no mar 2-2

Na Arabia sou augmentativo por ser ar peora

Gagueja no dedo da velha por não se pentear 1-1-1-1

CHARADA ESPECIAL.

- Verbo—1
Verbo—2
Verbo—1

C.

Mata.

O mimo é chic.

Até.

H. de Busselmonte.

Meia hora de conversação com o leitor.

SUMMARY.—Nossa moda.—A barriga de Augusto o gordo—Mimo à Pacotilha—Uma visão—Supplicio—A cabeça de Augusto—Agessilão Pereira da Silva—O nosso amor—Deallusto—Agessilão orthodoxo—Arraia-nossa—O cacete da orthodoxy—Desce a do leite—Jo-quin de Albuquerque—Adus.

E' esse a não tremula pela commoção, com os dentes a latter nas contra os outros, com os olhos esguiaçados pelo

modo, com as ventas dilatadas pela aprehensão, com os ovidos cheios de uma zozada fúnebre, que hoje começamos a fallar-te, leitor. Estamos com medo. Mortal susto se apoderou de nós. Um pirgo mortal nos persegue. Alam, como uma avalanche, rola para nós a sympathica Pacotilha carregando uma coisa enorme, tremenda descommunal—a barriga de Augusto o gordo.

E ella ahí vem; ella o tremendo receptáculo dos lautos jantares, das opáras ceias, dos festins trymalcionicos; ella a machina infernal de uma digestão continua, o pesadello que assombra as noites dos bois, dos porcos, dos carneiros, dos peras, dos patos, das galinhas, ella que estes animaes em seus sonhos subulos têm visto perpassar pronunciando esta phrass terradora—En vor bei de comer, oh! áchias!

Sim, ella avança. A Pacotilha tem bron-se de erguer do chão esta massa enorme. Augusto o gordo, que muitas pessoas julgam ser Augusto Almeida, levou a generosidade longe. Foi simo da sua barriga à Pacotilha. Sim, mechina, disse elle, sim, eu te dou o meu bocho. Tem a minha pança á tua disposição. Vê se com ella ísanhas alguma coisa. Ea o que de melhor tenho é o ventre. Dê-lhe a celebridade fazendo-o figurar nas tuas columnas. E mais tarde se, graças a minha barriga, fores longe—su ad-te peço uma coisa—manda pintal-a, lithographal-a, distribuil-a com esta legenda: eis a pança de Augusto o gordo.

E a Pacotilha accetion o infernal presente. Utilillon-se da beneficencia de Augusto, e ella agora em publico a perseguir-nos com a maldita barriga erguida sobre nós como a espada de Damocles, como uma mole que pretende esmagar-nos, como uma ameaça ao nosso socego, ao nosso bem estar. Já não dormimos tranquillo. A todo o momento julgamos ver a maldita que, com a sua pelle engordurada, com seu vulto arredondado, com seu umbigo em que cabe uma cebola, com seu todo satânico, nos rouba o somno. Vemol-a nas mãos da Pacotilha, que a agorra, que a affaga, que a apita, que a machuca, que a machuca porosa, que a transforma n'um monstro terrivel, n'uma chimera medonha, n'alguma coisa do vago como o inferno da digestão, n'um barathro absorvente dos organismos, n'um peço a cuja bocca encancarada se pode pôr a legenda—Lasciante ogni speranza voi ch'entrate.

Um terror immenso se apodera de nós ante o vulto idealizado da barriga de Augusto o gordo. Trememos: um calafrio nos percorre a espinha dorsal. O espectro das nossas noites de inverno, é ser terrível e descommunal, ó esphinge implacavel, ó barriga de Augusto o gordo, some-te phantasma, fuge harpia, deixa-nos comer os nossos castros!

Mas não, a maldita não se vai. Aproxima-se de nós. Lá ao longe, ouve-se uma melodia. E o padre Fonseca tocava o hirimbá. E ao som d'essa musica a barriga cresce. Ella que já encobre o ceo, ella que empana o brilho dos astros. E vai crescendo sempre, e tudo absorvendo. Já não ha terra, já não existim planetas, já o sol desapareceo, já os astros se sumiram. A tremenda voragem tudo engole. Já não ha Universo, já não existe Jehovah, já morreu Satan. Uma só coisa enche o espaço infinito—a barriga de Augusto o gordo!

Mas que, nós debáramos! O Pacotilha, ó menina, tira de ante nós esse espantallo! Larga essa infernal barriga! Pelo amor que tens ao revê. Pousa, pelos abraços que deste ao dr. Mounão, pelos beijos que offertaste ao sr. d. Antonio, arreda de nós essa bomba nihilista que nos pode fazer em pedacinhos, esse maldito bandullo que ameaça destruir o universo.

Augusto fez-te um mimo, ó Pacotilha! Pois bem, regeita-o. Repelle essa indiva monstruosa. Em vez do ventre toma a cabeça. Peço a Augusto que te dê essa cabeça onde não lura razão, os á

cabeça em que palula a asperação. Em vez do corpo toma o espirito. Pacotilha expõe a cabeça de Augusto o gordo! Oh! arreda a infernal barriga!

Agessilão Pereira da Silva é um moço alto de tez morena, olhos pretos, barba à Henrique IV, que possui as habilitações e o diploma de bacharel em sciencias juridicas e socines. É rapaz intelligente, bom fallante, de maneiras cheias de cortesia. É alto, e possui um typo romantico de Ruy Blas de beca. Sabe a fundo as leis; estudou os meos de torcar dúlias a phrass mais simples; conhece por onde o gato vai ás filhoses; comprehende o que ha de elastico no direito que nos rege; está instruido da maneira porque se fessam e aberra as portas da cadêcia; sabe, enfim, tudo o que é preciso para ser um bom adrogado, um excellento juriscosulto.

Até ao presente julgavamos Agessilão sem deflauto. Appreciavamos a sua maneira de ver as coisas. Gostavamos de o encontrar sempre com seu olhar limpo, sua franca cordialidade, seu modo affavel e cortez. Anciavamos vel-o feito deputado, saltando a sua voz de barytono no recinto do parlamento. Tinhamos por elle uma estima cega, e ás vezes, quando o rabbeavamos papé, ficavamos beza admirado de haver trapado inconscientemente de duas de vezes o nome de Agessilão.

Mas, ó desgraça! ó inferno! ó calpocismo! ó desdita! este Agessilão que era o nosso amor, este Agessilão que era a menina dos nossos olhos, este Agessilão que era a nossa cachaca, este Agessilão enfim veio dizer nos tribunaos, perante a lei, perante a sociedade inteira, que elle é catholico romano, que é papista, que é orthodoxo! O Agessilão de nossa sign, quem tal diris?!  
Nós temos no mundo soffrido mais de uma doll—Nós havemos por vezes sentido malograr-nos no nosso capocismo. Nós temos largado pedacos do nosso coraçao nos espinhos da ardua estrada da vida. Nós havemos sido enganado e muito enganado pelos homens, mulheres e crianças. Nós temos visto muita coisa, admirado muita ascira. O que porém nunca nos passou pela cabeça é que Agessilão fosse orthodoxo. Agessilão papista! O' coisa rara, admiravel, estupenda!

Mas o facto não soffre contestação. Ante as razões com que Agessilão defende o padre Ozorio, ante o final pathetico com que elle termina o seu recurso, ante aquella tirada romantica com que fecha o seu trabalho, não é licita a duvida. Agessilão é catholico, Agessilão é orthodoxo! O' orthodoxya onde te foste metter para matar a mais bella das nossas illuzões?

Sim, Agessilão, nós t'o dizemos aqui do tala da imprensa com nossa penna molhada de lagrimas, com o olho inchado, com uma cara de creança desmamada, nós te dizemos que te amavamos, que te queriamos, que nós labayamos por ti. Não tremes a confissão do nosso affecto, porque, filho d'esta alma, nós nos vemos obrigado a retirar o nosso amor, a fugir ante a nossa affeição. Tu es orthodoxo, sen não!... Ha!...

E por isso, Agessilão, tu, que já nos foste tão querido, tu, que eras o sonho dos nossos dias de primavera, tu, que nós quizeramos metter enrolado debaixo do braço como um guarda chuva, tu perdeste o culto que te sagravamos. Agora,

que tu te abraçaste a esse bordão da orthodoxya, agora, que te vemos empunhar o cacete do catholicismo romano, agora não temos por ti se não o pezar que nos causa xê-te feito soldado do Papa. Não te pedimos que largues o varapao. Podemos ficar com elle, que nós teremos a dor de ouvir o rapazio desordeiro, olhando para o teu cacete, gritar a palmão forros.

Agessilão, Agessilão, quem te deu tamanho pão?!

Agessilão, Agessilão, quem te deu tamanho pão!?

Não é contente que deves estar agora com nosso, amago leitor. Esquecemos conversar directamente contigo. Tratamos do que nos pertence. Arrastado pela corrente d'ideias que nos agorra a mente, não tivemos o prazer de trocar algumas sanabilidades contigo. Pomos incivil. Desculpa-nos.

A meia hora, porém, esgotou-se. Queriamos ainda fallar-te de um tal Joaquim de Albuquerque, de um typo da Civilização que nos tem aborrecido com os doctos, com as injurias, que tem atirado no autor do Matato. Infelizmente é tarde para d'isso tratar. Fica para outra vez. Com isso nada perles.

Vale.

EXPEDIENTE.

Recebemos a Civilização que attende a nossa justa reclamação.

Recebemos tambem o Publicador Maranhense.

Agradecemos.

Ainda não recebemos o Tribuno, apesar de já lhe havermos enviado o nosso periodico.

Do Tempo só nos veioa não o primeiro numero.

A redacção d'A Liberdade (Pará), mandou-nos as edições de 20 a 27 do corrente. Agradecendo aos dignos defensores da causa do povo, confessamos-nos gratos pelas lisongueiras palavras com que nos acollim.

Não recebemos a Provincia do Pará, Diario de Belém, Liberal e Boa-Nova. Enviavamos a essas redacções o nosso jornal. Comquanto não seja diario, não é motivo para ser tratado com descortesia. Os jornaes não se medem nem pelo numero, nem pelo peso. Ha jornaes, que pozam muito e valem pouco. A imprensa deve ser uma arena de cortesia entre os grandes e os pequenos.

A nossa reclamação é provavel que não seja attendida pelos jornaes dias do Pará, cremos porém que o será pela Boa-Nova, que se não negará a deixar-nos ver o orgão de D. Antonio M. Costa.

Maranhão—Typ. da rasomara.
Editor—Fernando da Cruz Rubin.



# O FUTURO.

## ORGÃO DE PROPAGANDA PROGRESSISTA.

Propriedade de M. BIRZENSCOWITZ.

Colher os frutos da arvore do saber—eis a pretensão da sciencia; pouco lhe importa que suas conquistas prejudiquem ou não as phantazias da fé.  
Huxley, Historia da creação dos seres organizados.

### ASSIGNATURAS

Trimestre..... 38000  
Semestre..... 68000  
Anno..... 128000

Maranhão, 7 de Julho de 1881.

### PUBLICA-SE

TODAS AS QUINTAS-FEIRAS.  
Redacção á rua Formosa n. 30.

### O FUTURO.

MARANHÃO 7 DE JULHO DE 1881.

#### A morte de Littré.

Um grande sabio acaba de morrer. Um homem que durante a vida se consagrou ao santo culto da sciencia acaba de sumir-se do seio da humanidade. Apez o trabalho immenso de uma existencia inteira, dorme o somno do lutador que succumbio.

E foi grande esse homem. Chefe d'uma escola de philosophia, durante longos annos deu a lei aos espiritos. Herdera a missão social de Augusto Comte, e conseguiu que a philosophia do visionario positivista se tornasse o codigo philosophico do seu pais. Dedicado discipulo daquelle que chamava o grande mestre, tinha posto o romate n'esse castello pomposo de fragaças cartãs que recebeu o nome de positivismo francez. Littré (não era necessario nomeal-o) havia, com a sua prodigiosa sciencia equilibrado, sustido, a ser, obra de Augusto Comte.

O positivismo não é, nem pode ser, um systema de philosophia a não accetavel. Sempre nos desagradam as suas concepções tão dogmaticas como as de qualquer religião. Não obstante o grande numero de verdades que encerra, nunca podemos deixar de sentir por elle uma certa repugnancia. Mas, apesar de tudo isto, passamos muitas vezes da grandiosa força de seu apostolo incansavel. Vendo Littré trabalhando pelo seu systema com a coragem de um grande fathador, sentiamos por elle a admiração que se tributa a um energico obreiro do progresso.

E depois eram enormes os trabalhos d'esse homem de talento incommensuravel. Philologo que deixou o melhor dicionario que existia lingua franceza, naturalista que com C. Robin preparou o dicionario de sciencias medicas, philosopho que com rara intelligencia commentou Hegel e traduziu Strauss, positivista que formulou o que Comte esboçara, impõe-se ao espirito com a vehemencia de um genio transcendente. Aquelle homem pertencia a uma escola autoritaria, a uma escola cujos processos de raciocinio tem um dogmatismo exagerado, a uma escola cujos principios estão longe de combinar com todas as verdades adquiridas pela sciencia moderna; mas apesar disso era uma grandeza. Havia alli a alma de um sabio, o espirito de um colosso da sciencia.

E o colosso morreu. Chegara o momento em que a materia de que era formado ia entrar no periodo dessa decomposição—a morte. A vida ia retirar-se d'aquelle organismo encoado, d'aquelle mecanismo subtil que produzia o pensamento. Uma grandeza desabou no mundo da sciencia.

E, como o verme que sepreita o cadaver para delle se alimentar, como o atuttore que faz seu pasto dos mortos, um homem estava na sombra estendendo a ruina do sabio que s'estinguia. Esse homem tinha em vista manchar uma vida toda de

glorio, esse homem queria lançar sobre Littré a nodos de uma retractação in articulo mortis.

Este homem era o padre romano, o servo do Papado, o verme do Christianismo Latino. Elle vigiava o grande homem para o manchar; elle servia-se de duas fracas mulheres—de dois entes bons mas supersticiosos, elle punha em jogo a sua astucia infernal, para fazer acreditar que Littré fora infiel ás ideias que professava, para fazel-o apostata á santa religião das suas convicções.

E conseguiu o que almejava, este acolyto da Roma caduca. Quando Littré immovel, sem poder articular uma palavra, jazia no seu leito d'agonia, o sacerdote catholico abusava da sua fragueza para lhe-lançar na frente as aguas de um baptismo irrisorio, para lhe administrar os sacramentos de uma igreja que tudo procura manchar com seu halo liberticida...

Hoje para quasi todo o mundo Littré é um apostata—um homem que não scribe com a morte confirmar a sua vida. A nodos está lançada na mortalha do sabio. Exultai vermes do mundo moral, vos já vos apoderastes do cadaver!

E dizer que ainda se mantem na terra aparentemente uma Igreja que procura tudo macular, que abomina toda a grandeza!... Uma Igreja que deshonra homens como Littré!...

E' necessario apressarmos a evolução humana para nos vermos livres para sempre da agonia do Christianismo Latino.

Nós não queremos como Littré ter um padre a cabeceira...

Não, que nós não queremos que a humanidade nos conceda o epitheto de infames.

### II

O positivismo francez tal como o comprehendeu Comte e como o difundio Littré, é um systema que, pelo seu extremo methodo, capta á primeira vista as sympathias de todo aquelle que começa a entregar-se ao estudo da sciencia. De um rigor aparentemente logico, de uma exposição clara, seduz extraordinariamente os espiritos. A primeira vista poucos são os que podem libertar-se da sua influencia. Edificio architectado com arte, ganha n'uma synthese rapida o que mais tarde perde absolutamente n'uma analys minuciosa. Vê-se que alli ha muita coisa de imaginação, muita presumpção infundada.

E' facil de conhecer-se que não é sem razão que fazemos esta censura ao systema de Comte. Quem tiver o sufficiente conhecimento da obra do eminente philosopho reconhecerá que ella se forma a alguma satisfaz ás aspirações da sciencia moderna. Herbert Spencer, Stuart-Mill, Huxley—illustres positivistas ingleses, condemnam de uma maneira espontanea o systema de Comte. Acham naquello positivismo muita coisa que nada tem de positivo, Huxley mostra o que ha de vão na lei dos tres estados. Spencer demonstra a fragueza da classificação dos conhecimentos humanos feita por Comte. Repugna-lhes a face que não temendo as ideias na França. São positi-

vistas que se approximam mais do naturalismo.

Efectivamente ha no positivismo francez muita ideia que cumpre riscar. Ha mesmo alli um pouco de charlatanismo, que se patenteia bem claramente no calendario positivista, na religião positivista, no summo pontifice da humanidade. Tudo aquillo é um tanto risivel, e um pouco limitado do Catholicismo. Accresce a todo isto que os positivistas repellom todas as grandes verdades scientificas. O transformismo para elles é uma hypothese insustentavel; a concepção monistica do universo—um absurdo; a geração espontanea—uma coisa intolera-vel. Repudiam a anthropologia, a paleontologia, a morphologia e todas as sciencias mais recentes. Na critica historica, são de um exclusivismo feraz: não admitem ideias cujas premissas não estejam nas palavras de seu mestre. São na verdade de um dogmatismo insupportavel.

Um systema philosophico desta ordem não pode manter-se n'uma epocha em que a philosophia natural conta no seu seio homens como Haeckel, Oscar Schmidt, Molechott. O naturalismo no campo de suas indagações enormes, estudando o problema das origens arredado pela positivismo francez, tem que vencer fatalmente a obra de Comte. Até hoje ella sustinha-se com o nome de Littré. O nome porem faltou, e a escola do summo pontifice da humanidade vai desaparecer enfim.

A morte de Littré é a morte do positivismo francez. A direcção que elle deu aos espiritos já não basta á humanidade. O philosopho já não quer ser positivista, porque o positivismo é uma palavra vasia do sentido. A aspiração do indagador é ser naturalista, isto é, ter por mestre unico e real a observação collida nos factos, e a legitima hypothese sobre as causas mechanicas que presidem aos phenomenos das transformações materiaes. Ser positivista é querer vergar factos a um systema preconcebido. Ser naturalista é não ter outro systema que não o que dimana directamente dos factos. O naturalismo vence o positivismo.

A morte de Littré não é simplesmente a morte de um homem. E' a morte de uma escola philosophica. O mestre não deixou discipulos que lhe continuem a obra. Sob a influencia do seculo, elles deixaram o positivismo para abraçar o naturalismo.

A escola positivista foi, porem, na pessoa do seu chefe, victima do maior dos appetados. Um sacerdote enlaçou os olhos momentos de Littré. Ha uma reprovacão geral para o impio que ajeitou da fragueza de um moribundo.

Littré foi um grande homem que ao espirar teve junto de si um bandido—esse bandido foi Havelin.

Cuidado com esses homens—salteadores da gloria de seus adversarios.

Que o sabio não mais seja roubado como Littré.

### Hermetica theosophica.

### III

Sendo pois todas as religiões egualmente verdadeiras, ou egualmente fal-

sas,—na essencia, segue-se que não se pode dar verdade, ou falsidade,—exclusivas, sendo, ou na doutrina derivada dos tres dogmas fundamentaes, ou da interpretação e applicação que se fizer d'essa doutrina.

Seria longo enumerar todas as doutrinas que hão sido produzidas em materia de religião, doutrinas que alias têm entre si uma grande afinidade, não parecendo as que vieram por ultimo ser mais que uma copia da primeira que lhes serviu de modelo. Todas ellas se têm afastado da perfeição do original, mostrando-se algumas, ou grosseiras como na Biblia, ou toscas como nos quatro Evangelhos, onde, como em Ennio, se encontram as perolas em estrome litterario.

Das religiões do meu conhecimento vou limitar-me ás doutrinas d'aquellas que actualmente mais influem sobre a sorte da humanidade, e que por isso mais devem atrahir a attenção da sociedade moderna.

No genesis da que parece a mais antiga de todas—vê-se Brahma tirar da sua propria essencia diferentes principios para definir as castas das sociedades humanas. De sua cabeça, deu á luz pela bocca—o Brahmene, a quem honrou com a derivação do seu nome, para que lhe pertencesse o direito exclusivo d'exercer o ministerio do seu culto. A este filho predilecto constituiu elle particularmente senhor de quanto é do mundo, e unico legitimo dispensador de todos os bens da Terra.

Do seu braço extraiu elle o Xchatrya, isto é, o rei, denotando assim que a este é que pertence, pelo braço,—o encargo de sujeitar os povos ao dominio temporal, ou dirigindo-os, como rebano, sob o seu cajado, ou opprimindo-os e, se necessario for, esmagando-os sob o peso do seu sceptro, para assim assegurar ao Brahmene seu dominio espiritual.

Da sua coxa produziu elle o Vaysia ou mercador, mostrando assim que os negociantes são as grossas columnas em que se apoia o estado, como nas coxas—o tronco a que se prendem os braços, e em que se firma a cabeça.

Finalmente, parece que Brahma sacudio do pé, ou d'elle extraiu como se faz a uma tanga,—o Soudra ou escravo, para que fosse cultivar a terra, a que o pé anda constantemente unido, e exercer a industria, tudo em proveito exclusivo dos seus mui nobres senhores, filhos predilectos do seu unico e soberano creador, como sahidos da sua cabeça,—do seu braço, e da sua coxa.

Ora note-se que estas diferentes castas não apresentam na sua constituição physiologica—characteristico algum que possa tornar notavel em cada qual a fonte donde brotou. Pode dar-se nas castas as modificações physicas que naturalmente resultam da differença da educação,—dos habitos, dos costumes privados, e da alimentação, segundo for, ou mais delicada, ou mais grosseira; mas em todas ellas não ha mais ha que revele uma origem differente, para que por ahí se possa differenciar



a propagação da raça humana. Todas ellas apresentam, no phisico,—as mesmas proporções,—idênticos órgãos susceptíveis do mesmo desenvolvimento,—as mesmas sensações, e as mesmas necessidades; e no intellectual e moral,—as mesmas potencias,—as mesmas forças, e as mesmas faculdades, parecendo por tudo isto—eguals na ordem da natureza, e portanto—com eguaes direitos ao gozo dos bens que ella prodigaliza. O que é porem mais notavel é que na cabeça do soberano gerador Brahma tambem existissem germens de intestinos, e em ponto muito maior, pois que o seu filho predilecto,—o de mais alto nascimento (porque nasceu pela boca) sahio com elles, ao que parece, tão grandemente desenvolvidos, que todos os bens da Terra lhe foram consignados pelo seu extremo pai, para que nada faltasse á sua satisfação e repleção, como os Brahmenes fossem destinados a fornecer só excrementos para todas as outras castas.

Alem d'estas quatro castas ha ainda uma quinta classe de homens—oriunda de todas ellas, e sobre que pesa a mais abominavel maldição como effeito do peccado original dos seus progenitores,—que fez com que fossem excluidos, e sem possibilidade moral de reabilitação, cada qual da casta a que pertencia. Estes não só se acham degradados da condição de homens, mas tambem são olhados pelas castas privilegiadas, mesmo pela dos escravos,—com mais asco e horror, do que se pode olhar os mais imundos,—os mais nojentos, e os mais venenosos reptis.

Tambem é esta a unica religião que estabelece, baseadas em principios,—distincções em todas as classes da sociedade. Em todas as outras geralmente se reconhece que o homem tem uma origem primitiva,—unica, mesmo para os diferentes typos humanos, notados na natureza. A historia não apresenta senão a fabula de Deucalioe e Phyrria, que possa fornecer tambem argumentos para provar que os homens são de origem differentes, como quando n'ella se observa que as pedras, com que este por atirava para traz das costas para que se transformassem em homens e em mulheres,—eram igualmente levantadas do chão, e não se possa por ali negar que tivessem a mesma origem.

Em vista de semelhante exposição de principios theologicos, attribuidos ao supremo creador, nem vale a pena falar dos seus consocios a triidade védica; pois que *Vichnoa*, e *Siva* ou *Chiven*,—se lhe vão succedendo em maior grão de maldade, sendo o ultimo d'elles o mais perverso de todos. Para julgar-se semelhante religião pode ser de origem divina, basta só considerar o primeiro que se apresenta como creador, e que não é senão a primeira face do mesmo deus unico existente de toda a eternidade. Não se pode conceber que um deus que tinha reflectido durante uma eternidade inteira—se manifestasse por uma criação tão caprichosa, que apenas se poderia relevar a Jupiter, quando sahio das mãos dos Corybantes. Uma religião que apresenta o seu deus como um ser mixto de bondade e de maldade, e odioso pela extravagante parcialidade com que organisa creaturas racionais e sensíveis, que não podem ter nem merito de terem sahido da sua cabeça,—do seu braço, ou da sua coxa,—nem culpa de lhe terem sahido dos pés, ou de nem pelo menos se tinham introduzido como tungas:—uma tal religião só pode servir para confundir no espirito da humanidade toda a idéa de justiça,—de bondade, e de virtudes divinas, fazendo com que se lhe pergunte:—¿Então em que é que esse deus se distingue do diabo? E acaso o mesmo unico ser dos seres que pensou durante uma eternidade para se manifestar

deos para com os Brahmenes, e diabo para com os Soudras?

Por mais sublimis que seja a litteratura indiana nos seus tratados de religiões, por mais bem e laborado que sejam os seus codigos de moral—segundo o plano dos seus legisladores; seus brilhantismo e seus talentos não podem ser razoavelmente admirados, se não como se pode admirar o sublime na maldade. Um código que só possa ser proveitoso a algumas castas, e isto mesmo segundo as suas categorias, e que a ellas sujeite toda a restante humanidade,—longe de ser de origem celeste,—só—poderá ser inspirado pelo inferno! A sua revoltante parcialidade de justiça quasi que blasphemias, ou maldições que possam ser proferidas contra aquelle que o inspirou.

Pode por ventura semelhante religião ser de origem divina, quando é em seu nome que ainda hoje alguns quarenta milhões de homens arrastam, como refugio da sociedade brahmanica,—uma vida de tal abjecção e soffrimento, que o mais miseravel dos irracionais é feliz comparativamente com elles? Os passaros, as lagartas e todos os insectos alimentam-se livremente dos fructos das arvores, e das searas,—sem darem satisfação a ninguém; todos os irracionais podem beber livremente em todos os ribeiros,—em todos os regatos,—em todas as fontes,—em todos os tanques que acharem livres; o pariah, que, apesar das castas, não deixa de pertencer ao genero humano, não pode alimentar-se de pão, nem de qualquer fruta ou legume que possa servir de alimento das castas protegidas pela lei! Tambem não lhe é permitido beber agua pura, seja de ribeiro,—de regato,—de fonte, ou de tanque, mas tão somente a agua estagnada e corrupta dos pães e dos charcos, ou, quanto muito,—a da chuva, mas estrahida das pedras que deixarem na raso ou na lama—as patas dos quadrupedes! Não lhe é permitido, nem edificar casa, nem servir-se de louça, mas tão somente pernhoitar em cafuzs onde entre de coxas, e servir-se de vestes para ajuntar a sua inqualificavel comida, que não pode cozinhar, porque tambem lhe é defeso o uso do fogo, como da agua para se lavar! Existe privado de todo o beneficio da lei, e sujeito a todo o seu mais extremado rigor! O unico beneficio que se lhe concede é o emprego das suas forças nos trabalhos que lhe podem abreviar a existencia,—fabricar tijolo e louça de barro grossoiro—por conta dos Vaysias, e tudo isto sem mais ordenado do que a comida que não sirva para mais ninguém! Acrescente-se a isto que tambem lhe é permitido vestir-se do despojo dos defunctos, mas que nunca lhe é permitido lavar! Toda a sorte de sacrificio e de solemnidade religiosa lhe é igualmente defesa, e até o dirigir orações aos deoses, e pronunciar o nome de Brahma, como se elle devesse pronunciar-o para outro fim que não fosse maldicção!—¿Que dever pode levar um homem, ou que pode elle esperar,—de um deus que, ha milhares de annos, deixa viver uma raça condemnada á proscricção, sem lhe permittir que empregue as suas forças senão para fabricar tijolo, louça de barro,—limpar as imundiciões, e arrear para longe os cadaveres de brutos—em putrefacção?...

Não admira tanto que haja homens que se sujeitem impunemente a tamanha abjecção, como que hajam povos instruidos n'outras religiões, das mais humanitarias, se não divinas,—que consistam em semelhante desforo theologico, que em lingua nenhuma pode achar qualificativo! E moralmente impossivel que tão infeliz estado continue para aquelle povo, por que o quadro de semelhante abjecção na especie humana—é proprio para fazer desrer da Providencia, por mais

santa ou divina que pareça a religião em que se a adora! O Deos de facto, o Deos verdadeiro, não pode ser se não *ow*, a quem, por todas as religiões, os povos igualmente se dirigem, e em qualquer d'ellas ha portanto o direito de perguntar:—Aonde está a infinita bondade, donde está a eterna justiça,—que consente que, ha tantos milhares de annos, vivam aquellos desgraçados povos, que tambem são seus creaturas,—n'uma oppressão,—n'uma creacção que os aniquilla phisica e intellectualmente,—n'uma tortura phisica e moral,—n'uma degradação que os torna mais abjectos e mais infelizes do que os mais abjectos e mais infelizes d'entre os irracionais?

Bem se vê que semelhante religião é excessivamente diabolica para que se possa reputar a divina, e que, nem por principios, nem por moral,—se a pode justificar e tel-a por verdadeira.

(Continua.)

## O Brahmene e a agua lustral.

(Fabula indiana, traducida da versão de Mr. L. Jacoliot.)

"Quem quer da agua sagrada  
Do Ganges, para fazer  
Ablores, e lavada  
De manchas sua alma ter."

"Quem quer da agua sagrada...?"  
Gritava, quanto se pode,  
Um Brahmene, em alvorada,  
A' porta do seu pagode.

E a maldição com ardar,  
Responda pelas abertas,  
Cospirava o sacro licor  
Por abundantes olerias.

O Brahmene, ao voltar,  
Qual pariah, miseravel,  
Tinha, em peregrinação,  
Llo ao Ganges cubigavel.

E a agua que li tonaria  
Com espirito de ganancia  
—A' sua casa levava  
A fortuna,—a abundancia.

"Mas que ha de ser então,  
Lhe disse a mulher um dia,  
Vendo que a procria?  
Da agua 's esgotaria."

"Não é para causar ancia  
Vê-se em miseria caído,  
Depois de na abundancia  
Algun tempo ter vivido?"

"—Gale-te lá, e discorre,  
Disse o Brahmene, se abrange  
Quanto agora a fama corre  
Que temos agua do Ganges;  
Tanta haveres de vender,  
Quanta o pago fomesce."

Sempre os patolas se deixam  
Lagrar pelas apparencias,  
E tambem nunca se queixam  
De falta d'experiencias.  
Ganha a sua confiança,  
E faria tanta festança.

Maciot,

N.º. Deceto a torpe moral,  
Nesta fabula contida,  
—Sabes a faba agua lustral  
Que vem do Ganges traída;

Mas é louca que li se veja  
O que tambem se pratica  
C' pela ecclesia egreja,  
Quê tambem ha botica  
Para curar-nos do mal  
Do peccado original.

Toda o anno se baptiza  
Com agua em colhar, ou esca;  
Mas ella se sollemniza  
Só no sabbado d'alleluia!

(Do traductor.)

Maranhão, 2 do julho de 1851.

## Responsabilidades.

O jornal da galhofa, a pandega e sacrossanta *Civilisatio*, após ter esgotado o seu fario repertorio de parvoíces entendeu, por ultimo, responsabilizar o actual administrador desta provincia por tudo, quanto Marthia fiou!

Pansa, humilissimo escrevinhador d'estas linhas vem hoje, pela vez primeira, ás columnas do *Futuro* no firme intento de tambem tirar o seu *sentre de miseria*.

Não pense a benta folha que vamos tecer uma defeza ao Dr. Gincinato, não. Elle está acima de qualquer injuria, que emane d'essa fonte ecclesiastica, e por tanto defende-o seria gastar palavras, senão reproduzir aquillo, que já disse toda a nossa imprensa, menos o órgão de *Thermiques*.

Pansa, que não é o Pansa Almeida e nem é Sancho Pansa, mas simplesmente um outro Pansa, não pode sustet-se n'esta occasião e por seu turno tambem vem responsabilisar alguém, e esse alguém não é certamente o Dr. Gincinato, senão o erudito e mui virtuoso D. Antonio, a quem o mesmo Pansa deseja *salutem, felicitatem et patricorum*, como diz o padre Maia.

Parece natural ao vosso Pansa, sympathico leitor, que, se o Dr. Gincinato é cúmplice em um tumulto, que se deu em Santo Antonio, quanto talvez o nobre presidente romcesse, o bispo diocesano é o unico responsavel por se ter despregado da torre o sino grande do Carmo, sem perguntar quem estava de vigia, e em risco de esparralhar algum aprendiz de latinidade, que vagasse pelo pateo! Não vos parece isso natural?

Se o nobre administrador da patria de J. Lázooa tem culpa no cartorio, por alguém pretender ir ás tabaqueiras do Ordinario, muito mais culpado é o Sr. D. Antonio em consentir que o padre Mira-sol esteja sempre e sempre a contemplar a Eternidade!

Se o Sr. Almeida peccou, por ter o maior Cunha chamado ao ajuste de contas o sacerdote Ozorio, o impagavel prelado não é innocente em ter o Sr. Almeida tanto toucinho na barriga!

Se ainda o digno presidente tornou-se responsavel por ter o mesmo Ozorio chupado—um anno e tanto, o bom do bispo faz mal em não prohibir que o padre Fonseca vada gato por lebre, ensinando, em vez de verdadeira philosophia, o indigesto S. Thomaz d'rapasiada do Lyceó!

O delegado do governo central nesta terra é connivente com os actos da justiça, como disse o órgão de Santo Antonio; mas ninguém negará, que o Candido Antonio tambem o é, pelos cons.



tantes porcos, que toma o Vinoco.

As deducções, que acima ficou expostas, por Pansa, a apreciação de quem lê-las, se não são, parecem filhas da razão; e se o auctor destas linhas quizesse, podia ainda responsabilisar o sábio prelado por muita cousa, como seja estar o Rvd. Fonseca reduzido á espinha dorsal!

Pansa tem, contudo, á peito tomar uma desfoera de tamanha epistolamento ecclesiastico em querer a todo o transe, que o Dr. Cincinato pague as favas, que o boi comeu. . . .

Não resta a menor duvida, que *quem deus lat Mathias et quem deus embalaro* e portanto o Mitrado acarretará com todas as consequencias, boas e más do actos por si praticados, sendo quizer obrigar á Pansa, que aliás é tolo, mas não é homem de muitas medidas, a emburhar o esclarecido paulista em um sarilho de responsabilidades, que, ou envia-o-his a fabricar abanos e chinélos nas vizinhanças do Medeiros, ou farlo com que a sua respeitavel cabeça seja espetada nos varões do pelourinho para exemplo da vindoura geração!

Por em quanto Pansa restringe-se a solicitar do papa um pequeno augmento ao nome de sua lize, que se chamará de então em diante: Antonio Candido d'Alvarenga Responsavel, se approuver á Santidade de Roma desferir a respeitosa petição do simplorio Pansa, que ainda voltará a carga neste mesmo jornal para fechar a rosca sobre as responsabilidades.

S. Luiz, julho 4—81.

Pansa.

### Mira-sol no leilão.

É com pezar, caro leitor, que te vamos contar o que se deu no leilão, ha poucos dias com o nosso querido Mira-sol.

Havia um grande leilão lá na *Prata-grande*. O nosso Mira-sol lá se achava, na sua posieito costumada de admirar os astros, esses corpos luminosos ou opacos que gyram no espaço.

O leiloeiro deu começo ao leilão. Depois deu a arrematar-se um objecto; e quando já hia bater o martello, olha para o vigário, e julgando que o seu olhar para cima e o seu corpo esticado indicasse algum signal de quem quer lançar sobre o objecto, augmentou mais 500 rs. Sem lhe dizer nada foi cateando os arrematantes que lá se achavam e concluiu dando com o martello no objecto e dizendo:

É para o padre Mira-sol.  
O padre ficou atpallado! Dinheiro no bolso não havia. Só havia na cabeça o Calendario dos Santos e uns *brutinhos* no pescoço. Mas com *santos* não se compra cousa alguma.

E o Mira-sol ficou como um gato cheio de vergalhadas! Tudo, isto por causa de admirar os astros! Tudo, por que não ouve os nossos conselhos.

Oh! Mira-sol de nossa alma, *attendite et videte consilium nostrum*.

Mas, oh! Mira-sol? Escuta cá uma cousa. Ouve mais este conselho, já que não tens te importado com os que te temos dado.

Olha: Por causa deste teu modo de admirar os astros e de seres irmão gêmeo do telescópio de Flammarion, ainda te acontece alguma cousa má. Faz o que te vamos dizer. . . . Manda pedir ao Azevedo do Baluarte, duas peças da sua artilheria com as respectivas varetas e uma porção de ballas, arruma na nuca as peças; deita as varetas nas costas, e as ballas nos boços da batina. Verás como em pouco tempo te endireitarás e em lugar de veres os astros do céu, verás os da terra, por exemplo, os *boudes* do Joaquim Marques, a barriga do Augusto o gordo etc. etc.

Tua cabeça ficará vergada para a terra, tuas costas esticadas directamente na razão inversa de suas massas e finalmete tudo muito bom. . . . Mas, o diabo é os astros, os astros do céu!

Pouco importa, não te importes dos astros; e quando quizeres vel-os, irás á *Civilização* e então verás o padre Mourão representando a *luz*, o Castro o *sol*, o Fonseca o *scorpião* o D. Antonio representando *Virgo* e os typographos, padrecos, sineiros, porteiros representando as *estrellas*. Até podes ver o universo! Queres saber como? Procura o celebre Augusto, olha a sua barriga, e contemplo-has!

E assim saplisfardas o teu desejo.  
Só te pedimos uma cousa, querido Mira-sol; é que em vez de poros a mira no sol, que ponhas nas peças da artilheria do Azevedo, e não te esqueças do nosso conselho!

Só assim nada te acontecerá nem nas igrejas, nem na rua e nem nos leilões. Toma juizo.

H. de Buondelmonte.

### MISCELLANEA.

A decifração das charadas do numero 3 é a seguinte:

*Theodoro, Castro, João, Tolentino, Alvarenga, Mourão, Guadalu e a especial—Espingarda.*

O premio foi uma ventarola e coube a Exm.<sup>a</sup> Ser.<sup>a</sup> D. Maria Mendes.

Alguem diz por ahí que com a historia que contamos aos nossos leitores, sobre o herói do *pirão*, o immenso Augusto o gordo, saímos fora do nosso programma.

Engana-se completamente. Se nós delatamos no tal Augusto essa alchubia, então sim, poderia fallar. A barriga de que fallamos no numero passado, é a barriga ou pança de Augusto o gordo de que o mesmo fez mimo a *sympathica Pacotilha*, e como ella acceitou o presente nós fomos aconselhados a que recusasse. — Já se vê que não saímos do programma.

Vimos um annuncio na *Pacotilha*, em que o dono paga á pessoa que achar um *Mutum* e for leval-o a rua do Alceirim dizendo que elle acode ao nome de *tum-tum*, e é manso.

— Será o padre Mutum?  
Não. . . o Mutum era bravo e este que procura-se é manso. O Mutum acodia ao nome de *chen-chen* e este ao de *tum-tum*.

E aquelle estava na Bahia!

Que diabo! . . . Teria elle voado de provincia a provincia até chegar cá e depois de comprado pelo agouito da rua do Alceirim, ter fregado para fazer companhia aos outros do largo de Santo Antonio?

O capitão Raphael da Costa Netto, digno cavalheiro de Alcantara, levou a bem em attenção a redacção d'*O Futuro*, dar a um de seus barcos o nome do nosso jornal.

Sensíveis a finiza do delicado capitulo, não podemos abster-nos de lh'a agradecer.

Tambem era tempo que se julgasse que alem dos nomes dos santos, ha outros no caso de designar as embarcações. Os nomes dos Santos nem sempre protegem-nos. Heja vista a canoa *Santa Maria*, que abriu um rombo no estado á vista da *Ponta d'Arca*, de que resultou ir a pique. Se houvesse protecção ecclesie a *Santa Maria* não ficaria arruinada, com seis palmos d'agua no porão.

Oxalá que o nome de varão seja proprio para o sr. capitão Raphael, sendo favoravel á embarcação que ao mesmo pertence.

Nós não somos artores, e por isso o mais que podemos fazer é votos pela conservação da nossa digna baptisanda.

Mais tarde, se afirmas ao céu, cousa de que muito dudamos, talvez que se compensemos no digas espítas melhor da que a Santa Maria ao proprietario da Santa Maria (arrebada).

A proposito de embarcações com nomes de Santos, soubemos com prazer que uma chamada *Fé em Deus* ficou desarmada em estado de completa ruina li nas plagas de Pernambuco.

É triste cousa ver a *Fé em Deus* mal tratada pelo Deus da fé. Mas, neste mundo devemos nos sujeitar a estas cousas. A nossa fé (em Deus), é uma cousa, que pouco resiste aos embates da vida. Pedimos sobre este ponto a opinião dos rvd.s da *Civilização* cuja *Fé em Deus* parece hoje haver sido substituida pela fé no Diabo!

Simplez pergunta.

Pergunta-se a quem competir, se um vigário tem ou não obrigação de passar attestado de vida a qualquer pessoa, que lhe requiera?

Si fazemos isto é porque o padre Carvalho vigário da S. João, não os dá sem lhe ser entregue a vergonhosa quantia de dez rosetas!

Queremos providencias. Do contrario continuas mais alguma cousa ao publico.

Cousas que deajariamos ver:—o d. Antonio fallando no senado ao lado do Saldanha Marinho, o Euclides Paria de botina, o Mira-sol discutindo com Flammarion, o Mourão agarrado o nosso amigo Aluizio, o padre Fonseca jogando tapadas com a alma do padre Estyehio, e o padre Castro introduzindo *raye* nas portas das livres pensadoras.  
—Quando chegará este dia de pandega?

A *Civilização* parece ter medo de nós. Não é capaz de vir face a face para bater-se; é sempre com subterfugios.

Vem, ahí! fice de intelligencias e capacidades! Tu que tens o Mourão e o Fonseca, tens medo de te bater com o nosso?

Contista agarrado ao *signal da cruz* o padre Mira-sol. Já estamos aborrecidos de o vir-l-o.

Quando descoltrará elle outro regalo?

Perguntamos a Euclides Paria, quando teremos o prazer de receber uma das *fructas do tempo*, arvore que ha pouco, nasceu na *Civilização*, sem offandela, assim como *Christo em Maria*?

Desajavamos comer uma dellas, apesar das taes fractas não serem doces.

Ha muito tempo que não ouvimos um sermão do padre Mourão!

—Será bom pregar sobre a vida e sobre o reinado de Alexandro VI e contar o que elle fez de bondade até com sua propria filha, sim de não ser mais condemnado na Relação.

Lemos no Voltaire o seguinte para os individuos atacados da hydrophobia: Um inglez nos escreve que um medico seu compatriota encontrou um remedio efficaz contra esta enfermidade. Este remedio é simples e está ao alcance de todos, basta, no dizer do nosso correspondente, uma transpiração abundante e por diversas vezes repetidas para eliminar o virus.

Necessariamente se fosse atacado desta molestia o distincto padre Fonseca teria de succumbir porque a theologia entupio-lhe todos os poros.

No proximo numero compromettemo-nos a fazer—o paralelo completo existente entre a igreja e o theatro.

Prevenimos desde já aos leitores do *Futuro*, que são carolas, que não se importem se virem o nome de alguma typo canoniado pelos *infallivis* papas, (que morrem).

Já temos o retrato do Augusto que nos foi dado por um seu amigo e brevemente irá para o prélo li *biographic* a a musica que se intitula—*A musica de Augusto* o osano, em vista de já termos bastante assignatura.

Chegou Antonio Pedro.

A nossa apreciação, falá-hemos no proximo numero depois de vermos o *Saltimbancico*.

N. B.—A apreciação é dos dramas e musicas.

### CHARADAS.

TEM MIMO.

1.<sup>a</sup>

Na cabeça é phisica por não ser immo-ral—1—2.

2.<sup>a</sup>

Debrado na terra do Christo—1—1.

3.<sup>a</sup>

Como se amarello por fallar—2—2.

4.<sup>a</sup>

Tal é o fim do author que uno por não ser boa sendo generosa em certa officio—1-1-1-1.

5.<sup>a</sup>

No espaço e no corpo é homem—2—2.

Especiaes:

Veste-se—2

Por parente—1

Calo-se!—2

Não é esporta.

2.<sup>a</sup>

Ave—1

Verbo—2

Verbo—1

Nada vale.

3.<sup>a</sup>

Riço—2

Toza—2

Mulher!

Josquã.

H. Buondelmonte.





### Meia hora de conversação com o leitor.

SUMMARY—Promessa—Joaquim de Albuquerque—Tirar a máscara—Um soldado e uma corcoba—Conhecemos o bicho—Transferencia—A "Pacotilha" e a cabeça de Augusto e gordo—Augusto Frederico—Paraliso—A nova companhia.

Promettimos-te no n. 3 d'O Futuro, trazer á barra d'estas conversações um certo Joaquim de Albuquerque. Temos hoje, portanto, que cumprir a nossa promessa.

E não penses que é pouca coisa, leitor, vir aqui mecher com essa entidade. Joaquim é um typo forte, como elle mesmo diz; é chistoso, como assevera a *Civilização*; tem casa de côco, tem pilherias, tem graçolas, tem o diabo em si. E' perigoso tratar com semelhante individualidade.

E depois Joaquim é uma máscara e não um homem. Atraz de Joaquim não se sabe o que está. Apesar do ofício ninguém sabe o que está ali. O aroma do personagem não é bom, mas ignoramos se pertence á osteologia do padre Fonseca, ao líquido grisalho de Euclides, á barriga de Augusto, ao janoísmo do revd. Miranda. Nossas ventas dizem-nos que aquillo não cheira bem, mas, como não somos cão, não conhecemos o bicho pelo firo.

Em todo o caso, leitor, seja qual for o animal que s'escconde atraz de um nome, estamos dispostos a agarrar-o pelos chavinhos, e a trazer-l'o aqui. Embora o bicho espanoleiro, dê saltos, marre como qualquer touro de corrida, ha-de vir a este local, ha-de comparecer n'esta conversação. Assim o queremos, assim o entendemos para tua e nossa satisfação.

Dá-nos, portanto, licença para fallar com Joaquim, e consente que por um momento abandonemos a primeira pessoa do plural para tomar a do singular. Isto não é familiaridade. É simplesmente queremos as coisas ao seu legar. Seria ridiculo fallarmos com Albuquerque como quem falla com seus iguaes. Joaquim tem a grosseria de um laçao. É natural que lhe fallemos como se tal fosse.

—Olá, mestre Joaquim, você está ahí? Sente-se, homem, ahí nesse banco de sapateiro. Mas, com os diabos, você está com as mãos sujas! Lave-se n'aquella bacia, e veja se tira a tassa que lhe largaram as panelas dos revds. da *Civilização*. Ponha-se limpo, e sacuda essa gosma que lhe escorre dos cantos da bocca.

Bem, está contente com você. O seu traço não é dos mais apresentáveis, mas enfim você é um cosinheiro e isto de mecher com panelas... Mas, que diabo é isso que você traz escondido dentro da cambisa?

—E... é... a escova de côco do Albuquerque forte.

—Olá, seu ladrão, você trouxe a escova! —Por bem, temos aqui muita coisa que lavar. A sala e os quartos estão limpos, mas lá para os fundos ha alguma coisa de suja... Fizeste bem, rapaz; hei-de dar serventia á tua escova. Porém isso é para mais tarde. Por ora quero conversar contigo.

Estás pronto?

—Sim, sr. Zote...

—Alto lá, basbaque, deixa isso para o fim. Dou-te plena licença de me dares todos os qualificativos que quizeres, pois sei quão grosseiro tu es. Antes porém de lá chegarmos é necessário que tires a máscara, e te limpes do pó de sapatos que te suja o calçado. Tire a máscara, seu Joaquim.

—Não posso, nem quero, seu idiota.

—Já te disse, rapaz, que reservares isso para o fim. A gente não deve esgotar as suas mágoas. O que quero é que

tires a máscara, e has-de tiral-a, seu... arranca-t'a eu mesmo. Comaigo não farás o que tens feito com outros. A tua covardia de nada te servirá. Vamos, tira a máscara!

—Não, mil vezes não!

—Fors a máscara, seu... Vês este chicote?... Pois bem cortar-te-hei o pello com elle. Sei que es valente em palavras por te esconderes com o anonymo, mas que, no mais, es mais poltrão que uma hyena. Tiras ou não?

—Não.

—Você chamar quem te ponha no devido pé. Olá, sr. major Tavares, dê-me d'ahi uma das suas praças. Mando-a mudada com uma boa tira de couro. Eu quero surrar este bicho que anda velhacamente a insultar a tudo e a todos, fiado em que ninguém o conhece, este hominuculo que com um desfaçamento sem igual se apregoa de forte, e esconde a cara como um ratoeiro. E' preciso dar um correctivo n'este caso d'egredo da *Civilização*.

—Alto lá. Sr. conversador d'O Futuro; v. mc. está salindo do programma do seu jornal... v. mc. não pôde injuriar-me.

—Injuriar-te, a ti? Pois tu penses que haja injurias para com a tua pessoa! Acaso estás tu á altura de ser injuriado? —Rapaz, mira-te n'este espelho, e considera se um ente tão porco e alambasado como tu mereca as honras de uma injuria. Põe-te no teu lugar, meu velho, e não me venhas fallar em programma nenhum. O meu unico programma agora é surrar-te essas cosas de girado. A praça já está alli com a corcoba...

—Mas isso é uma fornidavel traição... mas isso é um attentado contra as leis... —Qual traição nem attentado! O que tu não consegues por bem, obtiens-se por mal... E' estás disposto a largar o diabo? Parece que não... Camarada, faga o seu dever. Escreve-me o lombo d'este canilha.

—Não precisa. Mande-o embora, que eu mostrarei quem sou.

—Vai, rapaz, vai e deita-me conversar com Joaquim, que por fista chegou-se ao rego. E' agora, meu chincho, desafiavela isso... Ah! então tu es o...

—Sim eu sou o...

—Irri! quem tal diria? Pois então tu que eu julgava um borbante, tu que pela linguagem eu considerava abaixo de tudo o que conheço, tu que só parecia que podias ser tolerado na beira da praia, tu es o...

—Sim, eu sou o...

—O' homem desalmado! Como queeres tu que d'ora em diante viva alguém descaçado! Pois eu que te julgava um homem de bem apazar d'esse espinhaço de trohira, d'essas faces encovadas cor de pergaminho, d'esses olhos sinistros de hyena, d'essas orelhas accensas de joven fumento, d'essas canellas mais compridas que o dia do juizo final, d'essa barriga microscopica como um micu, eu que te julgava uma pessoa honesta, venho te encontrar no vulto repugnante de um folliculario mesquinho, de um escriptinhador nojeito que accode sobre uma sociedade inteira a lama de que está prehe! *O' tempora! ó mores!*

—Sou sempre o mesmo homem de bem.

—Homem de bem! isso não es. Um homem de bem não se esconde para insultar os seus adversarios; um homem de bem não desce a occultar-se para difamar pessoas e familias... Um homem de bem não se serve da penna para atirar insinuações malevolas a quem quer que seja. Um homem de bem, quando combate por uma causa qualquer, não se serve de subterfugios e de artificioes. Um homem de bem não faz o que tu tem feito, Joaquim.

—Mas eu estou a espera de saber o que você me quer. Disse que queria conversar comigo, e por ora só tem estado a me azoimar os ovidos. Olhe que fapo do da minha escova...

—Rapaz, toma tento em ti... Olha que

ja coabego... tu sabes o que isto quer dizer. Quero contigo fallar sobre o que tens dito a Aluizio, mas estás um pouco mureado... Não contava que tu fosses quem es. Preciso revestir-me de coragem e tomar um vomitorio para poder te aturar. Volta lá para o 5.º n. do Futuro que fallaremos então contigo. Por ora vou mandar queimar um pouco de benjoim e de incenso n'esto quarto que tu tens impastado. Previno-te que para outra vez venhas mais limpo. Eu não estou disposto a ficar com a casa empoeirada.

—Mas o que me pretende você dizer?

—Tenho que te fallar sobre o MULATO e sobre as idéias que extorsaste a seu respeito.

Quero fazer-te a honra, meu sapateiro, de te fallar um pouco de literatura, materia em que te julgo sufficiente beocio. Vem, que eu espero seriamente dar-te uma lição, meu Zolo das podridões. Hei de provar-te que tu não entendes de romance, e a tua critica, tal como foi feita á critica de um garoto e não a de quem sabe onde tem o nariz.

—Davide que o coesiga, seu idiota.

—Lá vens tu com a tua logica do costume. Guarda isso para outros. Eu sei o que valem essas injurias na tua bocca, meu padrea das duricias. Já sei quem se esconde atraz d'essa máscara imunda, e por isso não me admira a petulancia com que fallas. Vai-te embora, rapaz, e leva a casa da corcoba. Tu precisas de lavar com ella para a nossa proxima entrevista. Podes tambem levar um pouco de palha de milho para tirares essas extorsões que tens pegado no corpo. Aconselho-te até a que te ponhas de barrela, porque, com todas os diabos, tu cheiras muito mal... Atchém!... Atchém!...

Estou até espirrando por tua causa! Vai, borbante, vai, e vê se consegues que o padre Fonseca ou o Moarão te ajudem a limpar as partes mais sujas. Até á vista; não faltes!

—Até logo, seu Zote.

.....

O soldado, ao despojar-se de nós, lançava a sua flecha de Parthia. Ficamos soffrendo do estomago, e até com pouca vontade de fallar com Joaquim. Nosso gabinete de trabalho estava empastado. O diabo do escripta fizera-nos da casa uma poçigã.

Fica commoço, leitor, á espera do que vamos dizer ao Joaquim.

Se conheces o Aluizio convida-o a assistir a nossa conversação.

.....

A menina *Pacotilha* respondendo ao que lhe dizemos, assevera que não pode expôr a cabeça de Augusto e gordo pelo simples razão de Augusto não ter cabeça!

Não concordamos com a *mademoiselle* Augusto tem cabeça e uma cabeça grande. O que ha, porém, é que a barriga de Augusto lhe absorveu a cabeça. Para achar hoje a cara, os olhos, o nariz e a bocca do typo, é preciso descor ao mundo das tripas onde tudo se acha inteirinho.

Bem sei que esta viagem não é das melhores; mas a *Pacotilha* deve convir em que presta um relevante serviço ao povo indo buscar esse cranio especial que outr'ora conclinou a columna vertebral de Augusto. É necessario que esse specimen de microcephalia seja de todos conhecido. Queremos o cranio no museu; e compra á *Pacotilha* expol-o.

Contamos ser attendidos pela joven amante do padre Fonseca.

O sr. Augusto Frederico é um moço que está zangado commoço só porque se lhe metten na cabeça que elle é o moço gordo de que fallamos na conversação passada.

Sontimos dizer ao sr. Augusto Frederico que labora em completo engano. O Augusto gordo de que fallamos é um al-

larce completo, e o sr. Augusto Frederico é a suprema essencia da intelligencia, Augusto o gordo é um comilão é um typo que divora como um boi; o sr. Augusto Frederico senta-se á mesa por com-postura, e come menos que uma donzella (que come pouco). Augusto o gordo é um fanatico, um espirito supersticioso, uma cabeça prehe de absurdos; o sr. Augusto Frederico é um rapaz moderno, voltairiano, leitor assiduo de Strauss, admirador de Jacollot. Augusto o gordo usa bentinhos no pescoço; o sr. Augusto Frederico tem sempre perolas de ether no bolso. Augusto o gordo é um vil intrigante; o sr. Augusto Frederico é um excellent rapaz. Augusto o gordo anda sempre farojado o padre Fonseca; o sr. Augusto Frederico dizem que deu palmadas no reverendo. Augusto o gordo tem sempre a bocca aberta e o olho fechado; o sr. Augusto Frederico tem sempre a bocca fechada e o olho aberto.

Augusto é gordo como um sapo; o sr. Augusto Frederico é magro como uma vareta de chapue de sol. Ha as differenças que os separam.

Já vê, por conseguinte, o digno sr. Augusto Frederico que não é com a sua pessoa que se entendem as nossas pilherias. Não com quem fallamos é com Augusto Almeida—um parlapatão que sabe o Syllabus de cor, e come como um jumento. Entre Augusto n. 1 e Augusto n. 2 não ha semelhança alguma.

Que te parece, leitor?

.....

Temos acionamento a companhia dramatica portugueza que vem fazer concorrência nos padres de Santo Antonio no empenho de divertir o publico.

Sabado temos o primeiro espectáculo a que contamos assistir para disso de fallarmos, leitor.

Espera por nós com o casote habitual. Até breve.

.....

### EXPEDIENTE.

Recebemos o *Tribuna* e agradecemos as lisongeiras palavras com que nos acobiceu. Não recebemos o *Tempo*, nem o *Telegrapho*. Chamamos para esta falta a attenção das dignas redacções.

Recebemos mais da Corte os discursos parlamentares do conselheiro José Bonifacio de Andrada e Silva, edictados pelo sr. João Correia de Moraes, bacharel formado em sciencias juridicas e socias pela faculdade de S. Paulo. Agradecendo o valioso livro que nos foi offerecido, nada temos a dizer como louvor. Para elogio da obra basta o nome do seu autor. Todos fazem justiça a seu incontestavel talento.

Miranhão—Typ. da PACOTILHA.  
Editor—Fernando da Cruz Rubin.



Propriedade de M. BERNARDES.

Colher os fructos da arvore do saber—eis a pretensão da sciencia; posto lhe importa que suas conquistas prejudiquem em não as phantazias da fé.  
HARTEL, Historia da creação dos seres organizados.

## ASSIGNATURAS

Trimestre..... 35000  
Semestre..... 62000  
Anno..... 120000

Maranhão, 14 de Julho de 1881.

## PUBLICA-SE

TODAS AS QUINTAS-FEIRAS.  
Redacção á rua Formosa n. 30.

## O FUTURO.

MARANHÃO 14 DE JULHO DE 1881.

## A miseria social.

I

A aspiração ao bem-estar social é a sede infrene que consome os povos modernos. Adopção enorme de todos os desejos do homem, total das ideias de felicidade que se aninharam nos cerebros humanos, à luz do seculo, apresenta-se pedindo a realisação do sonho á logica da revolução. Na revolução elles querem achar o curativo ás medonhas chagas que devoram o grande corpo social.

E não nos iludamos. E' santa esta sede, é nobre este desejo. E' mais que santa, mais que nobre; é legitima. As pustulas que carcomem a humanidade, as negras escrophulas que viciam o genero humano, são um insulto á justiça que nasce, uma affronta ao direito que desponha. E' preciso limpar a humanidade d'essas feridas-purulentas que a mão do despotismo lhe abriu nos flancos.

Lancemos uma vista sobre os povos. Fitemos os que mais proximo se acham de nós, aquelles que vivem em communhão de ideias commoço. O que vemos?—Uma só cousa se nos depara sinistra, tetrica. E' a miseria social—o conjunto de todas as dores, de todas as angustias, de todas as agonias, que soffre o homem,—o complexo de todos os males, de todos os infortúnios, de todas as desgraças, em que se estorpe o povo.

O drama humano é assim. Sua these até hoje é unica. Por toda a parte a miseria roe a humanidade. Mas não é a miseria que se cifra sómente em pedir pão; é a miseria que pede luz. Não é simplesmente o estomago que soffre; é o homem todo que geme. E' a miseria que se appoia de tudo, tudo agarrando nas suas unhas aduças. Miséria de religião—pobresa intellectual cujo unico alimento é a superstição. Miséria d'ideias—barathro horrivel que se chama ignorancia. Miséria de instituições—á carencia de um ponto firme em que o homem se apoie para progredir. Miséria das leis—imperfeição do direito para garantir a vida social. Miséria politica—carcinoma que se gera na podridão das nações. Miséria de sciencia—monopolio das verdades que o homem tem conquistado. Miséria da moral—imperfeição da consciencia humana. E acima de todas estas misérias, está a miseria que tem fome, que rouba, que mata, que prostitue, a miseria que procura o crime—á miseria de lama que tudo macula, a valla de podridões em que se lançam as fezes da humanidade.

Eis como se apresenta a miseria social. E' a agglomeração enorme de chagas mil que se unem, que se prendem, que se fundem. Nenhuma parte do corpo está sã. Ha alli a lepra, a morpheia hedionda, que dá ao vivo a apparencia de um cadaver em putrefacção. Desde o pé até á cabeça todo o organismo

está prehe d'esse virus infernal. Desde o assassino, que morre na forca, até ao Papa, que tem em vida a apothecose, estende-se esta cadeia de chagas, este antro profundo de misérias.

E contudo nós progredimos. E contudo alguma cousa nos diz alem que estes males hão de desaparecer. Fluctua na atmosphera humana uma promessa de rehabilitação á humanidade. Antevemos um curativo ás chagas que nos minam. Esse curativo é a revolução. Mas a revolução que cura não é a revolução sanguinaria que empunha o punhal, que accende o facho de petroleo, que atira a bomba explosiva, que dispara canhões e que manipula venenos. E' a revolução que reforma o pensamento, que aperfeicoa a consciencia, que corrige o direito, que dá a liberdade, que estabelece a communhão da sciencia, que força todos os homens a sentarem-se ao banquete social.

Só esta revolução pode regenerar o homem; só esta revolução lhe pode satisfazer a sede ardente ao bem estar.

Bastante tempo os canhões e os engenhos mortíferos varreram os corpos humanos no plano das batalhas. Para extinguir a vida, a humanidade ha feito descobertas enormes. E' tempo que as forças do homem se voltem contra os males que o perseguem. Haja a guerra contra a miseria social, haja a batalha contra o mal que nos devora.

Para matar o mal é, porém, preciso conhecê-lo. Necessario se torna um exame anatomico que prescreta todas as chagas, que sonde todas as feridas. Nada de parar em meio d'este trabalho fatal. Como o chimico que, da analyse do diamante, desce á das materias vis que rolam nos monturos, foroso é ir da analyse das partes sãs do organismo social á das que se acham em putrefacção. Vêr o orgão sã para preservar-o do contagio, observar a chaga para a cauterizar, eis o que fatalmente tem de realizar a sociedade moderna.

O quadro do estado actual da sociedade não pode ser um quadro de luz. Tela em que tudo se confunde, se cruza, se amalgama, se funde, não é um quadro bello. Ha alli as negras pastas de sombras asquerosas, por entre os frouxos raios de uma luz que se cõa alem, tremula, vacillante, como o brulholear da aurora do futuro. O que está desenhado alli é a orgia da humanidade que soffre, e que, em meio do sofrimento, solta um brado animador que se resume na palavra—progresso.

O estudo verdadeiro da miseria social é o meio unico de debellar os males que affligem os povos civilizados. Exponha-se portanto o corpo gangrenado ás vistas da humanidade. E' preciso que ella core ante a sua vergonha; é preciso que ella abomine as chagas que a roem. Mostrar a podridão para corrigir a podridão, patentear o verme para causar asco ao verme. Não se mascare com o véo da decencia o vicio que pretende fugir a todo o exame. Pegai n'elle hediondo como é e levai-o á praça publica para o zurzir de chicotadas em nome da consciencia. Desterrai para longe a ideia de que a

ignorancia do mal é uma virtude, e confessai á luz do seculo que a virtude é conhecer o mal e abominá-lo.

O passado com todo o seu cortejo d'espectros é quem se arvora em defensor da immoralidade. Elle não quer que a humanidade saiba o que fez. Pretende mascarar as torpezas que gerou e é sollicito em estender uma cortina sobre as pustulas que fez desabrochar. Fazei-o recuar. Não vos importe a sua colera. Se elle chora, o futuro vos sorri.

E o sorriso do futuro é o bem que procura oscular a fronte da humanidade.

II

A analyse minuciosa do estado social é um trabalho gigante—enorme para as forças de uma geração. Sondar todo o mal, ascultar todas as partes lesadas do organismo social, por em evidencia todas as chagas, ver ao microscopio todos os vermes que dilaceram o homem, eis o que se não pode realizar senão n'um longo lapso de tempo. Tracar a epopeia do horrivel, escrever o poema do asqueroso, esboçar a psychologia do mal—é demais para um grupo determinado de homens. O vasto exame só pode ser empreendido pela humanidade toda. Na evolução humana tem forçosamente que entrar como elemento esta indagação grandiosa. A necessidade assim o requer.

A sociedade hodierna, tal como se acha organizada, é um caos enorme em que o bem se debate nas mãos do mal que o pretende estrangular. Reune no seu torpezas, vicios, podridões, que poucos homens têm a coragem de desvendar. Medram n'ella os preconceitos que tolhem a cada homem a livre expansão da sua individualidade. Ha o preconceito aristocratico—somma ridicula dos preconceitos de classe, de sangue, de profissão, que cava abysmos entre os homens, fazendo-os artificialmente inimigos. Ha o preconceito religioso que exige do homem que pensa a tacita annuncia aos absurdos dogmaticos que caducas religiões tem a audacia de pregar. Ha o preconceito politico que apregoa a todo o orbe que a liberdade é um perigo para a autoridade. Ha o preconceito juridico—o absurdo de julgar o direito n'um estado de perfeição. Ha o preconceito litterario—á pretensão a encerrar o pensamento n'uma forma mesquinha e improgressiva. Ha, finalmente, o preconceito philosophico—á exigencia de curvar a rasão a systemas carcomidos, tyrannia que forçou até uma nação a gravar nas paginas da sua constituição a creença na immortalidade da altura e na existencia de Deus, como se isso influísse de qualquer forma nos deveres e direitos de seus cidadãos.

D'este conjunto de preconceitos, d'estas falsas ideias sobre a vida social, é que origina a miseria que nos dilacera. Do preconceito aristocratico—nasce o odio entre as diferentes classes sociais que se guerreiam, e que dão lugar ao parasitismo que vive na opulencia e ao pauperismo que avilta o trabalho. Do

preconceito religioso originam-se as mímicas supersticiosas—o culto por um sobrenaturalismo ridiculo que envergonharia a intelligencia de um Ho. tentote. Do preconceito politico—nasce a monarchia constitucional, aborto enorme de governo, que é uma transacção caricata entre o passado e o presente. Do preconceito juridico—deriva a sustentação do direito de propriedade do individuo com lesão manifesta do direito geral que tem todo o homem á sua conservação. Do preconceito litterario—rebeta uma escola vergonhosa de um romantismo exagerado, um connubio chorão de folhas de rosa com sylphides ou mulheres magras,—uma escola que nada ensina, que nenhum problema persegue e que estiola a mocidade com um sentimentalismo anemico. Do preconceito philosophico surge uma educação estranha, cheia de visões povoada de contos d'acarochinha—uma educação autoritaria em que se força a creença a acreditar em cousas que não pode comprehender.

A resultante de todas estas forças não é outra cousa que não a miseria social—miseria enorme em que tudo falta ao homem. Ao lado do homem que morre de fome por não achar emprego á sua actividade, define-se o cerebro em que não luzem ideias. Ha a morte physica e intellectual pela carencia de forças que regulem a livre expansão de cada individualidade. A vida material e a moral não tem outra garantia que não seja uma protecção irrisoria das leis. Diz-se isto é uma forma social que convenha á humanidade do nosso seculo.

E contudo vós não vistes esta miseria nos seus ultimos resultados. Vós passastes junto das chagas sem as analysar. Ignorastes as dores que a cada uma se acham ligadas. Vós não vistes o aristocrata cuja prole descamba no idiotismo—resultado da inercia parasitica do pai. Vós não othastes as lutas dramaticas que se travam entre as castas que o orgulho tem feito. Vós não considerastes as dores do operario que, trabalhando incessantemente, não tem contudo o sufficiente alimento para si e para os seus. Vós não vistes a hypocrisia e a superstição assolarem a sociedade. Vós não haveis olhado para o monarcha humilhado pelo povo, e para o povo humilhado pelo monarcha. Vós não tendes lido todos os nadas perigosos de uma litteratura sentimental que tudo desmoralisa. Vós não haveis reflectido sobre as ninharias philosophicas que se innoculam no homem, e sobre essa educação estranha que prepara o homem para tudo, menos para viver—educação que é muitas vezes a porta que a humanidade conserva aberta sobre o crime. Vós rocastes pelas chagas; não conheceis todo o puz. Tremieris se as visseis em toda a sua hediondez.

O progressivo desenvolvimento da humanidade que se aperfeicoa, exige que este conjunto de males desapareça do meio dos povos. A humanidade docente precisa de cura. Observemos a lepra que a dilacera, mostremos ao homem o sugo de depravação moral



—Se queres convencer-te amigo leitor, desta verdade vai a *Santo Antonio*. Ali tudo namora, desde o badallo do sino da torre até hisopo do sacristão.

Vae.

(Continuaremos.)

Consta-nos que o illustre auctor da *Declaração de la Monarchie* Mr. Pelletan, vai responder a refutação que foi feita sua obra, *Le Monde marche*, pelo Rym. Raimundo Fonseca.

Esta poetisa se acha consignada no «Fíguro» e em varios jornaes da Europa.

Si assim é, os nossos parabens ao illustre traductor do Syllabus.

Indo um sujeito tirar um dinheirão n'um dos Bancos desta cidade, apresentou um Sador, que os directores não acceitaram em vista de não ter fundis. O sujeito não tendo outro recurso e necessitando do cobre, mette a mão no bolso da calça, e puxa a *Civilização* e diz: senhores veja como sou honrado, olhem este artigo em que tomo uma descompostura.

Os directores exclamarão: este insulto é feito ao senhor?

Sim, senhor.

Então meu amigo nem era preciso trazer Sador. O sujeito que recebe uma affabilidade da *Civilização*, pode dizer que é um dos homens mais honrados que tem a nossa população!

—E lhe foi dado o cobre immediatamente.

Dizem por ahí que os artigos editoriaes d'O Futuro são escriptos pelo revd. padre Mira-sol.

É falso o boato: se o fossem tratariam de *astronomia e signal da cruz*. Apellamos mesmo para o sr. padre.

Até quinta-feira.

H. de Buondelmont.

### Meia hora de conversação com o leitor.

SUMMARY—Fera e Joaquim—Antonio Pedro—O Saltimbanco—O drama de Antonio Ennes—Defeitos da peça—Os artistas de nova companhia—Desculpa ao leitor—A cara feia de Azevedo Ramos—Futura exposição—Despedida.

Joaquim, arre-da-te para deixar passar Antonio Pedro que vem ahí com o Saltimbanco.

—Mas eu estou aqui a seu chamado.

Você disse que me queria fallar sobre...

—Bem sei. Agora porem não estou de maré a aturar-te. Tinha que tratar das considerações extruzulas que tu fizeste a respeito d'O Mulato, e expor-te algumas ideias sobre o realismo na arte. Isso fica para mais tarde... Por ora é men de sejo preferir-te Antonio Pedro que já está latendo á porta e que saúda *toute la compagnie*.

—Então quando devo voltar?

—Lá para o 6.º n. do Futuro. Por enquanto podes retirar-te, meu basbaço, as doce far niente da tua cachetica *Civilização*.

—Até logo.

Estamos ainda, leitor, sob a impressão extremamente agradável da estrêa da companhia de Antonio Pedro. Sentimos ainda vibrarem-nos aos ouvidos as gargalhadas e os soluços do Saltimbanco. Estamos incapaz de te fallar n'outro materia.

E depois, leitor, fica s'cheado uma coisa. Nós temos uma ruína, nós possuímos um fraco—nós amamos perdidamente

te um lobo esplendido—a arte. Que outros assistam a um espectáculo para divertir-se, para passar uma noite! Nós temos a maneira de lá ir para estudar, para observar, para examinar. Vamos em busca de commoções que nos caltem no cerebro, que nos façam rebentar ideias suas na intelligencia, que nos vibrem todas as cordas do sentimento. Entramos no theatro como na idade media se entrava n'um templo—cheios de veneração pela arte que ante nós deve desentrolar as suas esplendidas creações.

E por isso que, sempre que vemos o theatro presa de especuladores, quando o vemos manchado pelo arremedo da arte, quando o encontramos entregue á exploração cynica de individuos que tudo conhecem menos ella, nos abstemos de lá ir. Repugna-nos ver manchado o templo pela industria. Desagrada-nos ver roubar em nome da arte. Queremos o artista e abominamos o cavalheiro de industria.

Felizmente com a companhia de Antonio Pedro não é cabível essa exploração vergonhosa. Ha alli artistas, ha alli homens que ganham honradamente a sua vida, largando ás plateias pedacos do seu ser, entregando ao publico a fiel interpretação do que a arte sonhou. São homens que, ao pizar no palco nos forçam a abrir um canto do cerebro para receber as impressões que lhes apraz fazer-nos calar no animo.

Nunca para nós o talento do actor nos pareceu mais brilhante, mais util, mais necessario, do que na representação do Saltimbanco de Antonio Ennes. Esse drama que não pertence a escola dramatica, porque de todas participa, (esse drama—conjuncto de scenas brilhantes resumiadas sem nexo, esse drama em que se sacrificam todos os papéis a duas entidades creadas pelo autor, esse drama que é um monstro na arte, esse drama fallou-nos contudo á razão, impressionou-nos o systema nervoso. A habil interpretação dos artistas, a tradução fidedias ideias que animaram o seu autor, foi quem conseguiu dar vida a esse organismo desconexo. Representado por meo de individualidades artisticas, o Saltimbanco só podia ser recebido pelos assovios da plateia.

Efectivamente a creação dramatica de Antonio Ennes é o que se pode conceber de defectuoso. A thesa da sua peça é complexa—é o amor de pai combinado com a influencia do preconceito social que força os filhos a responder pela profissão de seus pais. Mas esta thesa não se sustenta. Logo no segundo acto o Saltimbanco toca o cumulo da herosidade na luta horrivel que consigo travam o amor de pai e o medo do preconceito. O amor de pai succumbe, e o restante da peça tem por thesa unica o preconceito. Ha alli dois dramas:—um que termina no segundo acto; e outro—que se desenrola no terceiro e que vai morrer inconsequentemente no quarto. Esta duplicidade da acção destruo a harmonia da creação artistica.

Uma outra censura pode fazer-se nos typos em scena produzidos por Ennes. Falla—só e sua filha Alice são estes que ultrapassam as raias da humanidade. São dois caracteres impossiveis, duas grandezas que não podem existir em meio da nossa sociedade que chafarda na lama. A perfeição do sentimento phantasiado n'estas duas entidades além de ser falsa tira a todos os outros caracteres o cunho proprio.

Parece que o Visconde do Azevedo, que a velha Jacintho, que o boticario Mathews, que a coquette de Carlota, não são egoistas, não são máos, não são injustos, se não para pôr em relevo a grandezza d'Alma do Saltimbanco e a exquisita delicadeza dos sentimentos de sua filha. O drama não é drama, e sim antes a epopeia do sentimento revestida de formas realisticamente torturadas.

Ha pessoas que na concepção de Ennes uma só coisa veem de máo—o quarto acto que consideram um appendice

desagradavel. Quanto a nós, assim não pensamos. O quarto acto é uma necessidade para o plano do dramaturgo portuguez. Comprehenduo no terceiro acto a grande quantidade de adiosos que lançara sobre os personagens secundarios. Ennes pretendeu corrigir essa demasia, apresentando em scena o arremedimento de Carlota. Fel-o mal, sem grandezza, sem espirito, mas esse postigo explica pela sua necessidade o vicio fundamental do drama. Era impossivel terminar bem um drama semelhante.

O Saltimbanco como peça de arte, é uma monstruosidade sem nome. Vê-se ali que foi escripto, como a maior parte dos dramas modernos, para certo e determinado actor. As difficuldades que suscita ao desempenho do papel do protagonista, denotam claramente que seu autor teve em vista traçar uma scrobalia da arte, um arremedo do Kean no que toca ao manejo scenico. Este defeito enorme é porem em parte resgatado por algumas scenas felizes, por lances verdadeiramente dramaticos. As scenas que terminam o segundo e terceiro actos, com quanto faltas de naturalidade por mostrarem em demasia que são effectos scenicos para o calhar do panno, têm em si alguma coisa de grande que commove e abala o espectador.

Não é nosso intento traçar aqui a critica do Saltimbanco. Não podemos entrar na analyza da peça, porque necessario seria descer a serias considerações sobre o theatro moderno, e prender o drama de Ennes á anarchia que na época actual se apressa das concepções scenicas. O que ahí fica exposto é apenas uma vista rapida, um esboço á *vol d'oiseau* sobre o drama que acaba de ser representado.

Passando agora a tratar do desempenho theatral da peça temos que deixar calhar a pena do critico para tomar a do admirador. Ainda nos parece estar vendo a brilhante interpretação dos papéis, a correção dada pelos actores á expressão do pensamento do dramaturgo.

Antonio Pedro no Saltimbanco é de um trabalho descommunal. Todas as suas inflexões, todas as suas poses, toda a sua mimica, todo o seu jogo physiologico, são de uma perfeição que seduz, que atrahce, que encanta. Se alli ha demasia, se alli ha faltas, isso provem de uma correção systematica que passua. O Saltimbanco vive em Antonio Pedro que é a sua brilhante encarnação. Não ha elogios, não ha applausos sufficientes, para exprimir o que o espectador sente quando o vê pateticamente a sua filha um amor paternal que tremse de se ver descoberto, ou quando, aos pés do Visconde, de rastos adroga a causa da felicidade de Alice. Aquillo é surpreendente, e tão energico que consegue arrancar lagrimas aos espectadores menos familiarizados com as grandes dores humanas. Quando elle fallava as senhoras choravam. Esta demonstração de sensibilidade feminina é o maior dos elogios de Antonio Pedro. Se elle fosse um actor mediocre, ellas ririam.

O papel de Alice coube á sr.ª d. Elvira. A filha do Saltimbanco—a flor gerada nas podridões sociais e acalentada nas salas, teve em s.ª exc. um interprete habil, correcto, apaixonado. Foi a primeira vez que a vimos representar, mas a sua extrema elegancia, a vivacidade de seus movimentos, o temperamento de sensitiva que reproduzio, são dignos de louvor o mais exigente. Na gargalhada que soltiu no fim da narração do penadão, no 2.º acto, na vehemencia com que interpella Carlota no terceiro, na sua estada na barraca de feira do quarto, eleva-se ás regiões subidas da arte. Se s.ª exc. não é apreciada como deve, é por estar ao lado de um artista como Antonio Pedro. O Saltimbanco offusca sua filha.

Brandão, no Visconde, só tem um defeito involuntario—ser gordo de mais. Resgata-o porem pela sua maneira brilhante de se produzir em scena, pela

moviça aristocratica que patenteia em todas as occasiões. Elle comprehendeu o fidalgo moderno—conjuncto de appearances, seductoramente nobres, mas que encerra vicios no interior—fidalguia de exterior que não se approxima da alma. Nos momentos mais criticos, Brandão conseguiu dar ao Visconde uma mascara de impossibilidade, uma especie de *enquette* que conseguiu encobrir todos os sentimentos interiores.

Gil foi soberbo no pharmaceutico Mathews. Essa personagem—proto-type da curiosidade de aldeia, ingenua até no mal que faz, conseguiu achar n'elle um interprete fiel. Todos tiram quando elle gritou a d. Jacintho:—*Sou seu homem, minha senhora*. A extrema naturalidade, os gestos adequados ás situações, dão a Gil a força de um actor comico de primeira ordem. Nós comprehendemos o pharmaceutico Mathews por que vimos tal representão.

D. Etelvina Lima no odioso papel de Carlota andou com naturalidade. Só sentimentos que s.ª exc. tenha a voz muito fraca, e que não expressasse mais energicamente o amor que a possuia pelo Visconde. Representando o papel de coquette, a sr.ª d. Etelvina podia contudo diminuir o odioso, pateticando nos seus gestos, nas suas palavras, a paixão que animava Carlota. O *coquetismo* não exclue o amor, como infelizmente pensou s.ª exc. Era preciso justificar pela paixão os manejos criminosos da amiga de Alice. Só assim s.ª exc. conseguiria interpretar fielmente o pensamento de Antonio Ennes.

Os demais artistas que vimos representar nenhum papel fizeram que os recomendasse ao publico. S.ª d. Josephina, fazendo de Jacintho e Costa de Visconde de Azevedo pai, se destacam. D. Josephina, porem, trabalhou soffivelmente, só discordando a sua estatura curvada com a sua maneira rapida de andar. Quando a espiha dorsal se nos curva, torna-se um impossivel essa agilidade. Comprehenda A. Josephina esta verdade que seu papel ficará completo.

Costa em Azevedo pai nada nos pode mostrar sendo o perfeito conhecimento que tem da scena. Esperamos vel-o n'outro papel em que seu talento se patenteie.

Os primeiros espectaculos da companhia de Antonio Pedro foram dignos de attenção. O Maranhão assim o julgou, pela enorme do seu theatro, pouco habituado a estas festas. Que a companhia portugueza se applauda por nos haver arrancado do marismo em que infelizmente vivemos.

Leitor, deves estar cansado de nos ouvir fallar sobre o theatro, sem te dizer uma graça, sem te fazermos rir um pouco. E' nos porem impossivel fazelo. A meia hora já está quasi esgotada.

No proximo numero temos muita coisa a dizer-te. Assistirás á nossa conversação com Joaquim de Albuquerque, e verás nós produzirmos em scena um novo typo—um tal Antonio de Azevedo Ramos Junior—entidade grotesca que se lembrou de fallar mal de nós, sem motivo razoavel, sem nada que lhe justifique a aggressão á nossa individualidade que nunca julgou dever occupar-se de rei das bambas.

Prepara-te, portanto, para o pratinho do proximo numero. Azevedo Ramos vai comparecer aqui com a sua forte catadura.

Que pena não termos a pena de Paulo de Kock!...

Até breve, leitor.

Maranhão—Typ. da FACULDADE.

Editor—Fernando da Cruz Rubin.



# O FUTURO.

ANNO I

NUMERO 6

ORGÃO DE PROPAGANDA PROGRESSISTA.

Colher os frutos da arvore do saber—eis a pretensão da sciencia; pouco lhe importa que suas conquistas prejudiquem ou não as phantazias da fé.  
HAECKEL, Historia da creação dos seres organizados.

Propriedade de M. BÉRENGER.

## ASSIGNATURAS

Trimestre ..... 30000  
Semestre ..... 60000  
Anno ..... 120000

Maranhão, 21 de Julho de 1881.

## PUBLICA-SE

TODAS AS QUINTAS-FEIRAS.  
Redacção á rua Formosa n. 30.

## O FUTURO.

MARANHÃO 21 DE JULHO DE 1881.

### A miseria social.

PRIMEIRA CILAGA—O PADRE ROMANO.

I

A perfeita organização de uma sociedade legalmente constituída repousa sobre o principio moral de que cada um de seus membros deve prover á sua propria conservação. Esta conservação em meio da luta pela existência só pode ser obtida pelo trabalho—único meio honesto conhecido de manutenção lícita de toda e qualquer individualidade. Como para viver todo o homem precise consumir, necessário se torna que pela produção equilibre o consumo. É uma troca entre o trabalho individual e o social—especie de permuta em que, para a sociedade não lesar ou ser lesada, forçoso é que o trabalho do individuo esteja na razão directa dos benefícios que elle recebe do meio social em que vive.

Considerado moralmente o trabalho de qualquer especie que seja tem a mesma importância absoluta. O aldeão que pela enxada arranca os frutos da terra, o sábio que no gabinete se entrega á grande indagação da verdade, estão na mesma plana moral. Um e outro são uteis, e a utilidade de suas produções dá-lhes direito a viver. São necessários á economia social porque ambos produzem. Não importa que theoreticamente a produção de um valha mais que a do outro. Praticamente ellas representam o mesmo valor.

O trabalho é portanto de sua natureza o único processo facultado ao individuo para harmonisar o seu interesse pessoal com o interesse geral da sociedade. O bem estar colectivo da humanidade depende d'essa harmonia que o trabalho realisa. E, para a realisação d'essa harmonia, necessário é que cada homem seja útil, isto é, que dê tanto á sociedade quanto d'ella recebe.

A existência de qualquer elemento parasitico em meio de uma sociedade legal é um fermento enorme de dissolução. Como se pode deprehender, o parasita vivendo do trabalho alheio sem que nada lhe dê em troca rouba o que trabalham, usurpando um direito que não tem—o de viver. Esta usurpação estabelece nua scienda social que dá lugar a uma constante anarquia. Existindo o parasita, vendo-o tolerado pela lei, todos os homens aspiram a ser-o. O individuo deserta do trabalho, e procura todos os meios de se manterem detrimido da sociedade. O roubo torna-se a lei de uma parte da humanidade que procura viver á custa da outra.

No estado actual das sociedades modernas, o parasita existe sem ser tolerado pela lei, ao menos por ella vestido de um caracter irrisorio de utilidade. Não que elle declare a guerra franca ao trabalho—isso não seria possível; mas, havendo estudado os meios do prover á sua conservação por um trabalho ficti-

cio. Esta ficção do trabalho é a gazia com que elle, ás vezes inconscientemente, rouba a produção dos individuos uteis.

Entre os parasitas sociais, que são muitos, um se destaca que pelo seu extraordinario consumo, se torna mais do que qualquer outro digno da animadvertencia geral. Legado do passado, herança fraudulenta de instituições que desabaram, esse homem tem sabido manter-se sem nada fazer de util, sem um passo dar a bem do seu semelhante. Especulando com a consciencia, monopolizando a moral, obtendo ao desenvolvimento progressivo da humanidade, senta-se no melhor lugar do banquete da vida, excluindo d'elle os que lutam pela existência. Este homem é o padre romano—o sacerdote do Christianismo latino.

Que a humanidade tenha uma religião, que a sociedade precise de um culto, é esta uma necessidade psychologica que a historia confirma por factos, mostrando na evolução a importância das religiões. Que, porém, á sombra d'essa forma social se abriguem individuos que nada fazem, que as religiões sejam abraçadas como parasitas, que haja homens que especulem com as crenças da sociedade, eis o que principio algum pode justificar. Sendo, como pretendem, as religiões uma necessidade, convem que os benefícios que d'ellas provém aproveitem a todos os homens, e não a uma classe determinada de individuos.

Em nenhuma religião mais patente se torna a aspiração parasitica a viver por meio do culto do que no Christianismo latino. Seu sacerdotio, abraçado como profissão que exclue quasi todas as outras, seu sacerdotio que inhabilita o individuo para qualquer outro mister social, é um parasitismo que nada absolve, que nada legitima. O padre romano como homem, é um ser que vive do trabalho alheio, sem dar á sociedade mais do que a apparencia de um trabalho vão que rouba as classes productivas. Mettido no templo, prometendo aos povos o céu, vai tortuosamente apoderando-se da terra, recebendo o real em troca do que promete de inverosimil e phantastico n um mundo imaginario. O culto serve-lhe para a sua manutenção. Elle recebe do povo o salario de uma produção nulla.

Mas, dirão alguns, não se concebe uma religião sem sacerdotio. Admittamos que assim seja. Convimos mesmo que seja necessário. Onde porem a necessidade de tornar incompativel esse sacerdotio com qualquer função social? Como tolerar que o templo seja a unica officina do padre? Como permitir que elle trate de cousas santas mercenariamente? Como vedar-lhe o exercicio de qualquer outro mister? Como consentir que as crenças respeitaveis da sociedade sejam o capital com que o padre negocia? Como pô-lo ao abrigo de todas as lutas humanas, dando-lhe uma existência toda amena em desproporção com o que elle produz? Como fazel-o gozar á custa de uma parte da humanidade que soffre?

O padre romano, tal como se apresenta na sociedade moderna, é um individuo que abraçou a religião como officio. E como o operario faz valer a officina, o padre faz valer a religião. Ella para elle transforma-se n'um capital que a usura faz fructificar. Deixa de ser santa para ser especulação. Da ao padre o alimento, mas rouba-lhe a dignidade moral. Forçando o sacerdote a encerrar-se n'essa especulação arranca á humanidade um homem util para lhe dar um parasita.

O Christianismo latino fazendo do sacerdotio uma profissão, foi quem gerou este parasitismo. Separando a missão religiosa do sacerdote da missão social do homem, tornando o trabalho incompativel com o culto, matou o ser util para dar lugar ao parasita. Auxiliou as paixões reprovadas que se abrigam no ser humano, e que o levam quasi sempre a procurar por meios ilícitos o seu interesse pessoal.

O parasitismo do padre romano é um crime social. D'este crime originam-se outros que d'elle procedem fatalmente.

D'elles vamos tratar.

II

O isolamento de um individuo em meio da sociedade, realisação por uma instituição, tem como consequencia logica o desenvolvimento do egoismo na personalidade humana. Separado de seus semelhantes, não em communidade de interesses com elles, não lhes partilhando as dores, não sendo seu commensal nas alegrias, o homem assim sequestrado socialmente só pode fazer convergir todo o bem para a sua individualidade, nada lhe importando o bem geral. Nunca soffrendo, que lhe importam os soffrimentos de seu irmão? Nunca sendo feliz, como ligar valor á felicidade de outrem? Nunca sendo util, como reconhecer a utilidade d'aquelles que o alimentam? Só, em meio da multidão, vê-a passar sem outro desejo que não seja o de auferir d'ella os meios de prover á sua conservação. Seu parasitismo parece-lhe uma coisa logica, porque está de accordo com as ideias que a sua posição social lhe inspirou. O isolamento fez d'elle o egoista.

E nas condições d'este homem isolado que se acha o sacerdote do Christianismo latino. O padre romano, ha seculos, que graças á religião de que é mistro, tem conseguido separar-se de seus semelhantes, estabelecendo para si no templo um oasis a que não chegam as tempestades da vida social. Conseguio fazer de sua profissão seu meio unico de viver. Negou a seus braços as fadigas do agricultor, as duras peléjas do soldado, o obscuro trabalho do mineiro, a tarefa intelligente do operario. Não quis ter onus algum sobre a sua pessoa, e para ficar completamente ao abrigo do mal, para não conhecer as provocações sociais, repudiou até a familia. Morreu para o mundo para viver somente para o seu egoismo.

A existência de uma personalidade que assim vive em guerra com as leis

humanas, assegnoreando-se de todos os direitos e menosprezando os seus deveres correlativos, é o parasitismo mais gigante de que a historia possa fazer menção. Não é o simples parasitismo que vive do trabalho alheio; é um parasitismo que monopolisa todos os bens sociais, e que vivendo-se de todo o trabalho, com elle atrai aos ombros dos outros homens. É a epopeia da preguiça—poema de miseria cujo heroe não só é um ente inútil, como altamente nocivo.

O que pode ser socialmente um homem cuja profissão venerada pelo vulgo o põe ao abrigo d'esse terrivel amargo do homem que trabalha? Que personalidade será a de um individuo que não pode ser esposo, nem pai? Que moral, que consciencia, poderá existir n'um individuo que por intenções egoisticas não precisa lutar para viver, desenvolver-se para progredir? É impossivel que um ente sujeito a uma lei d'esta natureza não seja o maior perigo social, o mais temivel desorganizador das instituições humanas.

A religião é uma cousa santa, diz o povo. Mas, se o é como admitir que ella se transforme em profissão mercenaria? Acaso as orações, as missas, os baptismos, os casamentos—todos os sacramentos, não perdem a sua importância moral sendo pagos como qualquer outro trabalho por um salario sem o qual essas cousas dignas de veneração não podem existir? R se não é salario o que o padre recebe, se não é esmola, como permitir que o dispensador das graças celestes seja um miseravel mendigo que se alimenta da esmola que avilta? Como comprehender que o sacerdote respeite, venerar, uma profissão que o força a manipular as consciencias, como se fossem vis materias de que depende a sua conservação? O homem que se impõe á consciencia alheia não tem forçosamente que menosprezar a sua? E não será crime mandar os homens crer, quando a creença não existe em nós, quando a não consideramos senão como um meio de viver?

Especular com a consciencia humana—eis o primeiro crime do padre; n'elle se acham os germens de todos os outros. Contem-nos fatalmente em si. Ha alli o immenso mal da corrupção do guia moral do homem, que o tem necessariamente de lançar como inimigo contra todas as instituições humanas. Fazendo um jogo do justo e do honesto, o padre tem forçosamente que chegar a desconhecer o limite entre o bem e o mal.

A impossibilidade em que o Christianismo latino poz o padre de ter familia, é o primeiro symptoma da desorganisação de seu senso moral. Fazendo-o considerar os laços humanos como alguma coisa de impuro, não só rouba á familia a santidade, como a torna algum tanto attentatoria da virtude. Se o padre não deve ter esposa, se não lhe é lícito possuir filhos, e que a esposa e os filhos são impurezas. E se o são, como é que o que é impureza



no padre não o é também no homem? Acaso deixa elle de o ser? E como, sendo impureza o factor social de um homem, ser familia, desce o padre a santificação por um sacramento? Então a consciencia do homem é de sua natureza diferente da do padre? Admitti-lo seria introduzir a desordem no mundo moral.

A natureza só deu ao homem um meio de reproducção. Essa reproducção baseia-se na sua união com a mulher. A sociedade respeitando a lei natural elevou esse facto á altura de uma instituição: fez a familia. Mas o padre esgoçando-se, diz: Não posso ter familia, porque a minha religião me veda essa impureza. Não estará este homem em guerra aberta com o unico meio que tem a humanidade de continuar a existir? Não será a sua moral uma moral de dissolução?

E depois é o padre quem faz esta declaração: o homem, porém, protesta. Organizado como qualquer outro bipede da familia humana, tem que obedecer ás reclamações do seu organismo. Não pode, porém, fazê-lo licitamente como os outros homens. Não lhe é dado ter uma familia legal: tem que corromper para satisfazer as exigências da sua vida animal. A mulher é o frasco que elle deturpa, e, não a podendo fazer esposa, transforma-a em prostituta. Em vez de organizar a familia, elle constroe o lupanar. A sombra da cruz do Christo, seu ministro faz florescer o prosélito.

E fôto parasitismo que levou o sacerdote romano a repudiar a familia. Elle não quiz ter esposa e filhos, porque essententes representam para o homem na vida a somma de deveres e encargos nobres que, apertelcoando-o, se lhe tornam contado penosos. Elle não quiz ter dorcas, elle não quiz soffrer como os seus semelhantes. Repudiou todos os males inevitáveis da condição social, para, docil á voz de seus chefes, ser um soldado do exercito de parasitas de que o Papa é o generalissimo. Mas, sendo conhecido o generoso humano, se não soffre, se não conhece as angustias da vida social, é contado um miseravel. Elle não tem a esposa que honestamente se lhe lance nos braços na placida santidade do lar domestico; elle não possui os filhos que lhe sorriam, cobrindo-o com essas caricias da infancia que são a coroa dos pais; elle nada tem senão a sua sinistra individualidade. Se abraça uma mulher—elle foi-a buscar ou na deshonra ou na prostituição. Se deu existencia a entes da sua especie—elles não podem reconhecer-o por pai. E um desgraçado que não conhece as alegrias honestas. E um miseravel que tem de corromper para ser homem, para cumprir as leis fataes da organização animal.

Eis como se apresenta socialmente o padre romano—esse parasita que tudo recebendo da humanidade, descamba na abjecção. É uma pustula social—uma escrophula no grande corpo do genero humano. Corruptor e corrupto—no banquete da vida senta-se só, isolado, e, quando se ergue da mesa do festim, deixa apoz si o vicio, a podridão.

Ha miseria por onde elle passa, por que elle é um miseravel.  
Supprimi o miseravel, e fazei do padre o homem.

### Hermenêutica theologica.

(Continuado do n. 1.)

#### IV

A religião que acabo de esboçar, quanto me parece bastante para dar uma idéa do espirito diabolico que a inspirou, passa por ser a primeira de todas as religiões esboçadas. Quando mesmo o Brahminismo não remontasse a uma epocha muito anterior ás de todas as outras religiões esboçadas no

velho mundo, e todas estas não tivessem caracteres assaz bem accentuados para revelar sua origem de filiação—d'aquella maldita progenitora, bastaria somente considerar quanto a primitiva é mais abominavel que todas as suas derivadas, para que não podesse já restar a minima duvida sobre o conceito de que gosa, perante a critica historica,—da sua detestavel maternidade.

Só uma religião primitiva, por se achar livre de toda e qualquer opposição d'idéas da mesma natureza,—poderia estabelecer, com tanta franqueza e descaro, os principios de distincção que o Brahminismo attribue ao soberano Ser dos seres, para fixar as cathedras das castas com tão escandalosa e monstruosa parcialidade. Nenhuma outra, que não podesse deixar de se constituir em opposição, poderia deixar de se mostrar mais humanitaria, pois que o seu fim não poderia ser senão supplantar a religião estabelecida.

Uma religião tão odiosa como o Brahminismo—pelos privilegios que concede a certas castas em detrimento das outras, mostrando-se prodiga para com uma,—liberal para com outras, e tão mesquinha para com a mais numerosa, que lhe impõe a escravidão como condição d'existencia,—tal religião é tão infernal por essencia, que seria necessario haver perdido todo o sentimento de dignidade humana, para que a sociedade não contivesse em seu seio grande numero de descontentes. É facil pois de considerar que, todas as vezes que apparecesse algum homem assaz esclarecido para comprehender a monstruosa reliquaria theologica que se dava em similhantes privilegios, e assaz corajoso e generoso para desafiar publicamente a sua indignação, havia de, necessariamente, atrahir as sympathias das castas e classes opprimidas, e fazer de xofre grande numero de prosélitos. Logo que tal homem apresentasse, baseada em principios mais justos e equitativos,—uma religião que combatesse o monopolio das castas,—o seu governo, a sociedade, o direito de ser feliz—até ao mais miseravel proletario, não poderia deixar de ser bem-vindo, e, para melhor dizer,—acolhido como um Messias ou Avatar.

A India, como se vê da sua propria historia reproduzida por litteratos—historiadores fide-dignos, foi algumas vezes, em varias epochas,—theatro de similhantes espectaculos. Não obstante a eximia providencia, continua vigilancia e esmerada policia—dos Brahmines que tinham bastante consciencia do seu injusto e monstruoso poder para que se podessem entregar a uma seguridade ou confiança descuidosa,—houveram, pelo menos, dois reformadores de quem não poderiam triumphar, sendo fazendo reverter as reformas em seu proveito. Estes dois reformadores foram *Jesus Christna*, espiritalista a cuja influencia os Brahmines não puderam subtrahir-se, apesar de o terem mandado assassinar por esbirros, e *Sakia-Mouney*, materialista e pantheista, de quem os Brahmines, pelo exterminio dos prosélitos, evitaram a influencia dentro do Hinjoão, mas não puderam evitar que a doutrina fosse derramada na Tartaria,—na China,—na Coreá,—no Japão,—no Thibet onde se estabeleceu a sede principal representativa do Boudhismo,—especie de papa boudhista, conhecido sob o nome de Taloi-Lama, nem por consequente que penetrasse alem de todo o archipelago da Sonda, começando por Java e Bornéu.

São estes os dois benemeritos reformadores theologicos que, em duas epochas approximadas de perto de um e meio seculo, appareceram na India, e attribularam os Brahmines pelo recio da perda da sua autoridade por tantos mil annos reputada divina. Qualquer d'elles teria completamente

derrubado a constituição theologico-politica dos Brahmines, se estes não tivessem opposto á aggressão, a prudencia nascida da maior providencia que se possa esperar do espirito humano, á maior energia com que se possa defender os interesses de uma corporação de parasitas.

Antes porém de expôr as doutrinas d'estes benemeritos legisladores theologicos que intentaram a regeneração moral da sociedade brahmanica, cumpre fallar tambem dos Avatares que os precederam, para que melhor se possa conhecer a que grão tinha chegado a illustração dos Brahmines, quando elles se lhes apresentaram em opposição. Quando se vir que as suas novas doutrinas, com todo o seu mais bello accentuado caracter humanitario,—poderam ser illudidas pela refinada velharia theologico-politica dos Brahmines, nenhum espirito esclarecido deixará de julgar que, a par d'estes, os mais illustrados jesuitas d'entre os antigos—eram apenas arremedos d'aquella illustrada corporação; e os da actualidade,—apenas caricaturas, mais ou menos grotescas,—pelo que respeita aos recursos intellectuaes e moraes.

Havia já milhares de annos que os Brahmines se achavam tranquillamente na posse de uma austeridade exclusiva e illudida,—consignada pela religião que tão somente elles administravam, quando uma vez um Brahmine por nome Vasichtha, iniciado no alto grão de *dividya*, a quem por tanto era prohibido o casamento, se namorou de Nalika, menina de extraordinaria belleza, filha de outro Brahmine chamado Viswamitra, que era arya, isto é, *administrador* da provincia de Gossala. Impossibilitado de a haver como esposa, intentou haver-a como concubina, e para isso empregou um oraculo de Siva, reclamando-a para o seu culto, como Appio Claudio, posteriormente em Roma, empregou o pretexto da escravidão para se apossar da filha de Virgínio. Viswamitra, vendo austeros sacerdotes brahmines lhe recusavam o resgate que, em caso tal, lhe era permitido offerecer por sua filha, entendeu logo o motivo; e, cheio da mais justa indignação, poz-se logo em armas, atraindo apoz si um grande exercito de aryas que bastou para correr com Vasichtha para fora da provincia. Pouco depois, coadjuvado pelos aryas de Antarvedi e do Yamouna,—que os Crahmines enviavam contra elle, mas que tambem estavam inquietos para succidir o jugo da casta sacerdotal; foi com um innumervavel exercito atacar Asgartha (cidade do Sol), sede do poder brahmanico, e tomando-a, depois de um longo cerco, fez-se proclamar soberano de toda a India, sujeitando depois, pelo auxilio dos proprios Brahmines, todas as outras provincias, cujos aryas, a seu exemplo, se tinham declarado independentes.

Este principe reunio, no mais elevado grão, os talentos necessarios para estabelecer em toda a India uma monarchia suzerana. Pela milicia, forcou os proprios Brahmines ao respeito; pela politica, usurpou-lhes todo o poder temporal, deixando-lhes o livre e exclusivo uso do poder espirital e na paz, *houve-se com tamanha habilidade governativa e prudencia administrativa*, que não só ponde reinar tranquillo, mas tambem deixou a monarchia consolidada, e em termos de poder n'ella assegurar a sua dynastia. Durante a sua vida gosou sempre do respeito que inspirava, mandando esfolar, depois do seu triumpho, o pundit Vasichtha que pretendia insultar-o na pessoa de sua filha, e soffocando no sangue as primeiras tentativas de revolta; e deixando os aryas principes hereditarios, cada qual da sua respectiva provincia, impoz a cada qual—um conselho composto de tres Brahmines, para, só com a assistencia d'es-

te, poder tratar de negocios importantes. Essa medida, que tendia a nada menos do que a forçar naturalmente os rajahs a manifestar a sua indifferença para com os Brahmines, e assim alhear as sympathias d'estes, era a mais efficaz que elle pôde estabelecer para confirmar no throno a sua propria dynastia, como se vai vér.

Depois da sua morte succedeu-lhe seu filho Aristanata no throno de Asgartha; mas os xehatrias que não esperavam senão essa occasião para um levantamento geral, pozeram-se todos em armas pela independencia das provincias. Aristanata foi constantemente batido pelos exercitos confederados dos rajahs; mas os Brahmines que só esperavam a occasião de mostrar a sua importancia por um successo estrodooso, em quanto fingiam permanecer na neutralidade, interveem na occasião em que Aristanata la cahir nas mãos dos seus inimigos, e declaram-se abertamente por elle, sustentando a sua causa como a do legitimo soberano, d'Asgartha. Enviaram então, d'entre si, um embaixador, por nome Yamana,—aos rajahs confederados, e revestem-no de bastantes poderes para que lhes intimasse francamente a obediencia ao artaxchatria d'Asgartha.

Este Brahmine, nada podendo conseguir por meio da diplomacia, despe-se logo do caracter de embaixador para tomar o de guerreiro, em que se estrôa como um superlativo de Alexandro o Grande. Pondo-se á frente, não de tropas numerosas,—bem disciplinadas,—agueridas e entusiastas, mas sim das tropas desmadas,—desmoralizadas,—enfraquecidas e acobardadas de Aristanata, e despertando-lhes os brios, marcha com ellas contra os inimigos, e assignala-se por uma serie de victorias,—nunca interrompida por um révez. Pela sua victoria definitiva, restabeleceu o credito da influencia brahmanica. Inlingio ao arya Pribhou o castigo com que este havia amesado a Aristanata, privando-o da sepultura; submetteu todos os xhatrias; e consolidou o throno do filho de Viswamitra de maneira que os Brahmines exerceam n'ella a influencia que era devida á gratidão, e sobretudo—ao respeito da intelligencia,—do valor, e da energia.

Mas victorias tão brilhantes e tão rapidas, em conjuncturas tão difficeis, eram estrodoosas de mais para que deixassem de revelar n'este heróe—talentos militares e politicos mui proprios para inspirar serios receios aos Brahmines, e é de presumir que fossem similhantes receios que os induziram a supprimi-lo. Seja porém como for, o que é certo é que, entrando no santuario do pagode de Asgartha sem maior indifferença physica do que Alexandre no seu regresso a Babilonia, nunca mais appareceu fora, sem que em tempo algum se descobrisse o seu cadaver. Mas os Brahmines estavam tão certos do seu desapparecimento, que se apressaram a apregoar que elle havia sido arrebatado vivo para o céu—pelos deus (anjos ou semi-deuses), e que n'ella se tinha realizado a primeira parte da profecia sobre a encarnação da segunda pessoa da trindade védica, pois que Yamana era nada menos que a primeira encarnação de Vischnou, que tinha vindo pessoalmente pacificar a Terra sob a forma de um Brahmine! E poderam apregoar este estupendo prodigio com tanto mais desassombro, que já desde milhares de annos tinham preparado o povo para prodigios similhantes, pelas legendsas que o predispunham a acreditar na intervenção activa e visível—da divindade sobre a Terra. Não lhes era portanto necessaria uma impostura rastreira, como a que em Roma—empregoaram os senadores para fazer acreditar na origem divina de Romulo,



encobrir assim o trágico fim que lhes deram, protegidos por uma tremenda trovoadra.

(Continua.)

O amor de Deus e o Coração de Jesus.

Releem-me os reverendos redactores da folha intitulada Civilização... que, no titulo d'este artigo, o amor de Deus preceda o Coração de Jesus...

Não deve parecer estranha esta prevenção, attendendo-se a quanto os reverendos redactores da dita folha se têm mostrado presumidos em vastos e profundos conhecimentos de todo o genero...

Não posso portanto ignorar quanto os reverendos redactores da Civilização loyalana são severos nas exigencias da observancia de tudo quanto pertence a esta egreja...

Mas para que os reverendos redactores da folha possuam a consciencia de que o epitheto de ignorante...

Os reverendos redactores, tão versados como se ostentam — no conhecimento da historia ecclesiastica, não poderão negar que o amor de Deus é muito mais antigo do que o Coração de Jesus...

Na parem se deve julgar da importancia das cousas pelos effeitos, é forçoso confessar que o Coração de Jesus está hoje tanto acima do amor de Deus...

tram quotidianos pela celebração da missa — está acima do modesto necessito, seu concorrente, cuja sustentação é precaria...

O que se tem observado n'esta cidade, depois que na egreja de Santo Antonio se estabeleceu a irmandade do Coração de Jesus, é mais que sufficiente para não deixar ignorancia alguma sobre quanto o Coração de Jesus se avantajou ao amor de Deus...

No entretanto os que verdadeiramente lucraram com semelhantes maneios, reputando-os com a credulidade, e explorando as mais nobres paçoas...

Antes de concluir, permitam os reverendos redactores da folha jesuitica que lhes faça uma observação. Lermos uma vez no Brazil Catholico uma phrase que lhes deu muito no gozo...

que d'ella já se têm servido algumas vezes por sua propria conta. Consiste em phrases, que acham muito felizes...

Maranhão, 20 de julho de 1881. de Belmonte.

MISCELLANEA.

Neste numero, não fazemos a continução da analogia entre a igreja e o Theatro...

Um dia destes, vimos o seguinte: O astrónomo padre-vigário Mira-sol, o querido, o admirador dos astros...

Porque? Porque o bispo traz (segundo o padre Maya) um pedaço da cruz de Christo na cruz do seu pescoço.

Elle julgou que o bispo, ou a cruz d'ella, valia ou vale mais do que um cadaver!

— Ah! maroto. Não entendemos... De namoro, seu mestre!

Uma das irmãs do coração ficou zangada com as verdades que dissemos no numero passado, quando tratamos de Algumas mulheres da epoca.

— Ah! Beatas de uma figa.

O nosso collega do Telegrapho diz-nos seus diques: que ha um beneficio em favor do Coração de Jesus.

— Nós estamos promptos a passar as frisas. E' não fazerem cerimonia... Arranjamos até orchestra de gode!

Nós tambem vamos pedir um beneficio ao Antonio Pedro, para a padra-lhada de Santo Antonio, e terá o programma seguinte:

Quando o povo do paraizo do theatro, deixa de ser estúpido? Que diabo, as gargalhas dão-se a qual quer hora.

No domingo faz beneficio o sympathico e soberbo artista Antonio Pedro!

Lê-se no Voltaire: Uma nova edição da Biblia traduzida com muito cuidado nas Universidades de Cambridge e Oxford...

O reporter do jornal Chicago Times, escreveu 28 capitulos do evangelico S. Mathias, 16 de S. Marcos, 7 de Lucas e 5 de João...

Está se preparando o theatro «N. S. das Mercês». Brevemente haverá representações. A abertura do theatro terá com a soberba comedia La Reine Grisoltes...

CHARADAS A PREMIO.

- 1. Verbo comum na mulher é sciencia 2-2
2. Dão por ser alegre na orchestra 3-2
3. Letra do Delphos por estar de pernas ao ar sendo mulher 1-1-2
4. Na arceos e na sanica é alegre 2-1
5. No espaço\* p'erta a gata a sciencia 2-1-2



6.

Um homem na musica e mulher 2-1

7.

Verbo-2

Dob-1

No matto.

Até breve.

H. de Biondelmonte.

Mela hora de conversação com o leitor.

SUMMARY:—Falla ao Joaquim—Preleção litteraria—Primeira parte—A litteratura no seculo XVIII—Desculpa ao leitor—Atenção—Ramos na redoma—Um crime sem nome—A companhia de Antonio Pedro—Estamos bronco.

Estava ansioso á tua espera, meu querido Joaquim. Desde o numero passado que me feria cá dentro o desejo de conversar contigo. Ainda lem que vieste. Sabes o que hoje vou dizer-te? Aposto que não desobedias. Vou fallar seriamente com a tua pessoa, meu boia. Tenho-te ouvido fallar tanto em litteratura, que me desobedeço de te chamar á ordem, mostrando-te, pobre rapaz, que disse nada entendes.

Antes de começar, vou preveni-te d'uma cousa. Estou disposto a conversar seriamente, evitando qualquer graça a teu respeito, pois tu minha opinião tu não tens tanto valor que contigo se empregue uma pilheria. Vou fallar sério, fazendo-te uma especie de preleção cuja primeira parte vai ouvir hoje, e que continuarei nos proximos numeros do Futuro.

Uma grande cousa como seja a litteratura, não se convinhando, requer que d'ella se trate com dignidade. E o que quero fazer, e por isso te recomendo que não me interrompas no decurso da minha exposição com alguma das tuas pilherias de mão gosta.

Se não me entenderes, podes pedir explicações, que estou preparado para dar-las.

Escota.

A rapida transição das formas monarchico-aristocraticas para as democratico-socialistas entre os povos neo-latinos corresponde historicamente a um facto— a revolução de 93. Este facto, de grande alcance social, subvertendo as velhas instituições e transformando completamente a vida das nações, ha no mundo da arte dado lugar a uma renovação litteraria. Alterando o meio social, a litteratura, que é a sua expresso espontanea, vio-se forçada a abandonar as antigas formas para tomar outras em harmonia com o estado das intelligencias. Foi uma revolução litteraria correspondendo á social, baseada no mesmo molde de transformações— uma organização das ideias produzindo-se frente a frente com a organização das instituições.

Para comprehender bem a litteratura moderna, para lhe explicar as differentes faces que ha tomado, para lhe descrever a evolução, necessario se torna o estudo sobre as formas litterarias que a precederam. E' preciso ir buscar os germens, para comprehender os organismos que são o seu desenvolvimento. Na época litteraria que precedeu a revolução— no XVIII seculo, achamos esses germens. E' ali que convem estudar-os, para apreciar as modernas transformações litterarias á luz de uma critica intelligente.

A imitação das formas gregas, latinas, feitas convencionalmente, foi o traço

distinctivo da litteratura franceza durante o XVII seculo. A sombra do throno de Luiz XIV, a arte perdera a originalidade para tomar uma apparencia magestática de imitação frivola. Poetas, escriptores, artistas, haviam-se lançado n'um convencionalismo de formas. As produções litterarias tinham perdido o cunho proprio como moedas gastas. Nada havia de grande em meio dos talentos que viviam apolhedados nos degrãos do throno de um monarcha. Só um homem conseguiu ser original— Moliere; mas passara desapercobido sem que seus contemporaneos lhe conhecessem toda a grandeza.

Com a morte de Luiz XIV, esta litteratura vá entrou no periodo de sua dissolução. O espirito, cansado de applaudir, começou a permanecer frio ante as manifestações de uma litteratura—caduca. Os horizontes humanos haviam-se alargado; a philosophia entrou em scena fazendo a synthese do passado; estava-se no XVIII seculo, n'um epocha de crise moral e social. A magestade do reinado do filho de Luiz XIII haviam succedido as saturnias da regencia e a depração de Luiz XV. Tudo se transformara no mundo social e moral. O convencionalismo que existira esphacelava-se ante a critica philosophica que o perseguia. As instituições que tinham dominado desorganizavam-se rapidamente. Orelhe philosophico é como tolos o cunho, e a arte a face dominante d'essa epocha grandiosa. Foi elle que de tudo se opposou, que tudo manipulou no XVIII seculo. Mas a philosophia não é a arte. Sua lavação no mundo litterario foi um desorganizador e nada mais. Nada pôde crear, e a litteratura franceza como a das nações que lhe receberam a influencia, foi um chum em que a arte foi torturada.

A primeira forma na evolução litteraria é o hymno religioso, como o comprouva a historia. Esta forma corresponde á organização religiosa das sociedades que despontam. O seculo XVIII teve os hymnos de Le Franc de Pompignan— obra inutil sem correspondencia com uma organização social que não tinha tido. A epopéa é a segunda forma correspondente á expresso da nacionalidade de um povo que se constitue. O XVIII seculo teve a Henriade de Voltaire— poema chato—sem necessidade social que o justifique, e mais longe de ser a expresso dos sentimentos populares. O idyllio, a pastoral, a elegia— formas que convem aos povos na infancia, também invadiram o scenario do seculo, sem que nada lhes justificasse a existencia. O theatro finalmente—ultimo degrão da civilização, existia ali, mais senario, fraco, estiolado, discutindo theses, sem comprehender a sua missão civilisadora.

O seculo XVIII foi portanto em materia litteraria um monstro. Nada fez de grande, e desconhecia a arte. Entregue á indagação philosophica, foi um simples critico e nada mais. Examinou tudo, tudo estudou sem litterariamente nada legar de valia. Foi classico com Voltaire; romantico com Richardson e Rousseau; lyricocom Parry e Gentil Bernard; realista com Desage. Foi o porem inconscientemente, como em delirio, sem ter uma feição dominante que legasse á sua litteratura um cunho determinado. Parece que a descrença que se opposou dos espiritos em materia religiosa, também invadira o mundo da litteratura.

Um só facto basta para por em evidencia o estado da litteratura no XVIII seculo. E' o annuncio que Voltaire fez á França da existencia de Shakspere. A maneira porque elle fallou do grande romantico, já então cahido no desagrado na Inglaterra, pela influencia de Addison e de Pope, prova-nos que o grande homem que é a expresso de um seculo não comprehendera o autor do Othello. Esta não comprehensão mostra-nos a que ponto a arte era desconhecida. Voltaire como o seculo philosophava;— elle não era artista.

Como a historia o demonstra, a França foi no XVIII seculo o cerebro da Europa. Todas as nações lhe recebiam as ideias. Até os povos germanicos estavam sujeitos á sua enorme influencia. A França era o laboratorio do pensamento em que todas as ideias confusamente se revolviavam. Havia alli um trabalho de reconstituição do pensamento que irradiava pela Europa toda, e que levando por toda a parte a philosophia, tornava impossivel uma forma estavel que desse lugar a litteratura seria.

O resultado philosophico do seculo XVIII no mundo das ideias torna-se palpavel n'um homem que é a sua expresso mais completa. E' de Kant que tratamos. No seu idealismo critico, na reconstituição por elle operada nas leis do pensamento, está a feição dominante do seculo em que viveu. E' a indagação de todas as verdades, a pesquisa de todas as ideias—critica enorme de que o homem suas manifestações intellectaes e moraes é o objecto. E' a synthese immensa do que o homem sabe, preparando-o para analyse de novas verdades que busca saber. E' a aspiração da humanidade toda, que se traduz pela voz de um philosopho.

Na litteratura também um homem existe que traduz o estado da arte; mas suas concepções andava. E' o Goethe que toma todas as formas litterarias que se revolviu na litteratura do seculo XVIII. Ultrarromantico no Werther, quasi classico na Iphigenia; naturalista nos seus estudos philosophicos, faz passar o seu espirito por todas as escolas sem em nenhuma o deter. No Fausto traça o mytho do no estado ethico da humanidade, e lega ao porvir a imagem fiel da anarchia que se apossara dos espiritos. E' a sua obra a manifestação do estado moral das intelligencias. Como escriptor, Goethe pertence ao XVIII seculo, embora chronologicamente se o possa prender ao actual.

Como epocha litteraria o seculo passado foi uma era de fermentações d'ideias, em que a arte sem ideal fixo se lançou em todas as direcções. Ali não ha a concepção que resista á evolução, que deixe um monumento durador inatacavel pelo tempo. Ha porem a critica que demolindo prepara o scenario para a renovação de nossos dias. Em meios d'aquelles elementos que se chocam organisa-se inconscientemente uma arte nova que prepara novas concepções para um homem novo. Ha alli os germens do scepticismo de Byron e de Musset, do romantismo de Hugo, do lyricismo de Lamartine, do realismo de Zola.

Fico por ora n'este ponto, meu caro Joaquim, deixando para o proximo numero tratar da revolução litteraria contemporanea. Ha-de ser um trabalho longo, que me vejo forçado a fazer para te instruir um pouco, meu velho.

Aposto que já estás dormindo com a preleção! Não durmas, rapaz, e volta para tua casa a ler os teus cartapiços que te têm feito tão bronco.

Até breve.

Vamos jurar aos nossos deuses que tu estás com sono, leitor, cansado de me ouvir fallar de litteratura. Tem, porém, um pouco de paciencia; nem sempre podemos rir para te alegrar.

E depois, tu agora não precisas que nos te arranquemos garrigalhadas ou sorrisos; tens no theatro o Gil que, com a força de um comico de primeira ordem, te excita á hilaridade. As nossas graças agora de nada te podem servir. São inúteis de sua natureza.

Vai, portanto, ao theatro, leitor, e deita-nos a tarefa de te adornecer.

Promettemos no numero passado d'este periodico fazer comparecer n'estas conversações, um certo Antonio Ramos que nos anda abocanhando. E' nos, porém impossivel fazel-o agora, porque estamos estudando o typo para o expo com toda a verdade. Já limpamos o nosso microscopio, já preparamos uma redoma, para poder mirar-o em todos os sentidos. Só depois do exame completo o podemos fazer aqui comparecer.

A Civilização acaba de distribuir um folheto em que trata do processo de responsabilidade em que é autor o padre Baptista. Entre outras cousas, publica uma certidão em que se demonstra que o nosso melhor amigo—o Bôthencourt é réo do crime sem nome de não ser brasileiro, e do ainda maior—de haver casado sem estar empregado.

Em vista da certidão produzida pelos padres da Civilização, roga-se nos poderes competentes que mandem recolher á cadeia d'esta capital o atrevido que tem a audacia de escrever para jornaes sendo estrangeiro, e o arrojoo enorme de ser redactor de gazeta em 1881, havendo caado de ser expulso em 1870.

Punição para este crime inaudito.

Os ultimos espectaculos da Companhia de Antonio Pedro já são tão conhecidos do publico que inutil se torna d'elles fallar. Basta dizer-se que Antonio Pedro tem continuado a confirmar no palco o juizo que sobre elle o publico tem emitido. Infelizmente a companhia retira-se no dia 27 para Pernambuco. Oxalá que volte breve a divertir-nos.

O Maranhão vive tão monotonamente que a falta de artistas, como os das companhias actual, faz-se vivamente sentir.

Nada mais temos a acrescentar, leitor.

Estamos bronco como uma cebola.

EXPEDIENTE.

Recebemos a Gazeta de Noticias, de Maceió, cuja remessa agradecemos.

Em troca enviar-lhe-hemos o nosso jornal.

A redacção da Civilização dignou-se remetter-nos um folheto impreso na sua officina com o titulo—Responsabilidade da Imprensa—em que se trata do processo em que é autor, o padre Francisco José Baptista e réo, o impressor Barros Lima.

Agradecemos a attenção.

Maranhão—Typ. da Escovana. Edite—Fernando da Cruz Rabim.



